

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - UEG

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO II - TFG II

DENIVALDO FERREIRA LEMES FILHO

ARENITO SAGRADO

UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO ENTRE PAISAGENS DIALÉTICAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – UEG

Arquitetura e Urbanismo

Trabalho Final de Graduação

Orientadora: Maíra Teixeira Pereira.

Orientando: Denivaldo Ferreira Lemes Filho.

02 de outubro de 2020



NARRATIVA | Sumário

HINO DE PARAÚNA	07
INTRODUÇÃO	08
PARA MEDITAR	12
PRIMEIRO MISTÉRIO Do sopro às formas	18
<i>SERRA DAS GALÉS</i>	22
<i>SERRA DO CRISTO</i>	26
SEGUNDO MISTÉRIO Na raiz da Serra	34
TERCEIRO MISTÉRIO O apurar dos sentidos	42
QUARTO MISTÉRIO A cobra fumou. Da vela à capela	58
QUINTO MISTÉRIO Aproximação do todo	62
CONSAGRAÇÃO DO EXISTENTE Estudo de Caso	72
ADEQUAÇÃO Programas de Necessidade	81
A ESSÊNCIA Conceito	82
O SOPRO Partido	85
SÍNTESE DO PROJETO Um olhar do todo	86
VENCENDO BARREIRA Via atrás da Serra do Cristo	88
O PROFANO Início da passagem: A Praça	98
IMERSÃO Ascensão em mistérios	132
1. O FOGO Ascensão em mistérios	136
2. A TERRA Ascensão em mistérios	140
3. O AR Ascensão em mistérios	144
4. A ÁGUA Ascensão em mistérios	148
O SAGRADO Capela Reverencial	150
O SAGRADO Reconfiguração do espaço sagrado	174
REFERÊNCIAS	186





*Paraúna terra hospitaleira
De gente altaneira de nobre ideal
Do meu país és o rincão sagrado Cujoo o
povo honrado abomina o mal.*

*Saudamos Paraúna
Sua gente nobre e una
A esperança do porvir
Avante povo irmão
Com trabalho e educação
Havemos de progredir.*

*Paraúna terra de beleza
Onde a natureza em pujança medra
Belas Galés e o
Rio Turvo piscoso e o
Lindo Rio Formoso e a
Ponte Pedra.*

*Saudamos Paraúna
Sua gente nobre e uma
A esperança do porvir
Avante povo irmão
Com trabalho e educação
Havemos de progredir.*

Hino de Paraúna - GO

INTRODUÇÃO

Eis um convite a conhecer e compreender uma paisagem, talvez não tão única no cenário goiano, mas única em seu conjunto que a caracteriza como antropogeográfica - que ao longo do tempo foi criada/transformada pela apropriação humana. A Serra do Cristo de Paraúna - Goiás, lá pelas bandas do sudoeste do estado - 'pro' lado de Rio Verde - apresenta a verdadeira manifestação de fé que liga-se diretamente à uma das vastas riquezas naturais do município: **as suas formações rochosas**.

Com uma paisagem natural composta pela associação de relevos acidentados e planícies, o município apresenta diversas formações areníticas naturais que dão uma gigantesca identidade e potencial turístico àquele lugar. É aí que tal potencial merece um reconhecimento aprofundado ligado aos mais diversos âmbitos que o estudo permite. Mais especificamente, em um marco da paisagem natural do município, a Serra do Cristo, que eleva-se majestosa sobre o centro da cidade e impõe-se como cenário para o cotidiano da população paraunense.

Em complemento, o termo "paisagem antropogeográfica" manifesta-se através, principalmente, da fé, haja vista que desde 1944, com a construção da Capela de Nossa Senhora da Guia, no alto dos 35 metros da serra, a devoção agrega valores afetivos à localidade. São 75 anos de pura manifestação de fé, que abraçam o lugar e faz com que a tradição se firme em procissões, peregrinações e celebrações.

Por outro lado, é necessário fazer um resgate de diferentes olhares sobre a Serra do Cristo: quer pelo olhar de um turista, de um estudioso, de um agnóstico e dentre outros, de modo a analisar (no sentido etimológico da palavra) a Serra do Cristo.

Aproximar olhares que busquem compreender o impacto que tal elemento possui sobre o lugar, sobre os habitantes e até mesmo o contrário: o impacto humano sobre ele.

Compreendido o lugar e sua multiplicidade de relevâncias (científica, estética e histórico-cultural), há de se desenvolver o que pode ser proposto como melhorias àquela paisagem. Responder inquietações que o estudo ao longo deste trará. Em primeiro instante, vale adiantar a carência de uso dos espaços públicos (diretamente ligados à serra) devido à falta de programas que atraiam vitalidade ao local. Também, adequar o espaço à acessibilidade que a paisagem carece, tendo vista a subida com inclinações superiores à máxima exigida pela norma de acessibilidade. Ainda, vale dar espaço à construção de um templo ecumênico, que reverencie a matéria rochosa (vide sua relevância ao município).

Com o olhar além da Serra do Cristo, propriamente dita, há de se avançar através do elemento natural, que funciona como barreira e separa um centro urbano consolidado ao norte e um ambiente carente de qualificação urbana ao sul.

Diante de tudo, é aí que se torna interessante um circuito em narrativa pelo local, onde paisagens se transformam. Embora com linguagens diferentes, elas dialogam por uma conexão a ser sentida pelo visitante ao lugar. Para tanto, é vital ressaltar termos que culminem na compreensão do espaço proposto ao projeto: peregrinação, paisagem antropogeográfica, devoção, espaços públicos, tradição, paisagem natural, imagem e memória. Explorar e associar tais termos é um princípio do que gira em torno da essência a ser buscada no lugar.





PARA MEDITAR| Apresentação

Para rezar um terço, na religião católica, passa-se por cinco etapas. São os chamados “cinco mistérios”, sendo cada um referente a um momento específico na caminhada cronológica da vida de Jesus Cristo. A caminhada, ou até mesmo *promenade*, rumo à compreensão de algo em específico, possibilita que nós enxerguemos melhor um objeto de uma maneira não superficial.

Na cidade de Paraúna, no interior sudoeste do estado de Goiás, há um objeto de interesse à presente pesquisa: a chamada Serra do Cristo. No município, é comum encontrar inúmeras serras, mas esta em específico, carrega uma ligação direta com a vida da população. Ela se destaca em meio à sua paisagem, pois, de modo sucinto, é possível descrevê-la como um paredão rochoso em tons terrosos alaranjado, tomada por vegetações nativas do cerrado e coroada em seu topo pela pequena Capela de Nossa Senhora da Guia e uma grande estátua do Cristo Redentor.

Olhar para uma paisagem e enxergar nela um elemento de destaque, tem por resultado despertar uma certa curiosidade (quase uma necessidade de aproximação para melhor se compreender tal elemento) em um observador que não muito se familiariza com esta paisagem. A visão é o sentido deste primeiro contato. Tal interesse, a princípio, pode ser em compreender o que está em destaque e/ou até mesmo em como os ocupantes locais usufruem deste espaço - imaginando que este seja um elemento diretamente relacionado à vida das pessoas que as cerca.



Adiante a esse primeiro contato visual, há o que se buscar como um segundo contato auxiliado pelos demais sentidos. É aproximar-se e desbravar essa novidade da paisagem. Buscar um contato.

Assim, tomando como objeto de estudo a Serra do Cristo de Paraúna (área de intervenção projetual deste trabalho), é possível notar o quão a Serra é um elemento de destaque na paisagem em que ela se insere. Para tanto, diferentes formas e caminhos de se compreender um objeto são possíveis, mas o que resume todas essas formas à uma característica única é a análise.

Do grego *análysis* vem de *análein*, isto é, *aná* (para cima) + *lýein* (soltar, afrouxar, decompor). Análise significa desfazer, jogar para o alto. O termo provavelmente tem sua origem no beneficiamento do trigo in natura que, quando triturado e jogado para o alto, é possível separar grãos da palha. (ANÁLISE, s.d.)

Assim sendo, o que é proposto aqui para uma compreensão do objeto - enquanto lugar e área de intervenção projetual - é a separação de diferentes olhares e partes do todo (correspondente à Serra do Cristo), de modo que se compreenda a sua complexidade. Assim, uma vez conhecido e compreendido este objeto, é possível enxergar suas potencialidades e seus problemas, e as conseqüentes soluções projetuais surgem.

Reprodução do desenho da Serra do Cristo feito pelo autor, em 2004.

Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho. 2019.



Em primeiro lugar, é imprescindível destacar que até mesmo a percepção formal de um dado objeto não é fixa á todos os olhares. Assim, há que se notar ao fato de como as pessoas que frequentam ou que “turistam” a cidade de Paraúna enxerguem de perspectivas diferentes a majestosa Serra que se eleva sobre o setor central da cidade.

Nossa percepção chega a objetos, e o objeto, uma vez constituído, aparece como razão de todas as experiências que dele tivemos ou que dele poderíamos ter. Por exemplo, vejo a casa vizinha sob um certo ângulo, ela seria vista de outra maneira da margem direita do Sena, de outra maneira do interior, de outra maneira ainda, de um avião; a casa *ela mesma* não é nenhuma dessas aparições, ela é [...], o geometral dessas perspectivas e de todas as perspectivas possíveis, quer dizer, o termo sem perspectivas do qual se podem derivá-las todas, ela é a casa vista de lugar algum. (CARSALADE, 2014 p.35)

Todavia, a compreensão dela como um todo vai além. A configuração formal é uma delas, mas as outras formas de se analisar a Serra do Cristo é compreendê-la mais afundo: com os diferentes olhos que a cercam e que a formam. É analisar as diferentes compreensões, os diferentes olhares: como um sítio geológico em meio à cidade; como uma beleza natural intervinda como espaço público; como um espaço sagrado, cuja devoção marca a existência histórica e cultural nela; a história do local e sua ligação homem e fé; e a relação com a história do lugar em que ela se insere, a história do município.

Aqui cada olhar mais significativos que se têm da Serra do Cristo de Paraúna, será chamado de mistério. Uma referência ao que irá ser trazido a luz das discussões aqui levantadas e uma alusão aos mistérios gloriosos de quando se reza um terço (ficará mais evidente o porquê, no que aqui se chama de “terceiro mistério”).

Por hora, o estudo do Primeiro Mistério será voltado aos olhos do que a Serra (ou ainda “as serras”) representa para os que não são habitantes e/ou frequentes da Serra do Cristo. É importante que se note desde já que este trabalho é uma caminhada, que sai de olhos técnicos e científicos (ligados às pesquisas acadêmicas, ecoturismo e afins), até ir ao encontro do cotidiano da população paraunense usuária do local.




 Localização da Serra do Cristo

Imagem panorâmica da entrada da cidade de Paraúna – GO.
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=irT8rQ95nuw>. 2019.



PRIMEIRO MISTÉRIO| Do sopro às formas

*O cerrado não revela seus mistérios à gente
que não é cativa desse destinozinho de chão.
Guimarães Rosa*

Em Paraúna, o cerrado reflete bem a sua significativa diversidade natural: Bacias hídricas que encantam com suas quedas d'água, fauna que habita e compõe os sons do lugar, formações geológicas incríveis, que cravam suas profundas raízes em segredos e mistérios de possíveis civilizações em seus antepassados. São 3.779,385 km² de um município que abriga tais tesouros naturais e históricos ao longo de sua grande área enquanto município.


A área urbana é pequena. Segundo o IBGE (2019), a população estimada para o município de Paraúna em 2019 é de 10.988 habitantes, que compõem uma densidade demográfica de 2,87 hab/km².

Saindo de Goiânia rumo ao município de Paraúna, basta viajar grande parte da rota pela BR 060, sentido saída para Guapó (a sudoeste da capital) e seguir à sul até chegar à cidade de Indiará. De lá, seguir rumo a oeste pela rodovia GO-320, já é possível notar uma característica especial da região: a cadeia de morros que são permeadas pela estrada rumo ao destino Paraúna. Na GO-320 sentido oeste, a primeira cidade (Jandaia) simplesmente aparece sem aviso. Não é avistada. Sua entrada, com a presença de duas montanhas separadas pela estrada e um riacho, não dá dicas que a cidade aparecerá. Em seguida à Jandaia, ainda na mesma rodovia, se a vigem estiver sendo feita durante a noite, é possível enxergar, pelo alto dos morros em que a estrada pousa, as luzes da cidade deste destino: Paraúna.



Mapa de Goiás

Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho. 2019

 Município de Goiânia (capital)

 BR - 060

 Município de Paraúna

 GO - 320



Ao contrário da última cidade, antes de chegar ao destino, Paraúna não é marcada pela presença de formações de grandes morros (ao menos não na cidade), mas é abraçada por serras¹. Em tons de marrom terroso e até mesmo avermelhado, os grandes paredões tomam conta da *skyline* da pequena cidade, cujas edificações têm baixo gabarito. A medida que se adentra a avenida principal é possível notar, de ambos os lados, as formações rochosas que formam verdadeiros cenários para a pequena cidade.

Este município, cuja economia se movimenta pela agropecuária, possui um acervo natural que dá identidade ao local. Nele, uma riqueza, cada dia mais ameaçada, se encontra: o bioma cerrado. Com suas savanas, os campos limpo, campos sujo e cerradão, por vezes são interrompidos por muralhas em tons alaranjados que se elevam e se firmam como uma paisagem esplendorosa.

Que o município apresenta uma boa diversidade faunística, não é novidade, mas talvez seja necessário liga-la a elementos mais específicos, que giram em torno da análise da área de atuação do presente trabalho: as formações geológicas.

Há de se encontrar autores que tiveram um despertar curioso ao conhecer as serras:

Afinal das contas quem pode asseverar que as 'Galés' são só o que vemos acima do chão? 'As Galés' são um afloramento gasto de uma rica jazida de pedras falantes à espera de exploradores. Os túneis da 'Portaria' são entradas para sabe Deus que novas descobertas! Estas inquietantes e estranhas figuras que Alódio estuda e nos apresenta nesta obra, são um fato insólito, tremendamente estarrecedor. (SANCHEZ, 1986 p. 02)

¹ **Morro** é uma elevação natural do terreno, que chega até o limite de 300 m. A **serra** é definida como um relevo fortemente acidentado e rochoso.

² Portaria, como será apresentado neste capítulo, é a maior serra do município de Paraúna. É nela que uma parte significativa de estudos, segredos e mistérios ligada à geologia do município reside.

³ Alódio Tovar atua como topógrafo, cartógrafo, técnico projetista e jornalista. É o autor do livro "A FACE OCULTA DA NATUREZA: O enigma de Paraúna".



SERRA DAS GALÉS

A localização está especificamente no Parque Estadual de Paraúna, há 28 km da sede (cidade) do município. Também conhecida como a Cidade de Pedras de Paraúna, suas formações geológicas características, que formam verdadeiras imagens (tartaruga, índia segurando um filho e dentre muitas outras), podem ser consideradas cartão postal do município.

A visão humana reconhece volumetrias e as associa à outras formas volumétricas, de modo que se dê identidade a um objeto volumétrico: a Pedra do Cálice, por exemplo, recebe tal nome em função de sua semelhança à um cálice. As serras que pertencem à Serra das Galés, são capazes de exemplificar a teoria da *Gestalt*, que traz estudo sobre como compomos uma forma de um objeto, através da observação. Na Serra das Galés, as formas associadas a objetos, ou personagens, ou até mesmo animais, aparentam terem sido esculpidos por seres humanos.

[...] nesta área destaca-se a presença de geossítios gomorfológicos/ geológicos. Para Figueiredo & Olivatti, (1974) é evidente nos monumentos da Serra das Galés a presença de argilitos, silititos e arenitos finos. Os monumentos, que são rochas esculpidas por ações intempéricas ao longo dos anos, demonstram diversas formas caracterizando um valor estético. (FERREIRA, 2016 p.57)

⁴ Símbolo do município, a formação rochosa, esculpida em milhares de anos, se assemelha à um cálice



Croqui com a representação de da Pedra do cálice na Serra das Galés – Paraúna.

Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho. 2019



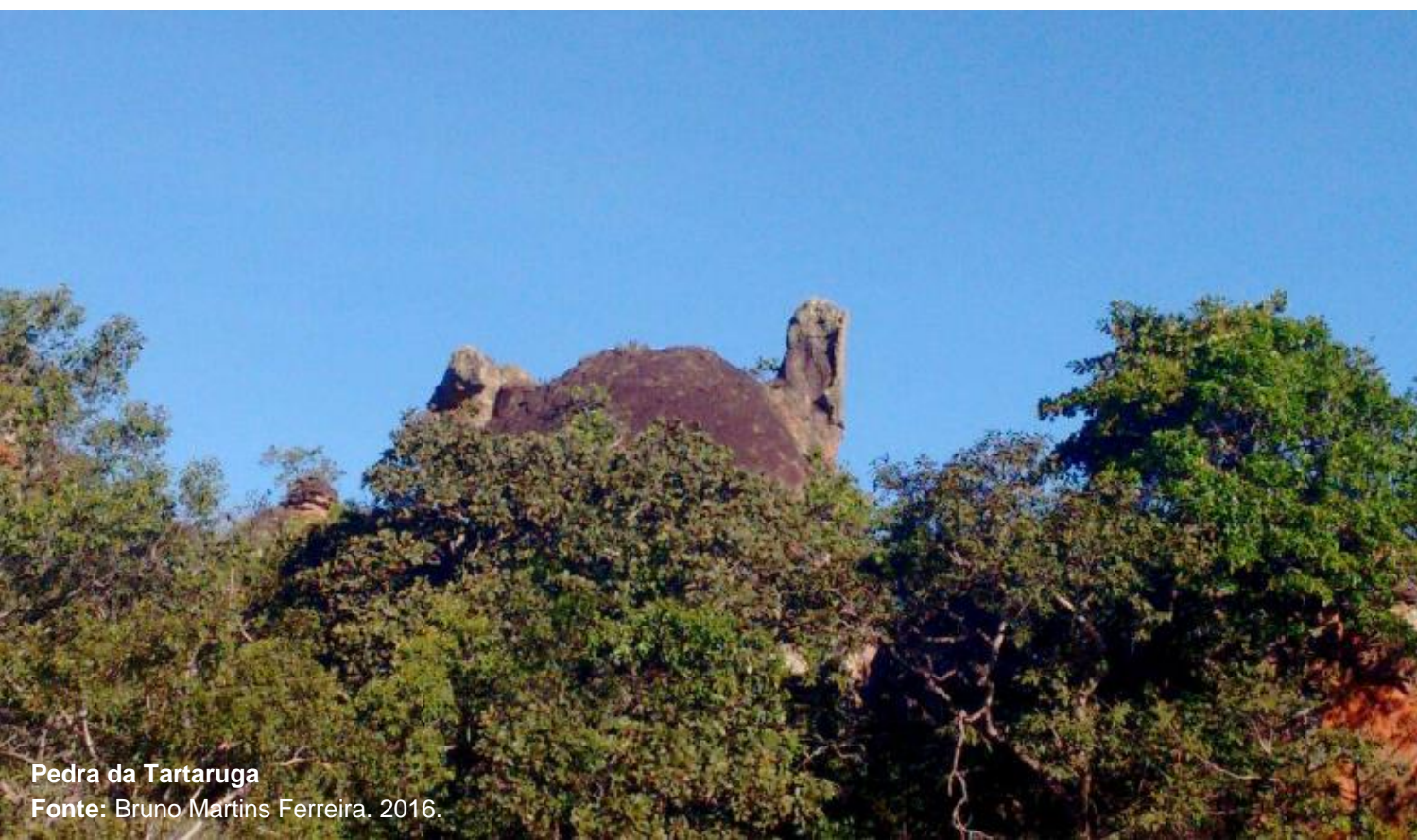
Vista panorâmica da Serra das Galés
Fonte: Bruno Martins Ferreira. 2016.



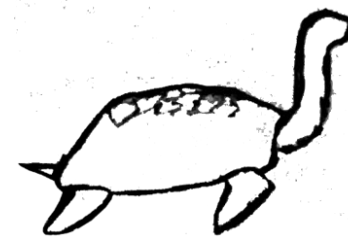
Pedra do Cálice
Fonte: Bruno Martins Ferreira. 2016.



Índia segurando o seu filho
 Fonte: Prefeitura Municipal de Paraúna. s.d.

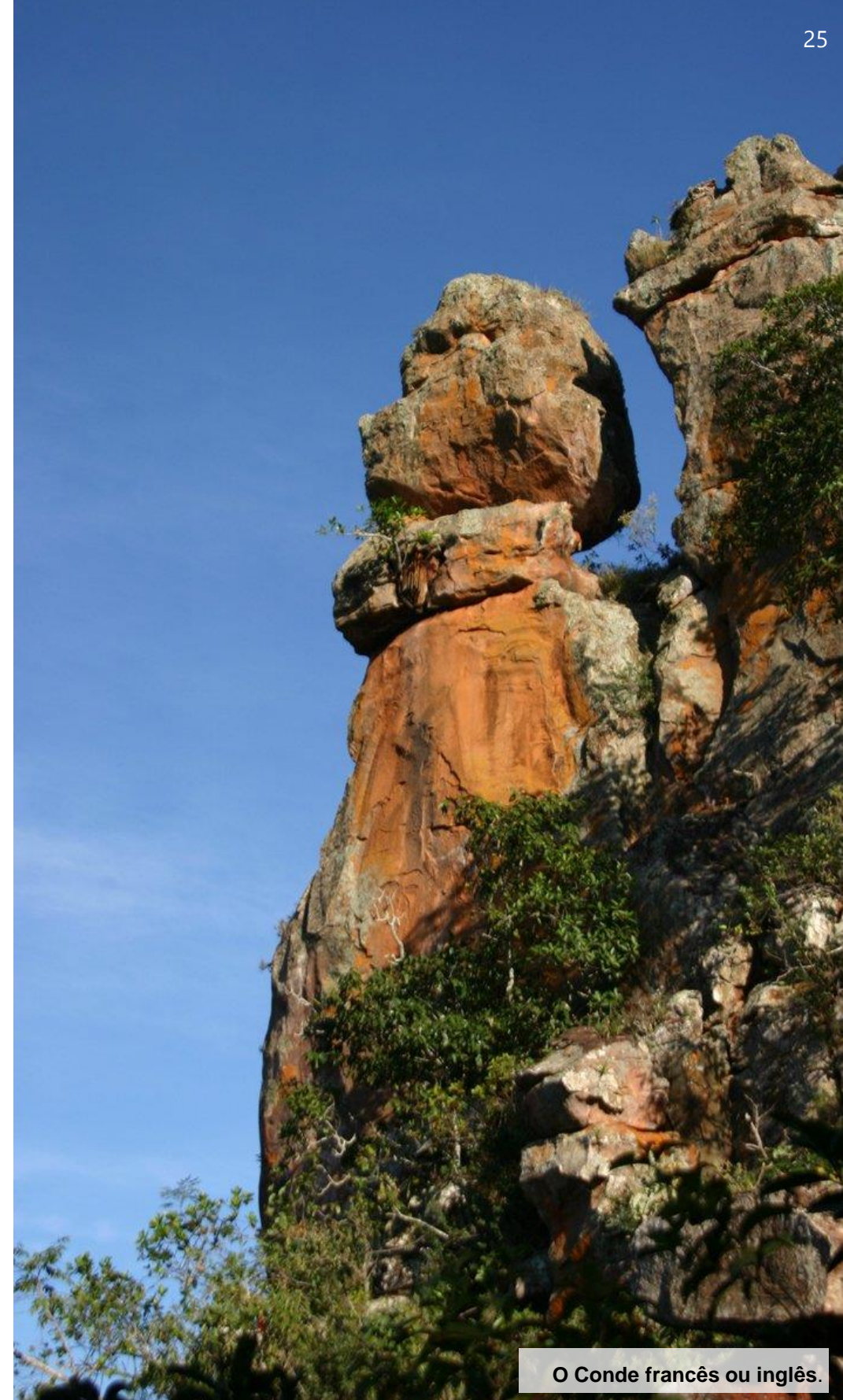


Pedra da Tartaruga
 Fonte: Bruno Martins Ferreira. 2016.



Croquis com a representação de três pedras da Serra das Galés – Paraúna.

Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho. 2019

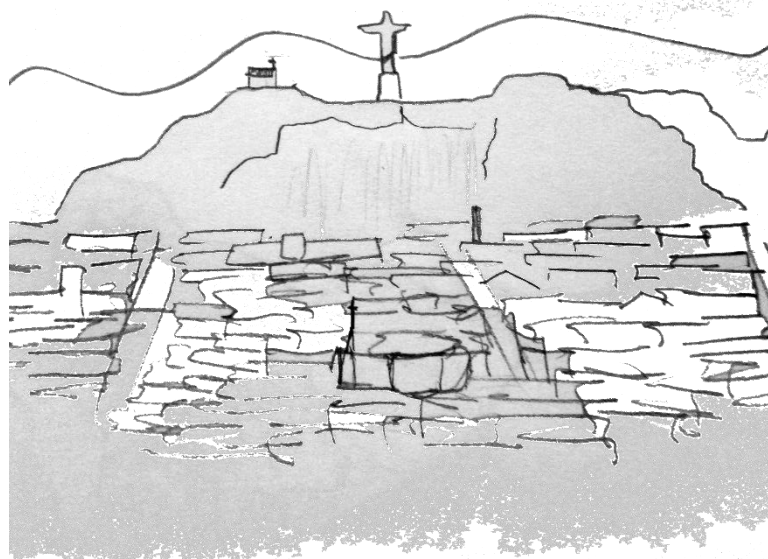


O Conde francês ou inglês.

Fonte: <https://twitter.com/blogdonoblat/status/796538434051592198>. s.d.

SERRA DO CRISTO

É chegada, por fim, a serra foco deste presente trabalho: a Serra do Cristo. Ela em especial, está ligada ao cotidiano das pessoas residentes da cidade. Primeiro, por sua localização: ela se eleva sobre o setor central da cidade de Paraúna e está inserida no meio urbano do município. Por conseguinte, em segundo lugar, abriga espaços públicos, desde a sua base, até o topo, embora não seja utilizado como espaço de lazer pela população, devido à falta de programas públicos. Em terceiro, o local é palco de festividades religiosas de grande relevância para o município e a oeste da serra, em sua base, há o cemitério municipal, que há algum tempo já enfrenta o processo de superlotação.



Croqui da Serra do Cristo que se eleva sobre o setor Central.

Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho. 2019

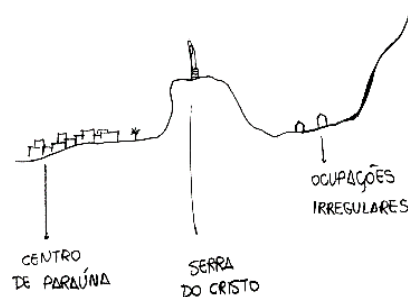


Há de se lançar o olhar, agora, ao fato de como a cidade, que se desenvolveu nas proximidades tanto da Serra do Cristo, quanto da grande serra atrás dela (Serra de Paraúna) com olhos mais apurados aos marcos urbanos. Com a percepção de Kevin Lynch (1960) em “A imagem da cidade”, é possível associar dois elementos, por ele citados, que estão presentes no contexto urbano de Paraúna: Limites e Marcos.

O primeiro é caracterizado como barreira física que separa duas formas de ocupação (sendo uma mais densa e planejada e outra mais espontânea) da cidade. Ao observar a cidade de Paraúna, é possível notar uma área relativamente adensada (correspondente ao centro da cidade) e outra bem menos adensada (correspondente à antigas ocupações irregulares), separadas pela presença da Serra - ver **Mapa de implantação da Serra do Cristo de Paraúna** (próxima página). Um problema proveniente disto é o perigo que o local revela, uma vez que o isolamento se intensifica com a única via de acesso não pavimentada em asfalto.

Outra característica dos limites é que eles podem ter um efeito de segregação nas cidades. Limites numerosos e que atuam mais como barreiras do que como elementos de ligação acabam separando excessivamente as partes da cidade, e prejudicando uma visão do todo. (URBANIDADES, 2008)

Assim, é comum, que as pessoas se localizem e ainda usem a Serra do Cristo como referência, em virtude de seu destaque frente a paisagem urbana.



Serra como uma barreira.

Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho. 2019



Mapa de implantação da Serra do Cristo de Paraúna.

Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho. 2019.

- 1 CENTRO
- 2 SERRA DO CRISTO
- 3 CEMITÉRIO MUNICIPAL
- 4 RESIDÊNCIAS⁵ AO SUL DA SERRA DO CRISTO, CORTADA POR VIA NÃO PAVIMENTADA
- 5 GRANDE SERRA POSTERIOR À SERRA DO CRISTO

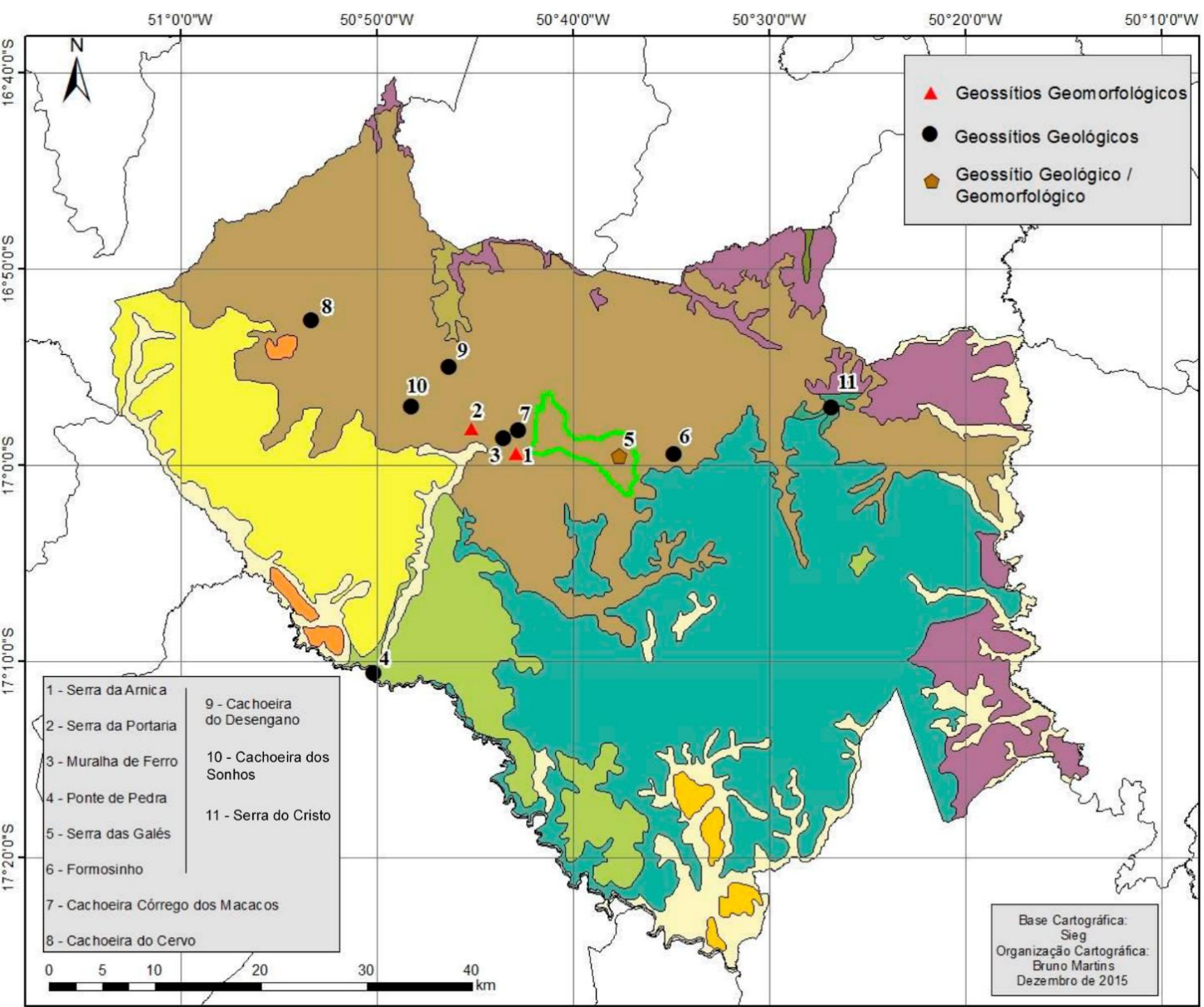
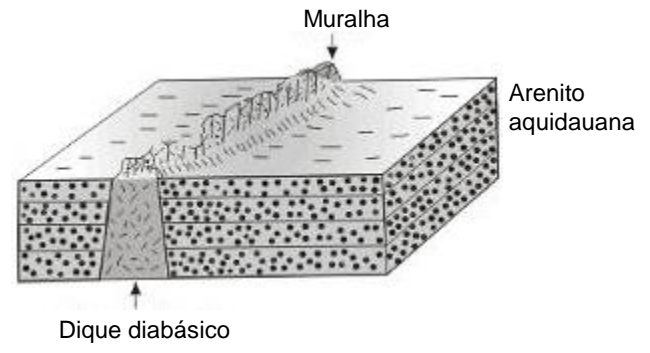
O segundo elemento citado por Kevin Lynch (1960) corresponde aos marcos urbanos, e refere à objetos contrastantes em uma paisagem que destacam-se a ponto de se tornarem referência. Associado à isso, já não é novidade que a Serra do Cristo se apresente como um marco em meio a cidade: tanto por sua proporção, quanto a sua inserção na malha urbana, e ainda somado ao fato de a proporção dos edifícios da cidade de Paraúna (dimensões e gabaritos relativamente reduzidos) conferem a ela a característica de marco da paisagem.

Sua principal característica é a singularidade, algum aspecto que é único ou memorável no contexto. Isso pode ser alcançado de duas maneiras: sendo visto a partir de muitos lugares, ou estabelecendo um contraste local com os elementos mais próximos. (URBANIDADES, 2008)

Assim, as pessoas se localizam e ainda usam de referência principalmente a Serra do Cristo, em virtude de seu destaque frente a paisagem urbana.

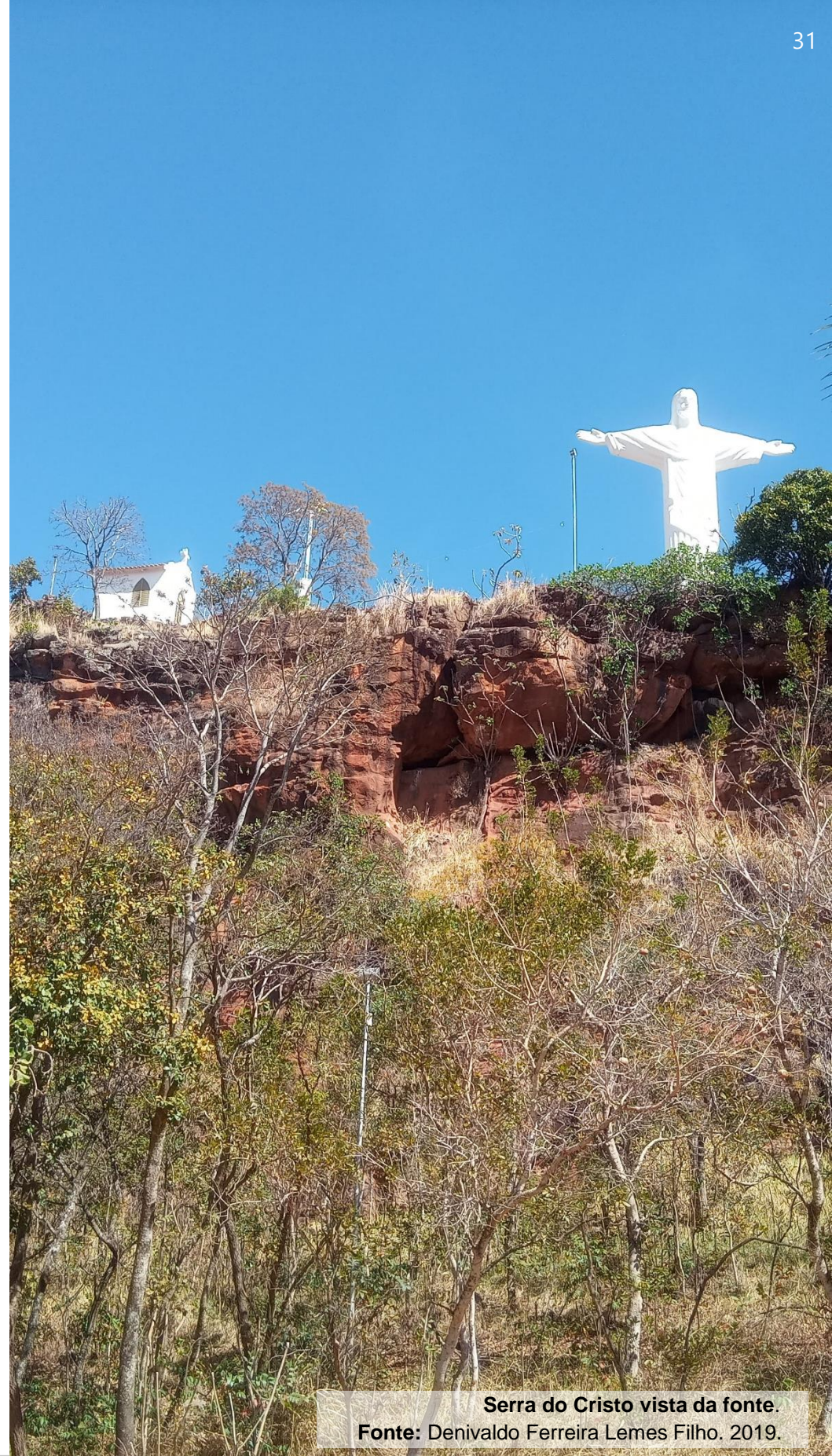
⁵As residências, algumas funcionam como chácaras, estão em processo de regularização, previsto para findar até o final da gestão municipal atual.

Agora, quanto a dados geomorfológicos da Serra do Cristo, é necessário revelar a sua importância como um sítio de pesquisas geológicas. Ela foi formada, pelas definições de Casseti (1994, p.74, apud Ferreira, 2016 p.40) pela erosão diferencial, onde uma muralha erigida pela presença de um dique diabásico, começa a se revelar com a erosão do arenito aquidauana ao longo de vários anos.



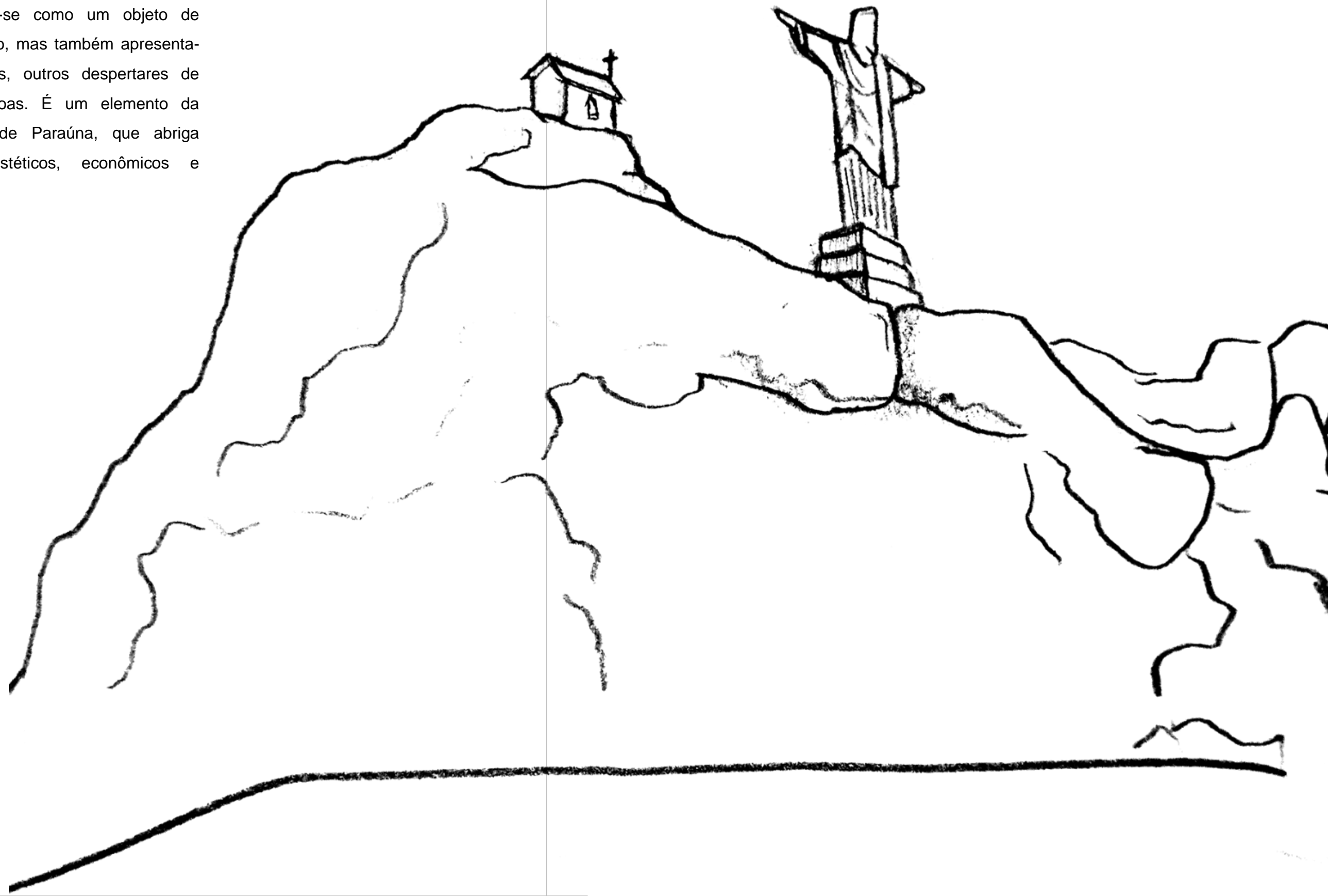
Localização dos geossítios nas respectivas unidades geológicas

Fonte: Ferreira, 2016.



Serra do Cristo vista da fonte. Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho. 2019.

A Serra apresenta-se como um objeto de interesse geomorfológico, mas também apresenta-se como outras visões, outros despertares de experiências nas pessoas. É um elemento da paisagem da cidade de Paraúna, que abriga valores científicos, estéticos, econômicos e culturais.



SEGUNDO MISTÉRIO| Na raiz da Serra

Como já mencionado no capítulo anterior, a Serra do Cristo abriga espaços públicos enraizados em sua base (se misturam e fazem parte da imagem da Serra), que situam-se defronte ao prédio da Prefeitura (à norte da Serra) e separada pela via principal da cidade: Avenida JK. O nome da praça é Praça Eugênio Sardinha, mas é comum encontrar os moradores a chamando de Praça do Cristo.

Neste capítulo, então, é destinado ao estudo das áreas de uso público pertencentes à Serra do Cristo e suas imediações. Para tanto, há de se dar vista, agora, a dois ambientes principais: a Praça Eugênio Sardinha e o Cemitério Municipal.

A praça já sofreu transformações ao longos dos anos de ocupação do local. É bem possível notar isto através do registro fotográfico datado de 1983, em comparação com um registro fotográfico de 2019. Com relação à arborização, é visível a mudança. Em 1983 é possível notar uma quantidade maior de variâncias de espécies e porte de vegetações, árvores de copas mais horizontais, como a Sibipiruna, compunham o estrato arbóreo do ambiente. Hoje em dia, porém, após reformas (sendo a última em 2007), as árvores que não são as nativas na base da Serra são Palmeiras Imperiais, que não valorizam a apropriação do espaço e nem a visada do local.

Cada paisagem, ainda mais se tratando de um país em proporção continental como o Brasil, carrega uma grande diversidade natural: desde a Mata Atlântica à Caatinga, por exemplo. Assim, vale reconhecer que a paisagem natural e geográfica, porém não só, são facilmente distinguidas por quem as comparam.

Nós sabemos perfeitamente que a paisagem, não só a antropogeográfica¹, é sempre construída historicamente enquanto decisão de distinção ou de resíduo, com exceção do puro deserto: somos capazes de reconhecer e de distinguir a paisagem toscana da sueca, ainda que sejam similares do ponto de vista da geografia física, porque a história da atividade humana sobre aquele suporte geográfico a construiu paciente e coerente como paisagem. (GREGOTTI, 2010 p.67)

¹Gregotti (2010) trata de paisagem antropogeográfica como uma vasta paisagem geográfica que sofreu modificações humanas ao longo do tempo e que resultou em uma soma para compor a identidade deste dado local.



Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/parauna/historico>, 1983.



Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2019.

Imagens da praça Eugênio Sardinha com os ângulos similares, mas em épocas diferentes.

No século XVIII, com a chegada da família real ao Brasil, consoante às chamadas “melhorias” feitas na sede provisória da coroa, o Jardim Botânico veio com o seu padrão de natureza “domada” pelo homem e como se fosse a verdadeira e única beleza natural para a época. A palmeiras imperiais, por exemplo, compunham esta paisagem bucólica o que gerou por consequência a sua difusão pelo país ao longo dos anos. Até mesmo no interior, Paraúna como é o caso deste trabalho, a palmeira imperial se fez presente no paisagismo urbano.

Como bem tratou Gregotti (2010), cada paisagem carrega a sua identidade, mais ainda quando somada à manifestações humanas (sejam elas erudita ou vernacular). Por outro lado, é importante ter cuidados sobre a perda da característica natural do espaço ao compor espaços de uso públicos com vegetações que, como no caso da Praça Eugênio Sardinha, é meramente estético. Associado à isso, há de se dizer da carência de programas que dariam vida ao lugar, e que muito bem, ainda, combinariam com o agenciamento de elementos paisagísticos capazes de resultar em espaços confortáveis e estimulantes à estadia de usuários.

Não há projetos paisagísticos sem definição de lugares. **Lugar** é todo aquele espaço agradável que convida ao encontro das pessoas ou ao nosso próprio encontro. Ele estimula a **permanecer** e praticar algum atividade, como descansar, meditar, ler, conversar em grupo, ou simplesmente admirar o entorno e os elementos da paisagem.

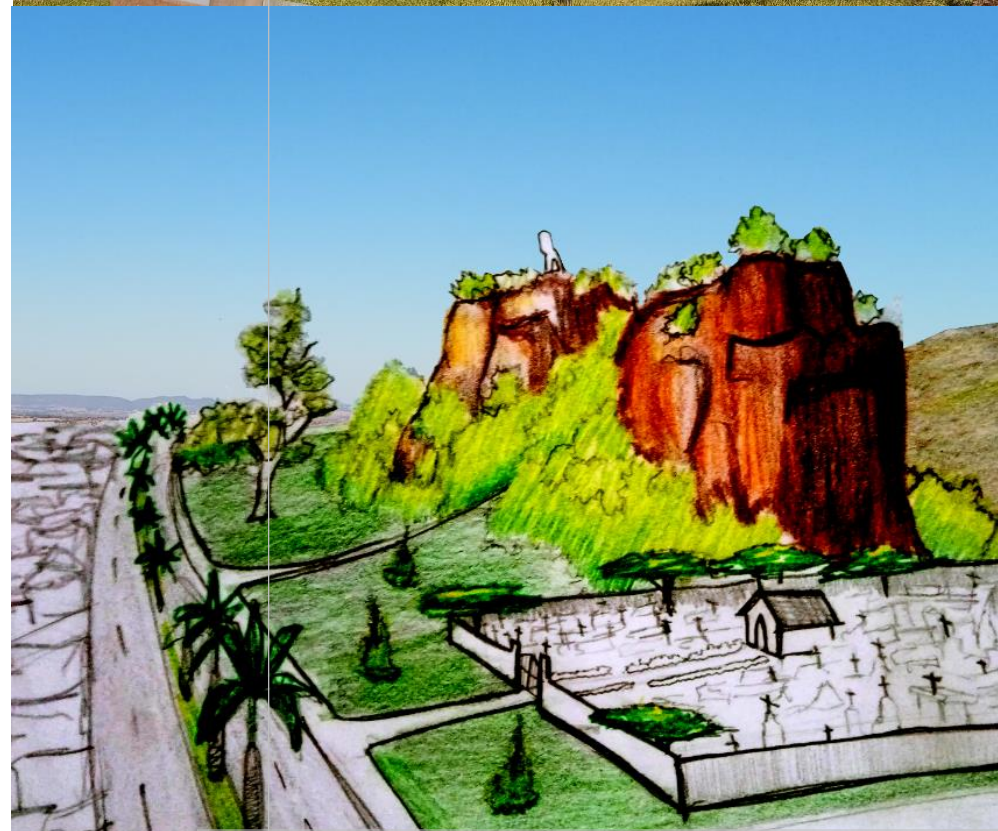
Um lugar deve ser sempre agradável e propiciar conforto. Nos dias quentes deve refrescar com sua sombra; nos frios, aquecer com o sol. E sobretudo deve ter proporção e escala compatíveis com o ser humano. (ABBUD, 2006 p.24)

Palmeiras são elementos essenciais em paisagismo ao se compor, por exemplo, pontos focais de interesse ou emoldurar paisagens, entretanto, um espaço composto somente por tais e em agenciamento sem estudo, não revela um espaço de uso e estar público muito eficiente.



Praça Eugênio Sardinha

Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho. 2019.



Já o cemitério (feito por volta da década de 40, uma vez que era situado onde hoje é a Igreja Matriz Menino Jesus), está à oeste da Serra. Chegar da Avenida JK, rumo à entrada do cemitério, há uma via em paralelepípedo, com pouco mais de vinte metros, que conduz o visitante ao portão metálico centralizado em um muro completamente opaco. Esta via perspectiva o olhar à uma pequena capela: é a capela que abriga as inúmeras velas em dias de finados.

Croqui panorama Cemitério Municipal e Serra do Cristo.

Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho. 2019.

Ao desviar o olhar deste ponto focal, da capelinha do cemitério, e redirecioná-lo ao cemitério como um todo, pode-se notar o quanto a paisagem geográfica do entorno traz o sagrado ao local. Os incontáveis túmulos com suas cruzes que riscam por vezes o céu, ou a grande serra ao sul, e até mesmo o enorme paredão da Serra do Cristo, à leste, compõem o cenário de um espaço silencioso e sacro.

Por outro lado, porém, com um olhar crítico é possível notar uma problemática que surgiu há anos: a superlotação do espaço, somado à falta de estruturação em pavimentação e inexistência de caminhos bem demarcados ao longo cemitério. A organização dos lotes (túmulos) sugerem uma apropriação espontânea.

Já neste século, foi criado um novo cemitério na cidade, mais a leste da malha urbana. Mesmo assim, grande parte da população tem mais anseio por serem enterrados no Cemitério Municipal. A memória junto à entes queridos que já foram ali enterrados, motivam tais desejos.

Assim, a Serra do Cristo e o seu entorno imediato, compõem um olhar como espaço público, também. As pessoas se sentem ligadas ao lugar, com a paisagem antropogeográfica - um objeto geográfico natural, para este caso, que sofreu intervenções e apropriação humana, de modo que a paisagem se modifique. A Serra do Cristo faz parte do todo que é a cidade de Paraúna. É uma grande forma única, que traz identidade ao município. Por outro lado, possui espaços públicos que carecem de atenção maior em se tratando de usos e apropriação (praça), e até ampliação e caminhabilidade (cemitério).





Portão de acesso principal ao Cemitério Municipal de Paraúna.
Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2019.



AO LADO: Fachada norte e acesso principal do Cemitério Municipal de Paraúna

ABAIXO: croqui panorâmico da Serra do Cristo, cemitério e o seu entorno imediato.

Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2019.



TERCEIRO MISTÉRIO| O apurar dos sentidos

*A cepa brotou a rama
Da rama brotou a flor
Da flor nasceu Maria
De Maria o Salvador*

Os cinco sentidos humanos – visão, olfato, audição, tato, e até mesmo o paladar – despertam sensações à medida que nos inserimos em qualquer espaço. Claro que se intensifica quando há um traslado de ambiente à outro, por exemplo. Passar de um local aberto e ensolarado, para um mais fechado e fresco, a sensação e percepção de tal espaço será estimulada. Por outro lado, é necessário complementar que de pessoa para pessoa a percepção de um dado local é diferente. Independente da experiência individual de cada um com este lugar, ainda assim a percepção é diferente.

“Duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem a mesma avaliação do meio ambiente. A própria visão científica está ligada a cultura – uma possível perspectiva entre muitas.” (TUAN, 2013. p.21)

Tuan trata da relação humana com o ambiente natural, quase que intocado pelo homem (o que de fato está diretamente relacionado ao local de estudo deste trabalho), todavia, ainda assim é possível trazer tais informações à discussão de estudo da área. A localização em um marco natural (ainda com forte presença de espaços naturais), tem o que despertar perspectivas em seus frequentes visitantes/usuários.

Ainda que perspectivas diferentes, é possível olhar com olhos de uma perspectiva coletiva.

“Todos os seres humanos compartilham percepções comuns do mundo comum, em virtude de possuírem órgãos similares. A unicidade a perspectiva humana deve diferir da dos outros animais.” (TUAN, 2013. p. 21)



Imagem de Nossa Senhora da Guia: a Padroeira dos Navegantes.

Fonte:
<https://soucatequista.com.br/oracao-a-nossa-senhora-da-guia.html> ANO:
2012
, 2012.

O que nesta caminhada de estudo se pretende, é uma aproximação aos olhos devotos da população paraunense. Compreender um novo ponto de vista (significativo) sob o olhar dos habitantes. Há um caminho de fé a se observar, agora.

Nesta perspectiva, a Serra do Cristo já não é mais uma formação rochosa lapidada pelas intempéries ao longo de milhares de anos, mas um objeto sagrado.

[...] não tardaremos a ver, não se trata da veneração da pedra como a pedra, de um culto da árvore como a árvore. A pedra sagrada, árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o ganz andere. (ELIADE, 1992. p.18)

A serra está ligada à memória; ao ato de fé; à sua própria história; à tradição; a momentos anuais de procissão e peregrinação em devoções católicas, ela se faz cenário para receber os fiéis. Na tradição mundial de *Corpus Christie*¹, é ao final do dia que ocorre a procissão sobre o tapete de rua, que conduz a comunidade de fé ao topo da serra, mais próximo ao céu, para o rito de adoração.

Mais característico ainda, é no início do mês de agosto que ocorre a novena em louvor à Nossa Senhora a Guia. Festividade esta que atrai os fiéis, em peregrinação, ao local de estudo da presente pesquisa.

De algumas ruas do centro de Paraúna já é possível enxergar o local de acesso ao topo da serra. A visão é voltada à grande formação natural (rochosa e vegetações nativas) interrompidas por modificações e intervenções humanas. No início da via de ascensão ao topo da Serra, o cemitério colabora par a composição de um ambiente é de respeito aos que já partiram.

¹ Comemoração do corpo e sangue de Jesus Cristo desde o milagre de Bolsena, em 1263, quando de uma hóstia sagrada começou a escorrer sangue. Mais tarde, em Portugal, começou-se a tradição de fazer tapetes provisórios nas ruas, no dia de *Corpus Christie*.



Missa sobre a serra, em dia de *Corpus Christie*.

Fonte: Instagram Paróquia Menino Jesus, 2019.

Na cena, o acesso à serra compartilha o espaço com o cemitério municipal. O som da cidade, ainda que pequena, se faz presente. A *promenade* rumo ao topo parece desafiar. Não dá para se dimensionar a extensão e nem a inclinação da subida até o topo. No começo do percurso, a Serra já se encontra em grande afastamento da rua. A vista é ampla. A inclinação já é perceptível desde então. Os comércios, as ruas e até os carros encontram-se abaixo da linha do horizonte.

Por outro lado, a serra já parece estar maior do era no primeiro passo da caminhada. O contato com o lugar é mais intenso. Há quem já possa estar ofegante com a subida. É uma caminhada em ascensão. O que há poucos segundos era um espaço amplo, que dava para se ver os comércios do centro, agora já se revela bem um caminho acolhedor. Difícil pela inclinação, porém acolhedor. As grandes pedras encostadas sutilmente na via em paralelepípedos e as árvores nativas que somam às formações rochosas e arranham o céu, compõem esta nova cena da caminhada.

O ar mais fresco desperta o tato humano e intensifica a sensação de que o local é especial. Já o som da cidade é substituído pelo vento que varre as folhas secas ao chão, além do rastejar da flora que ali se encontra. Há de se notar o cantar dos pássaros. São belezas na árdua caminhada a pé.

A percepção que os sentidos humanos permitem é a de um novo cenário. Uma nova perspectiva do lugar. Parece estar dentro das rochas milenares que compõe o grande paredão que se funda no centro da cidade de Paraúna.



Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2019.



Croquis do percurso de subida ao topo.

Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2019.



Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2019.



Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2019.

É cansativo, para muitos é até sofrido, mas para todos ali é possível prosseguir. A esta altura, a via curva não abre vista para o que se percorreu e nem para o tanto que ainda falta para chegar.

A intenção de chegar ao topo, ao ápice da serra, permite que a caminhada continue. É aí que as grandes rochas abrem espaços à um horizonte. As árvores que antes arranhavam o céu, agora parecem uma mãe que guarda um presente em suas costas. Aos poucos é revelado o destino final. O topo parece abraçar com as boas vindas e convidar a explorar.

A estátua, que das ruas da cidade parecia relativamente pequena, agora é um grande marco de boas vindas ao topo. A sua dimensão parece intimidar, mas estar ali encanta. É estar ali e sentir-se pertencente. Mais próximo ao céu.

É abaixar a vista e ver ela, a Capela de Nossa Senhora da Guia, que se eleva sobre um altar natural de pedra. Enquadrada pelo céu que toca a rocha, a pequena capela convida à aproximação. É um símbolo, um marco que sobrevive ao tempo e carrega histórias de devoção desde o momento em que foi pensada. No momento, porém, enxergar a capela frente sua implantação é ver a sua proximidade com o céu.

A simples contemplação da abóboda celeste é suficiente para desencadear uma experiência religiosa. O céu revela-se infinito, transcendente. É por excelência o *ganz andere* diante do qual o homem e seu meio ambiente pouco representam. A transcendência revela-se pela simples tomada de consciência da altura infinita. O “muito alto” torna-se espontaneamente um atributo de divindade. As regiões superiores inacessíveis ao homem, as zonas siderais, adquirem o prestígio do transcendente, da realidade absoluta, da eternidade. [...] Aquele que se eleva subindo a escadaria de um Santuário, ou a escada ritual que conduz ao céu, deixa então de ser homem: de uma maneira ou de outra, passa a fazer parte da condição divina. (ELIADE, 1992. p.100 e 101)



Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2019.



A manifestação do sagrado presente ao fim da narrativa de ascensão rumo ao topo da Serra, seguido pela visualização da Capela de Nossa Senhora da Guia em contato com a Pedra e o céu.

Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2019.

Um novo mistério pode ecoar em quem ali visita: como se deu a apropriação do espaço? Qual a história do lugar?

No momento, porém, ainda vale despertar a curiosidades dos cinco sentidos humanos. É continuar explorando o que mais o alto da Serra pode oferecer.

Há o que se notar, ainda na direção oposta à fachada frontal da capela. Uma área, também elevada como o altar natural de pedra da Capela, contudo ainda não modificado pela apropriação humana.

Basta aproximar-se de tal área para novamente entrar em contato mais direto com as testemunhas naturais da apropriação humana no local como um todo: as formações rochosas. As rochas, como aqui já mencionado, é um elemento importante para o município. Ter a sensibilidade de identifica-las como símbolo e identidade de tal lugar, é compreender a sua importância/relevância na compreensão daquela paisagem e conseqüentemente daquele lugar.

Além disso, a manifestação da tradição na área é algo que não se perde forças, por outro lado, contudo, apresenta alguns empecilhos que ecoam nas necessidades dos dias de hoje. Em dias de novenas os carros, que conduzem parcelas de fiéis, competem com as cadeiras das pessoas que acompanham às missas. Há pouco espaço pavimentado.

Fonte:
Denivaldo
Ferreira
Lemes Filho,
2019.





Imagem Georreferenciada da Serra do Cristo de Paraúna.
Fonte: Prefeitura de Paraúna, 2019.

Enfim, a contemplação. O olhar sobre a própria cidade. Estar no alto da Serra desperta a curiosidade de pairar um olhar, também, sobre o que está abaixo e até onde a vista alcançar. Uma vez a noite (até mesmo em horário da novena), a visão é a de que está no ponto mais alto o possível. As luzes da cidade mostram a apropriação da sede do município sobre o relevo do local. Parecem brasas que forram o chão de leste a oeste.

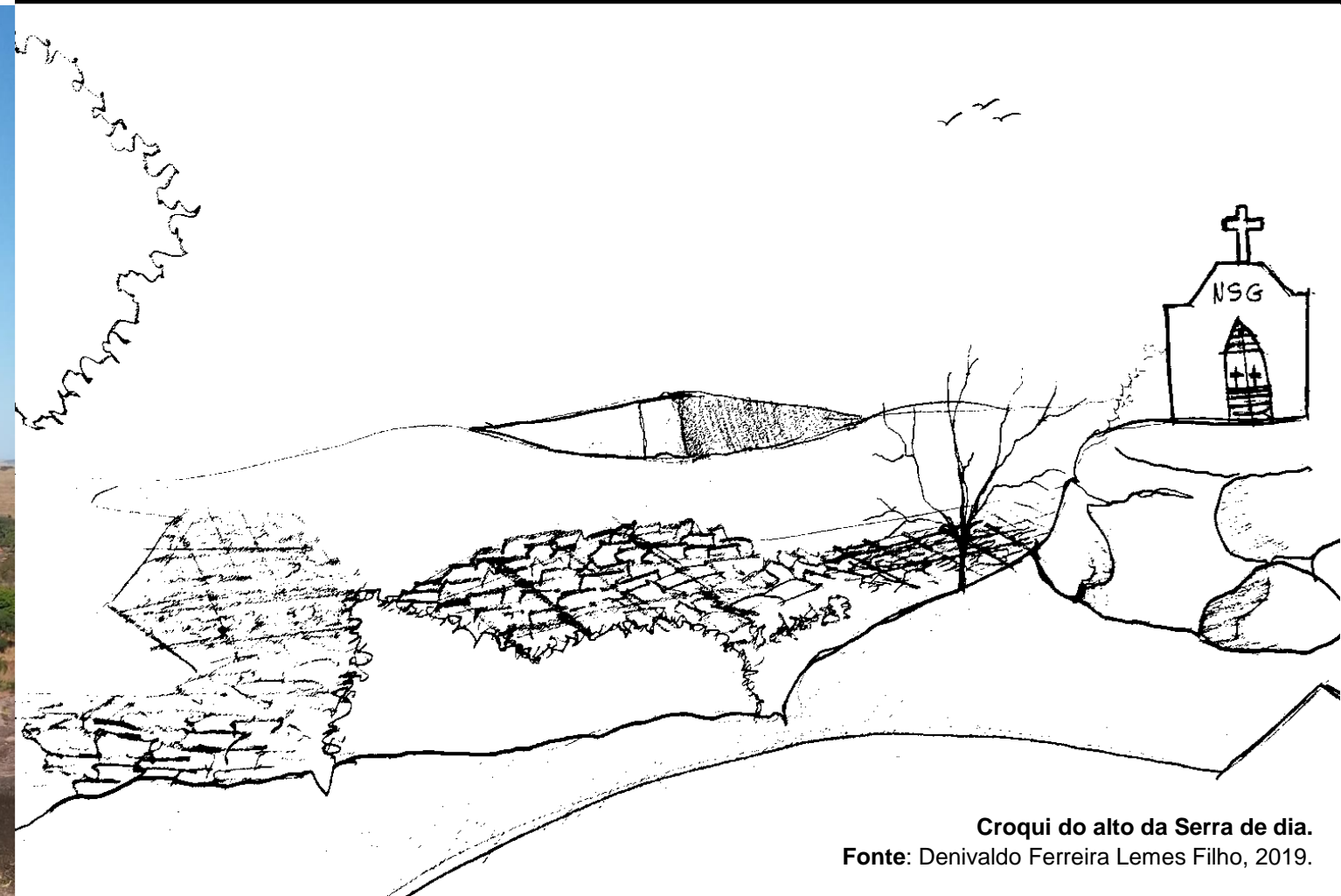
Por outro lado, uma vez à luz do dia, ali já não parece o ponto mais alto. As serras e morros vizinhos confeccionam um novo cenário não menos interessante. A cidade já se revela uma mistura de cores – não uma composição de luzes amarelas. O horizonte mais distante a leste, revela uma rica formação de relevo que o cerrado se firmou. Tudo é uma paisagem. Estar ali, e identifica-la como tal, aparenta despertar uma união à ela. Fazer parte dela.



Croqui do alto da Serra a noite.
Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2019.



Horizonte à leste, vista por detrás da Capela
Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2019.



Croqui do alto da Serra de dia.
Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2019.

QUARTO MISTÉRIO | A cobra fumou.¹ Da vela à capela

Foi no ano de 1944 que a Capela de Nossa Senhora da Guia foi construída. Mais específico em 15 de agosto, segundo informação disponibilizada no local e no site da prefeitura. Mas a história de devoção que erigiu a capela começou antes.

Tudo começou em janeiro de 1942, quando o Brasil rompeu ligações diplomáticas com os países do Eixo². A retaliação veio imediatamente e vários navios brasileiros foram torpedeados por submarinos alemães e italianos. No final de agosto, o presidente Getúlio Vargas, que na época comandava uma ditadura, declarou guerra a esses países. Um contingente de 25 mil pessoas foi formado no ano seguinte, para fazer parte das Forças Aliadas, que combatiam os exércitos nazifascista na Europa. Uma multidão foi ver a FEB desfilarem no centro do Rio de Janeiro, então capital da república. [...] Algumas pessoas preferiram não ir ao desfile. Não valia a pena. Para eles era mais fácil uma cobra fumar, que a FEB partir para a Guerra. (A COBRA FUMOU, 2002. 00:03:51)

A missão era praticamente secreta. Soldados embarcaram, mas ainda assim não sabiam o destino. Já na Europa, desembarcaram no porto de Nápolis. A missão era romper a linha defensiva – criada pelos nazifascistas, no norte da Itália. Era a Linha Gótica.

Por outro lado, entretanto, não era isso que uma família, ou mais específico, uma mãe, se preocupava. O temor girava em torno de uma dor/mal, que uma mãe corre o risco de sofrer: a perda um filho.

É bem possível de se imaginar uma mãe rogando em preces e promessas, defronte uma vela, para que seu filho não fosse convocado à sofrer pela guerra. O nome dela era Otavila de Souza Melo (s.d. – s.d.), e em devoção à Nossa Senhora da Guia, rogou pelo teu filho⁴ e companheiros de sua terra natal (Paraúna - GO) fossem dispensados da Segunda Grande Guerra.

¹ A cobra fumou é uma expressão histórica que se refere à difícil crença de que o Brasil participaria da Segunda Guerra Mundial. Também, "Da vela à capela" é uma referência à entrega de um fiel à uma promessa, no ato de uma prece defronte uma vela, de construir uma capela à Nossa Senhora da Guia.

² Na Segunda Guerra Mundial era o termo dado aos aliados países de regime autoritário. Países nazistas e fascistas. Eram formados pela Alemanha, Itália e Japão. Lutavam contra os países Aliados (Inglaterra, França, EUA e mais tardio por URSS).

³ Força Expedicionária Brasileira.

⁴ Domingos Alvez Pereira.



Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2019.



Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2019.

E assim foi feito. Todos a quem ela rogou, foram dispensados. A promessa foi a construção de uma capela à Santa cuja a devoção fora praticada. Assim, em 15 de agosto de 1944, a silhueta da serrinha, com quase 40 metros de altura, estava coroada com uma capela advinda de uma forte e grande manifestação de fé.

Deu-se início, então, à tradição da novena em louvor à Nossa Senhora da Guia, que se realiza já há 74 anos em todo mês de agosto.

O capítulo deste trabalho nomeado de Terceiro Mistério, refletiu sobre a manifestação das sensações que o local permite, através dos 5 sentidos.

A sensação incita a memória. O sentido de bem-aventurança pode ser alcançado por algum valor comum – o de um biscoito mergulhado no chá foi fixado no cânone literário há um século. [...] O sabor de uma beterraba temperada pelo rábano, ou de centeio com manteiga e mel de trigo sarraceno [...], procuro por causa do seu sabor intrínseco, mas também para me ajudar, a evocar os traços característicos de uma cena há muito perdida. (RYKWERT, 2015. p.12)

O personagem da obra de Rykwert resgata lembranças/memórias e instiga a memória afetiva à momentos e lugares específicos, apenas com o poder das sensações. Para tanto, tal poder tende ao despertar de diferentes sensações de pessoa para pessoa, mas ao final, o importante é a valorização do lugar que desperta sensações. Como é o caso do local de pesquisa.

Em exatos trinta e um anos mais tarde à construção da Capela, em 1975, a serra recebeu a estátua do Cristo Redentor, com o braços abertos, e que dá identidade e nome à Serra. Naquela época, era mais fácil de enxergar o contraste entre as rochas naturais e o construído (Capela e estátua), uma vez que por relatos de pessoas testemunhas da época, a serra sofria queimadas, no propósito de ser mais “limpa” de vegetação.



QUINTO MISTÉRIO| Aproximação do todo

Em terras do então Município de Alemão (atual Palmeiras de Goiás), do qual fora distrito com o nome de Bota-Fumaça, por volta de 1900, foi iniciado o povoamento de Paraúna. Pois na fazenda São José, próximo às margens do córrego do mesmo nome, os habitantes construíram um rancho de palha, que servia de templo, onde todos os primeiros domingos do mês rezavam um terço oferecido ao Menino Jesus. Daí a afluência de diversas famílias que para lá se dirigiram. (ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS GOIANOS, 1958 p.329)

Desde os primeiros momentos para se originar o que é hoje o município de Paraúna, é possível notar que a devoção católica se fez presente. Hoje em dia, a paróquia⁵ da cidade de Paraúna é a Paróquia Menino Jesus. As famílias que deram origem à cidade, segundo a história do município disposta no site da prefeitura de Paraúna, vêm dos Ferreira, Ferro e Moraes.

Por volta deste período inicial da história do município, o povoado recebeu o nome de Bota-Fumaça, que mudou ao se elevar à categoria de distrito: tornou-se São José do Turvo. Porém, foi somente em 7 de julho de 1930, que pela força da Lei nº 903, passou a se chamar Paraúna.

Com a emancipação do distrito de São José do Turvo, foi então assinada a Lei Estadual nº 903, de 07 de julho de 1930 que criou o Município de Paraúna, nome este que deve-se a junção dos radicais da língua tupi-guarani: "PARA" que significa RIO e "UNA" que significa PRETO (PREFEITURA DE PARAÚNA, s.d.)

Foi em 1940, porém, que em 10 de novembro, foi elevado à categoria de Município e dez dias após constituiu-se Termo da Comarca de Rio Verde.

⁵ É uma região cuja comunidade de fiéis está submetida à um pároco. Surgiu da necessidade dos diversos núcleos católicos espalhados pelo mundo, de ter um representante da Igreja no local.



Acima, imagem vista da Serra do Cristo, anterior à década de 80, com vista para o centro da cidade de Paraúna. É possível notar a Igreja Matriz Menino Jesus no centro esquerdo da imagem.

Ao lado, imagem da Igreja Matriz Menino Jesus, atual Paróquia do Menino Jesus. Imagem, também, anterior à década de 80.







Com relação ao crescimento da cidade de Paraúna, o mapa ao lado ajuda a compreender o processo de crescimento da malha urbana. A cidade desenvolveu-se nas áreas mais elevadas da atual malha da cidade, às margens do Córrego São José.

O setor São Sebastião e o centro foram os primeiros a serem ocupados. A presença de casas tradicionais (janelas de madeira, paredes mais espessas e telhado quatro águas composto por telhas coloniais ou francesas), são verdadeiras testemunhas do processo de ocupação da cidade de Paraúna.

Ao longo dos anos, a cidade foi recebendo mais moradores e a demanda por casas e loteamentos foram se expandindo rumo à leste, onde o terreno já não é tão acidentado quando o local de surgimento da cidade.

Em uma escala mais aproximada da área de estudo deste trabalho, é possível notar que ao sul da Serra do Cristo, algumas casas estiveram ali há mais de quarenta anos. Curiosidade é que tais residências ainda funcionam como pequenas chácaras com criação de animais para sustento de quem as reside.

LEGENDA:

-  Localização da Serra do Cristo
-  Primeiros locais de ocupação da atual cidade de Paraúna
-  Segundo local de ocupação da atual cidade de Paraúna
-  Terceiro local de ocupação da atual cidade de Paraúna
-  Quarto local de ocupação da atual cidade de Paraúna. Posterior aos anos 2000
-  Córrego São José





0 100 500 1000

Mapa com manchas de cronologia de ocupação da cidade de Paraúna

MAPA DE NOLI










LEGENDA:

-  Serra do Cristo
-  Ocupação com edificações



LEGENDA:

-  Uso comercial
-  Subutilizado
-  Uso residencial
-  Uso institucional
-  Uso misto (residência e comércio)
-  Praças
-  Água
-  Serra do Cristo

GABARITO E MASSAS ARBÓREAS



LEGENDA:

- Até 5 m
- Entre 6 e 10 m
- Acima de 10 m
- Água
- Serra do Cristo
- Massa arbórea



Área do estudo deste trabalho

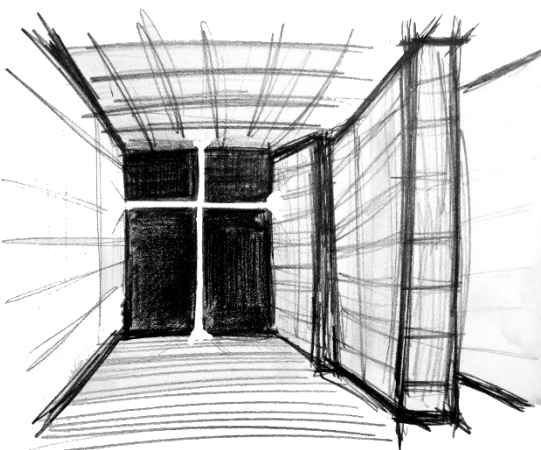
Vias de acesso à cidade e local.

0 100 500 1000

CONSAGRAÇÃO AO EXISTENTE | Estudos de Caso

A leveza no pesado | *O transcender da luz: Igreja da Luz, por Tadao Ando, em Ibaraki, Japão. 1989*

(projeto).



Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho. 2019.

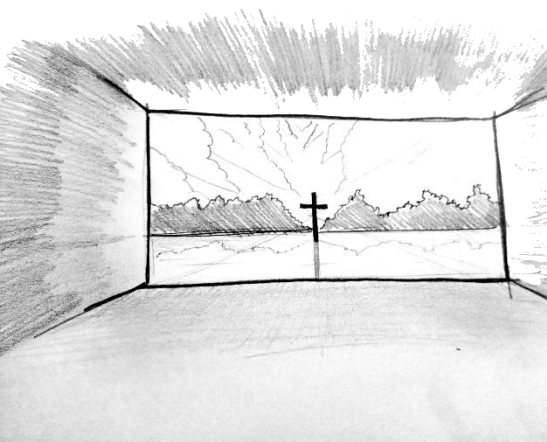
A luz como elemento tocante e leve. Muito citada na Bíblia Sagrada, a luz é algo explorado no templo e desperta nas pessoas, uma aproximação com o que é sagrado: a luz é capaz de transcender, ou seja, ir além do que as paredes, piso e teto conseguem compor. É um complemento crucial para a composição do sagrado e o consequente despertar dos sentidos humanos. Ando trabalhou a luz como elemento natural crucial para a confecção do espaço e ao ser associada ao concreto aparente, há de se notar o contraste entre o bruto/pesado e a delicada/leve luz. Assim, ao criar finos rasgo na parede de fundo ao altar, a luz do **fogo** do sol é permitida a penetrar o ambiente e realçar ainda mais o desenho dos rasgos: a cruz.



Fonte: <http://www.arquiteturafvc.com/2015/02/igreja-da-luz-tadao-ando.html>, s.d.

A pureza e o sagrado | *A água como elemento purificador: Igreja sobre a água, por Tadao Ando, em*

Hokkaido, Japão. 1985 (projeto).



Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho. 2019.

Tadao Ando também utilizou da manifestação do sagrado ao explorar o grande espelho d'água posterior ao altar. Em contraste com as árvores ao fundo, a composição orna de modo a se ter um ambiente leve, natural e calmo o suficiente para meditação. A presença da cruz que levita sobre a água, completa por inteiro a manifestação do sagrado. Assim, é revelada uma relação direta entre o edificado e a natureza, ao ser utilizado um pano de vidro que faz conversar o interior e o exterior do templo. Desta vez, ainda é notável a relação de contraste causada entre o pesado e o leve (fluido). A água é um dos quatro elementos da natureza, e o arquiteto propôs explorá-la de modo que fizesse parte da arquitetura, a sua fluidez emoldurada pelas paredes, teto e piso fazem com o quê ela se torne essencial na composição do edifício.



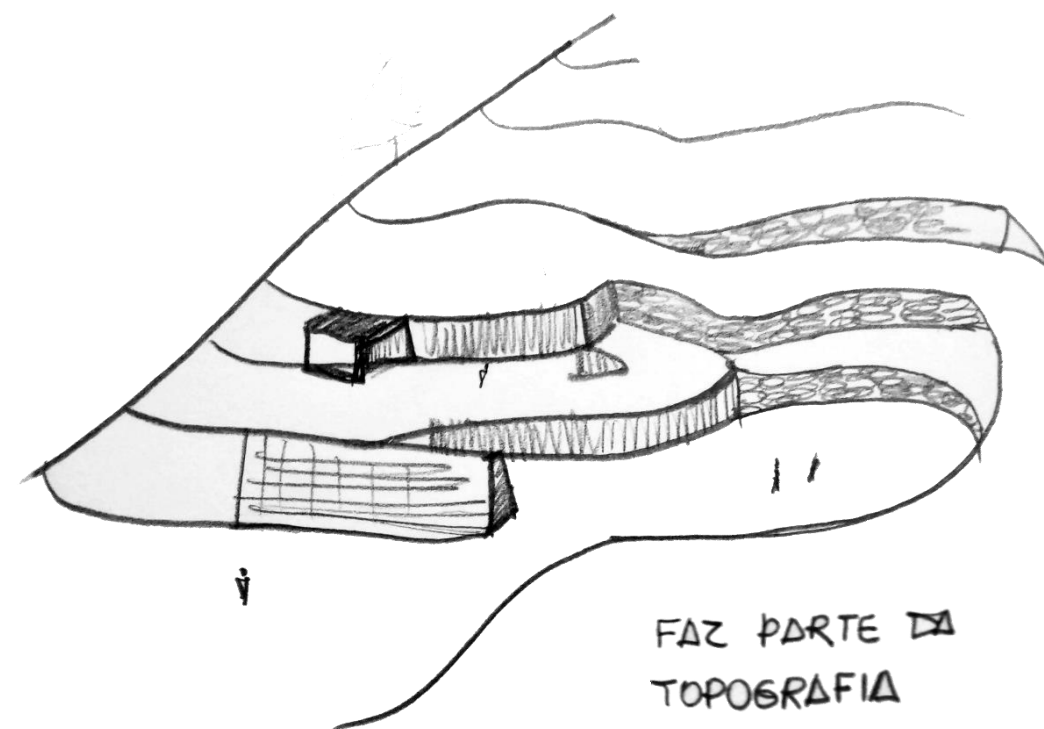
Fonte: <https://pmiltonarquitectura.wordpress.com/tag/igreja-sobre-a-agua/>, s.d.

Tectônica do lugar | *O enraizar: Cemitério Igualada, por Enric Miralles, na Somália, em 1994 (construção)*

O cemitério conversa diretamente com o local, de modo que a topografia acidentada foi crucial para compor o que o edifício se materializou: pelo processo de terraplanagem, para organização e distribuição dos programas necessários, permitiu que o cemitério se fundasse e erigisse em contato direto com a **terra**. Dessa maneira, o edifício se revela um peso, por intenção projetual, ao se encrustar ao chão. Quase que se enraíza.

Com relação à circulação de todo o projeto, por vezes é possível estar em espaços abertos, onde há de se visualizar o céu e as árvores, mas também, por vezes na caminha adentra-se à ambientes fechados, em que se assemelha permear o solo (observar o quão ligado à terra, o edifício é).

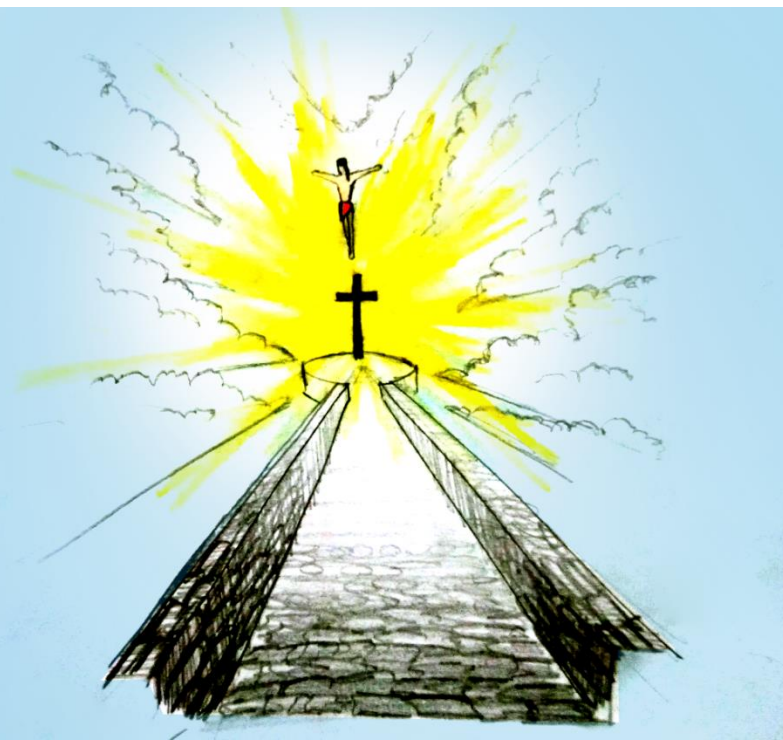
Complementar à tal decisão, a escolha da tectônica do edifício foi feita de modo que reforçasse a característica de pertencer ao local: a materialidade foi composta por rochas que ali se encontra.



Preparo Penitencial – *Cappella di Santa Maria degli Angeli, por Mário Botta, em Alpe Foppa, Monte Tamaro, Ticino. 1992*

O percurso como um processo de preparo para algo maior: o fim de uma jornada. Na obra de Mário Botta é possível identificar uma narrativa que gira em torno de um trajeto/caminho para se atingir o divino (sagrado). Nela, o arquiteto explorou a perspectiva rumo à imensidão, ao **ar**. Assim, com o uso de um caminho de pedras escuras, que perspectivam rumo ao céu, ao infinito, revela uma leveza ao final de uma *promenade* em meio ao pesado.

Mais uma vez com contraste entre leve e pesado, a Cappella di Santa Maria degli Angeli é materializada com rochas bem aparentes que revelam um caminho rígido e pesado convergente ao infinito, uma vista em altura para o céu, arranhado pelo ponto focal de uma cruz. A sensibilidade causada pela associação de tais elementos, evocam o sagrado ao local. O torna especial e metaforiza uma jornada de alcance ao plano superior. Ao divino.

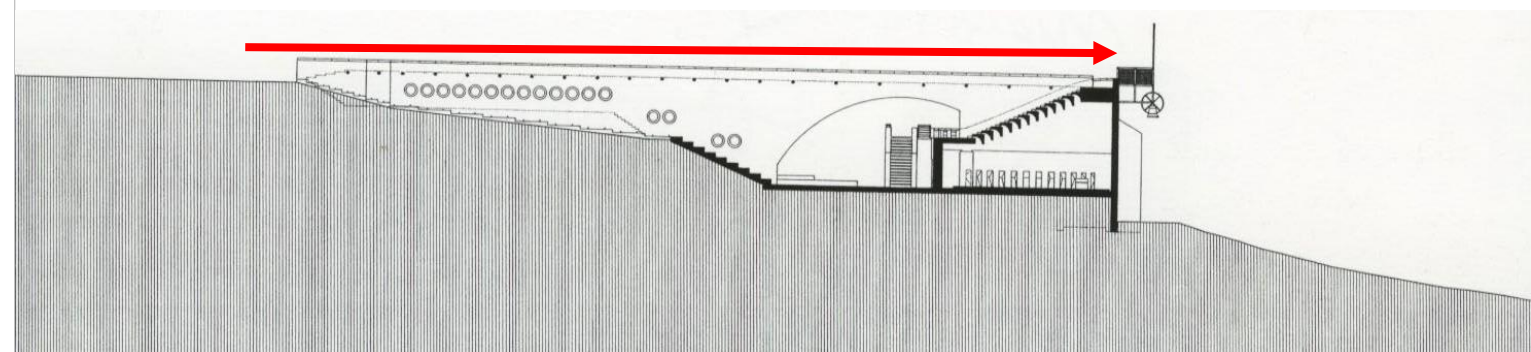


Croqui autoral que representa a manifestação do sagrado com a associação da perspectiva valorizada pelo arquiteto, associada à materialidade da edificação, disposta a formar um caminho longo a ser caminhado, como preparo para o sagrado alemjado.

Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho. 2019.



Fonte: <https://archdialog.com/tag/louis-kahn/page/2/>, s.d.



Corte da Cappella di Santa Maria degli Angeli

Fonte: <http://www.botta.ch/it/SPAZIO%20DEL%20SACRO?idx=7>, s.d.

ADEQUAÇÃO | Programas de Necessidades

Agora é um momento dedicado à compreensão do que pode ser feito como programas de melhoria dos espaços correspondentes à Serra do Cristo de Paraúna. Assim, como sugerido por vezes nos chamados “mistérios”, neste trabalho, há de se esperar melhorias como:

Via posterior à Serra do Cristo: como primeiro passo, é lançado um projeto urbano com uma intervenção mais sutil. Propositalmente. Assim, o projeto corresponderá a um recapeamento da via preexistente ao fundo, somada ao plantio de galerias de árvores que enquadrarão a Serra do Cristo em diferentes perspectivas. Nesta etapa, a sensação de se estar na escala do pedestre ou na escala do carro permitirão duas percepções da paisagem, de maneira distinta.

Reconfiguração formal e programática da Praça Eugênio Sardinha: propor tomada de decisões urbano-paisagísticas que tem por resultado uma melhoria da apropriação do espaço não apropriado, correspondente à Praça Eugênio Sardinha. Vale ressaltar que nesta área corresponde, também, ao início de uma caminhada sensorial, correspondente à próxima intervenção aqui citada.

Ascensão em mistérios: investir no projeto de intervenção no preexistente, correspondente à Serra do Cristo, e as suas apropriações humanas ao longo do tempo. O ideal é intensificar a manifestação do sagrado desde o acesso à serra (em sua base), percorrer pelos elementos da natureza todo o circuito de subida, até que se chegue ao topo da serra.

Capela Reverencial: a capela corresponde à um projeto arquitetônico voltado à meditação. É como um ponto final ao preparo que a subida permitiu. Um local a mais de contemplação do que se tem do topo da Serra do Cristo: o natural. Desse modo, a Capela Reverencial surge como um edifício que reverencia a rocha arenítica natural, de modo que haja uma fusão entre a rocha que penetra a construção, ou a construção que penetra as rochas. Vale ressaltar que tal capela é ecumênica.



Foi revelado por meio dos diferentes olhares sobre o objeto de estudo (a Serra do Cristo e o seu entorno imediato), que o local carece de adequação às necessidades dos dias de hoje, ou seja, embora a tradição tenha sido preservada ao longo dos anos, com o passar do tempo, está sendo necessária algumas adequações para que o ambiente como um todo, continue respondendo às necessidades da população.

A paisagem antropogeográfica que a Serra do Cristo é – desde a construção da capela – faz com o que um conceito se erija a partir do caminhar rumo a sua compreensão: O **manifestar/reforçar do Sagrado** no local. É claro que o sagrado já se faz presente para muitos no lugar de estudo, mas reforçar tal, com o auxílio da intervenção em preexistência, é um início para se enxergar em maior clareza o que a Serra é, o que ela carrega em sua história, sem limitar à apenas uma linha religiosa.

Dessa forma, há de se regressar ao fato do pertencimento da Serra a um município que possui bastante potencial ecoturístico em meio às belezas naturais.

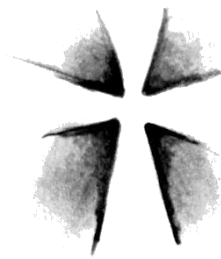
Assim, recorrer ao natural, através dos **quatro elementos da natureza** se fará como conceito e ainda mais como partido, para a criação de espaços dotados de manifestação do sagrado.

O resultado esperado é ampliar de maneira ecumênica as tradições no local, de modo que o mesmo revele paisagens dialéticas que se comunicam em narrativa.



Eis que a manifestação do sagrado se materializará por intermédio dos quatro elementos da natureza, na seguinte ordem:

Fogo: o fogo manifesta-se através da luz. Muito utilizada na arquitetura, a luz solar é capaz de trazer leveza quando bem explorada em composições arquitetônicas, mas também é muito bem sentida: através do calor. Por outro lado, há de se notar como manifestação do fogo, as fogueiras, a vela e até mesmo a luz artificial. O fogo pode muito bem ajudar na composição do Sagrado no local, como um elemento purificador inicial.



Terra: cheia de nutrientes que dão a vida à natureza e explorada como elemento de produção de alimentos, é muito bem vindo que o elemento *terra* seja inserido através da pedra (as rochas locais), que tanto contribuem na formação de identidade do município.



Ar: o ar aqui se manifesta naturalmente, através do vento que toca as folhas secas da vegetação existentes. Associado a isto, há de se explorar o vento na composição de sons, de modo que o sentido da audição desperte uma percepção do sagrado. Também, explorar o ar pelo sentido do olfato é uma manifestação deste elemento.



Água: a água é um elemento fluido e que desperta uma purificação. Em diferentes crenças a água possui diversos significados. Como último elemento a ser explorado, a água traz uma ligação direta ao projeto arquitetônico aqui proposto: a Capela Reverencial. O contraste existente entre a leveza e fluidez da água, e o novo edifício, marcarão um momento de reverência à paisagem local.



O SOPRO| Partido

Diante da proposta conceitual, é pensado agora em escalas na área de estudo. Como já norteado no presente trabalho, baseado em estudos de Kevin Lynch, a serra configura-se como um elemento de barreira. Do lado norte, em azul no diagrama abaixo, é onde localiza o centro consolidado do município, já ao sul, em magenta, o cenário configura-se como uma área com pequenas chácaras e residências, mas que carece de uma qualificação da via que possui. Assim, vencer a serra como um elemento de barreira para a área ao sul, é o momento inicial, onde a intervenção urbana-paisagística terá fins de melhorar a qualidade de uso do local.

Em uma aproximação direta com relação à serra, o sagrado irá manifestar com mais intensidade diante de uma narrativa que se inicia ao percorrer pela área inferior (na base da serra) até chegar ao cume. Ao longo de toda a via de ascensão ao elemento natural, os elementos da natureza serão explorados, de modo que os sentidos humanos sejam aguçados nos diferentes momentos da narrativa.

Para tanto, saindo do centro da cidade, a praça proposta representará um momento de desconexão inicial do mundo associado ao profano, até que ao final da subida seja reforçada a manifestação do sagrado.

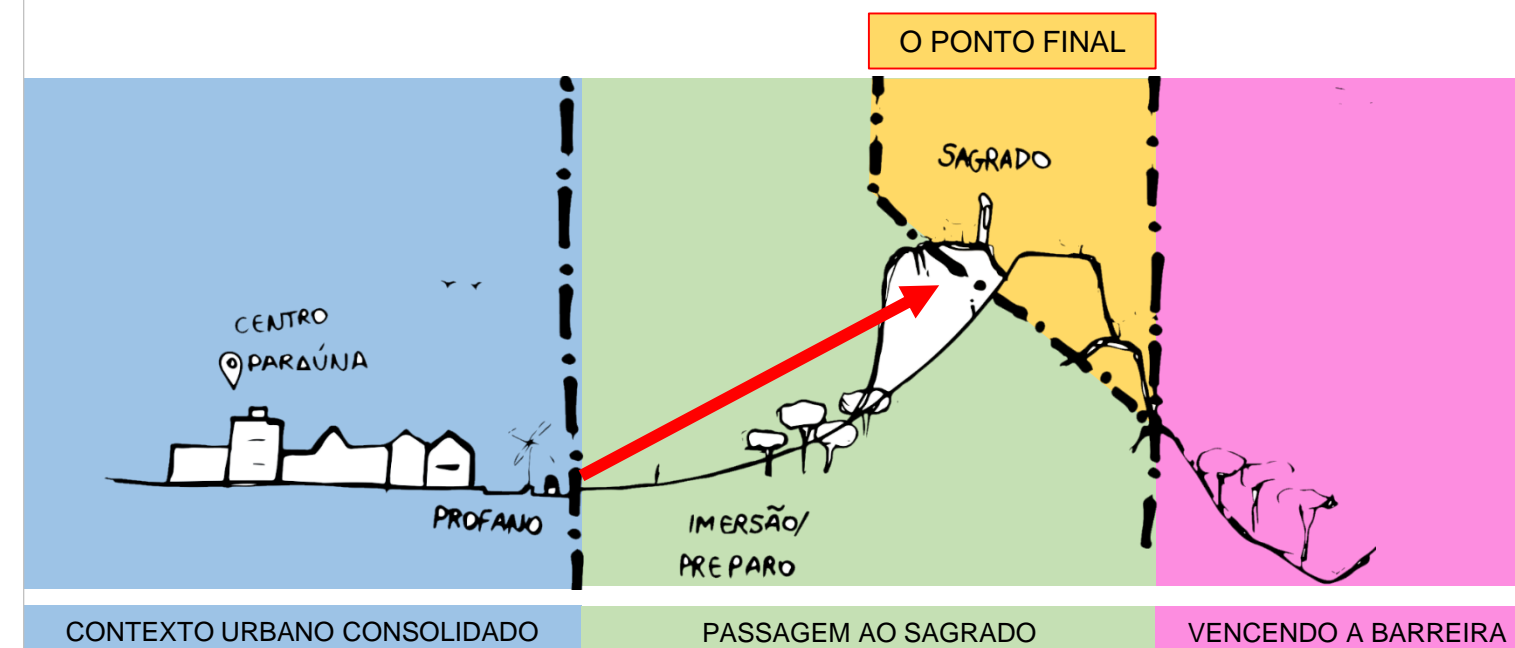
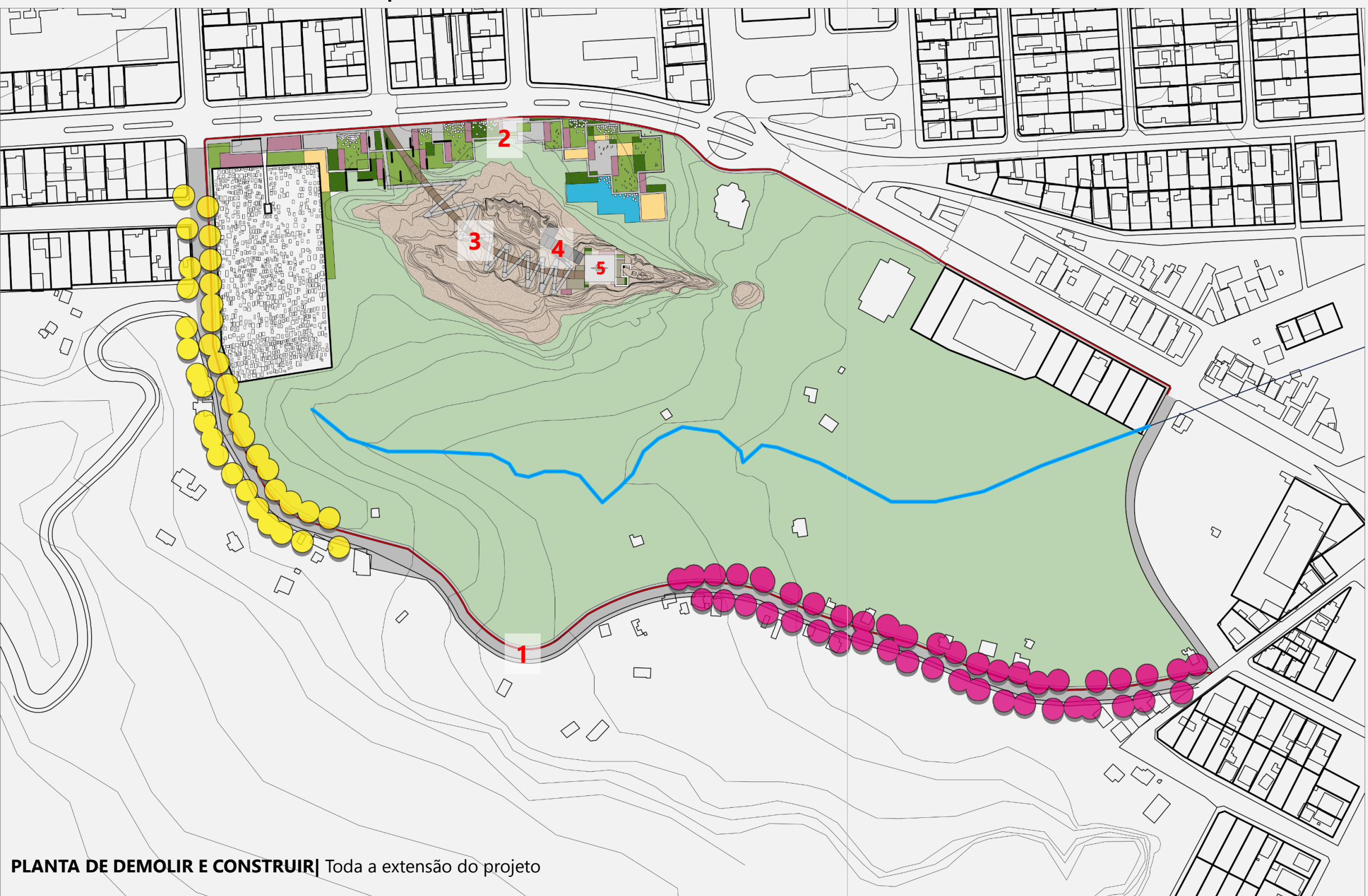


DIAGRAMA DE APROPRIAÇÃO | Corte esquemático da área do projeto



Para observar a abrangência projeto, é apresentado, agora, um primeiro momento que elucida sobre a proporção de toda intervenção projetual no local. A planta à esquerda apresenta, por meio de manchas, toda a extensão dos projetos desenvolvidos.

Em síntese, toda a proposta envolve projeto urbano, paisagístico e arquitetônico, de modo a responder as inquietações sugeridas no que foi aqui apresentado até o momento.

Para tanto, o convite agora é conhecer as intervenções projetuais como uma narrativa. Narrativa esta, que começa em um contexto urbano e passa a um contexto mais natural e cultural. Estar em cada um deles e o deslocar de um para o outro, compõe uma **narrativa sensorial** para o usuário, despertando, assim, a passagem de um ambiente profano para o sagrado.

PLANTA DE DEMOLIR E CONSTRUIR | Toda a extensão do projeto



- 1** Requalificação da via posterior à serra
- 2** Início da passagem: A Praça

- 3** Ascensão em Mistérios
- 4** Capela Reverencial

- 5** Paisagismo no topo da Serra do Cristo

VENCENDO BARREIRA| Via atrás da Serra do Cristo

A via posterior à Serra do Cristo existe desde meados do século passado. Com surgimento espontâneo, ela abastece casas que encontravam-se em situação de não regularidade documental até o ano de 2019. Porém, com relação à qualidade urbana, ela ainda hoje não possui paginação - chão batido.

Assim sendo, a proposta, em primeiro lugar, reflete no capeamento de toda a via, tal qual o desenho já existente, além de propor todo um trabalho paisagístico urbano que colabore com diferentes experiências ao percorrê-la.

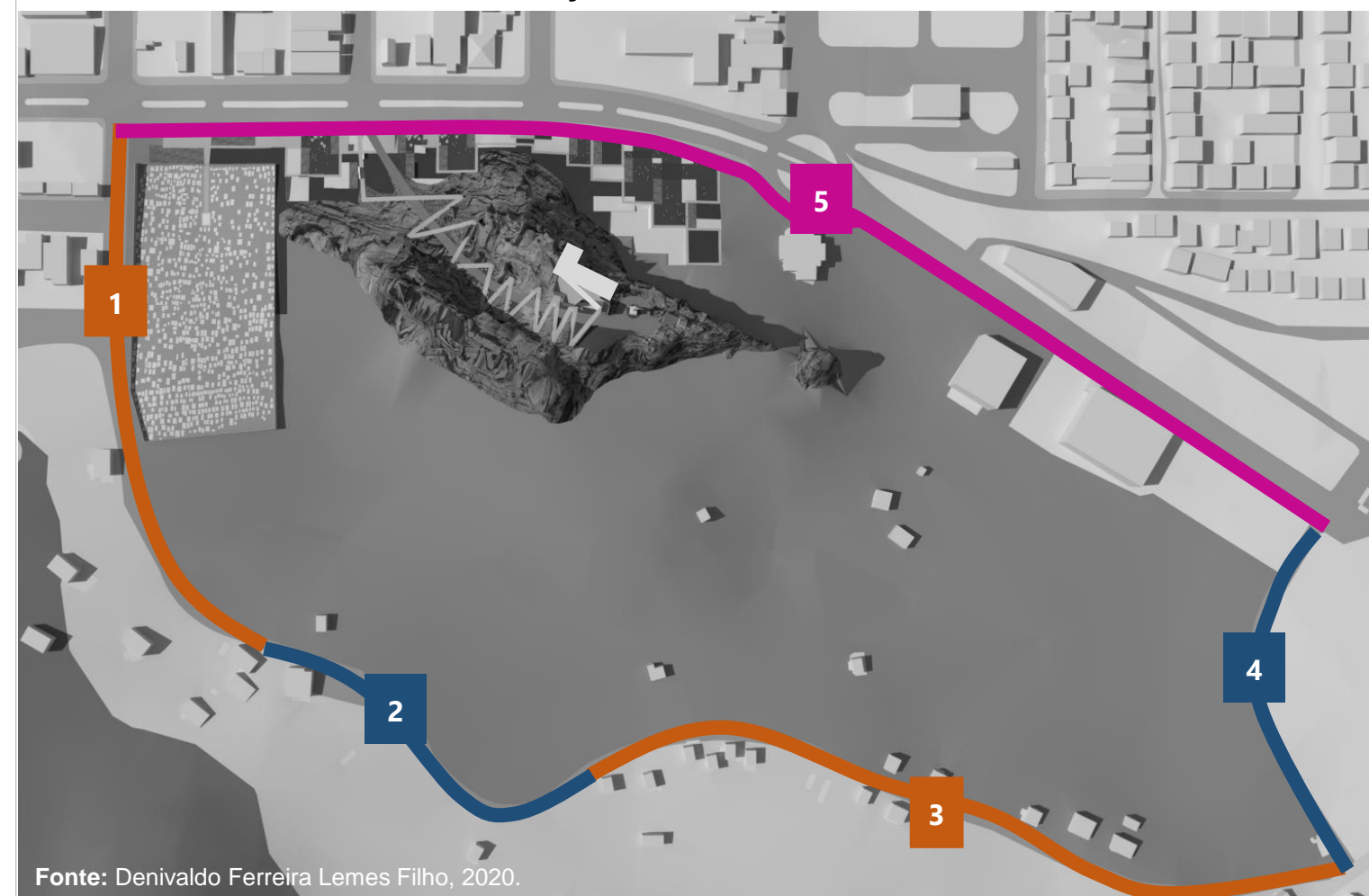
Baseado nisso, foi pensado em uma divisão da via em cinco trechos, para que

possam ser trabalhados diferentes visuais, a partir da arborização. No primeiro e no terceiro trecho, foi proposta a implantação de árvores de floração e nativas do cerrado, de modo a se formar um túnel verde sobre a via, que buscam um olhar para si mesmo. Não para o entorno.

Já no segundo e quarto trecho a galeria de árvores abre espaço à uma clareira que cria uma surpresa desejada ao observador por emoldurar com palmeiras nativas a parte posterior da Serra do Cristo.

Por último, o trecho cinco materializa-se com a inserção apenas de uma faixa de ciclovia sobre o calçamento preexistente.

DIAGRAMA DE APROPRIAÇÃO POR TRECHOS DA VIA POSTERIOR À SERRA DO CRISTO



Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2020.



NECESSIDADE: Capeamento de toda a extensão da via em chão batido, além de vitalidade ao local.

Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2019.



POTENCIALIDADE: belos visuais do lado posterior (ao Sul) da Serra do Cristo.

Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2019.



TRECHO 1 e 3

Um olhar à própria via: Trechos com árvores com floração nativas do cerrado (trecho 1 com árvores de floração amarela e trecho 3).



TRECHO 2 e 4

Um olhar à potencialidade: Trechos com palmeiras nativas do cerrado, que emolduram a serra em ângulos diferentes nos trechos 2 e 4.

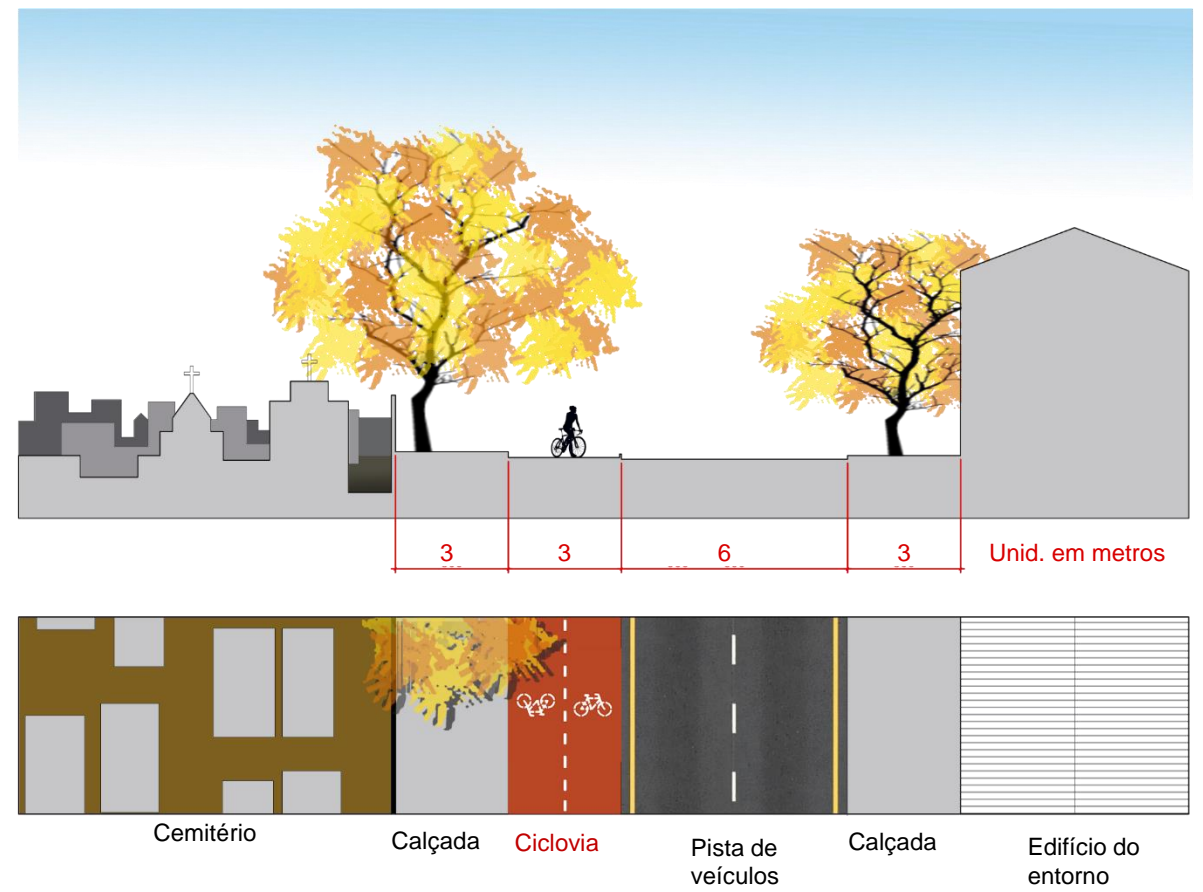


Imagem final
Corte e Planta
do trecho 1 da
via posterior à
Serra do Cristo

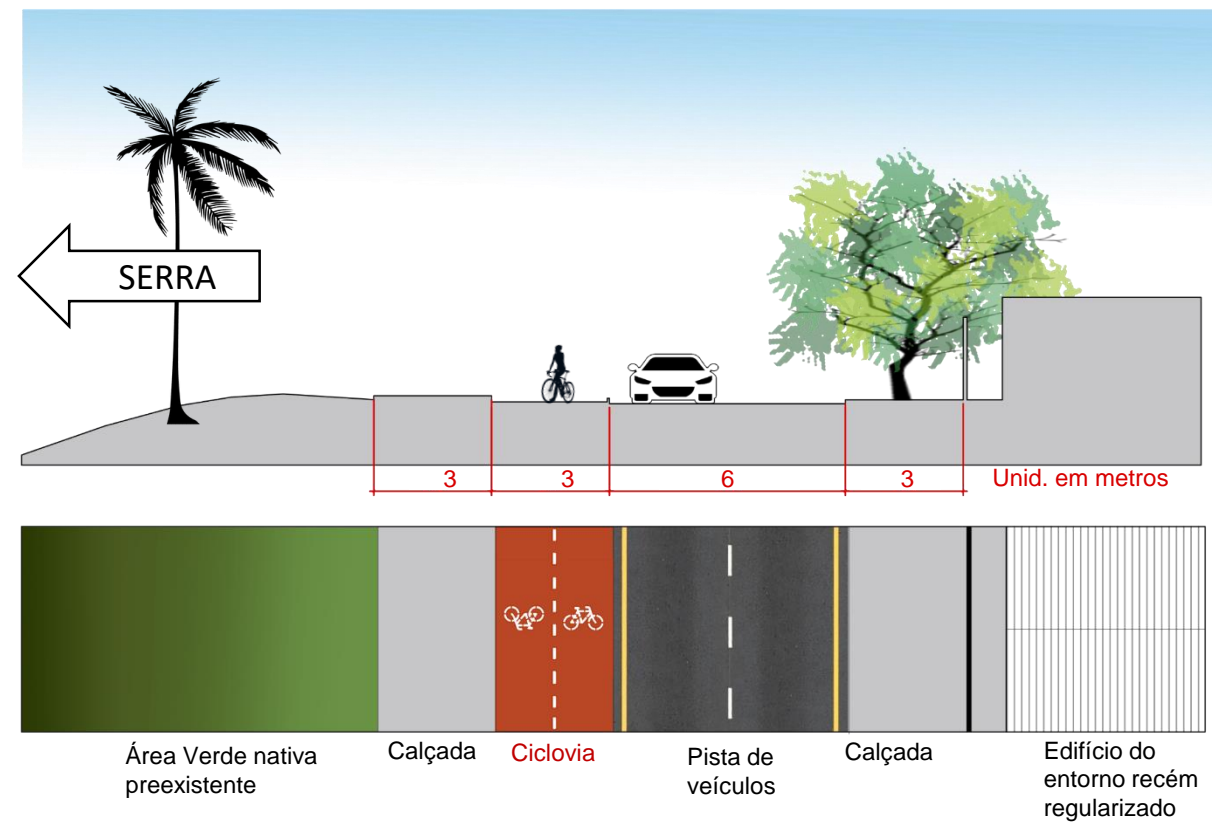
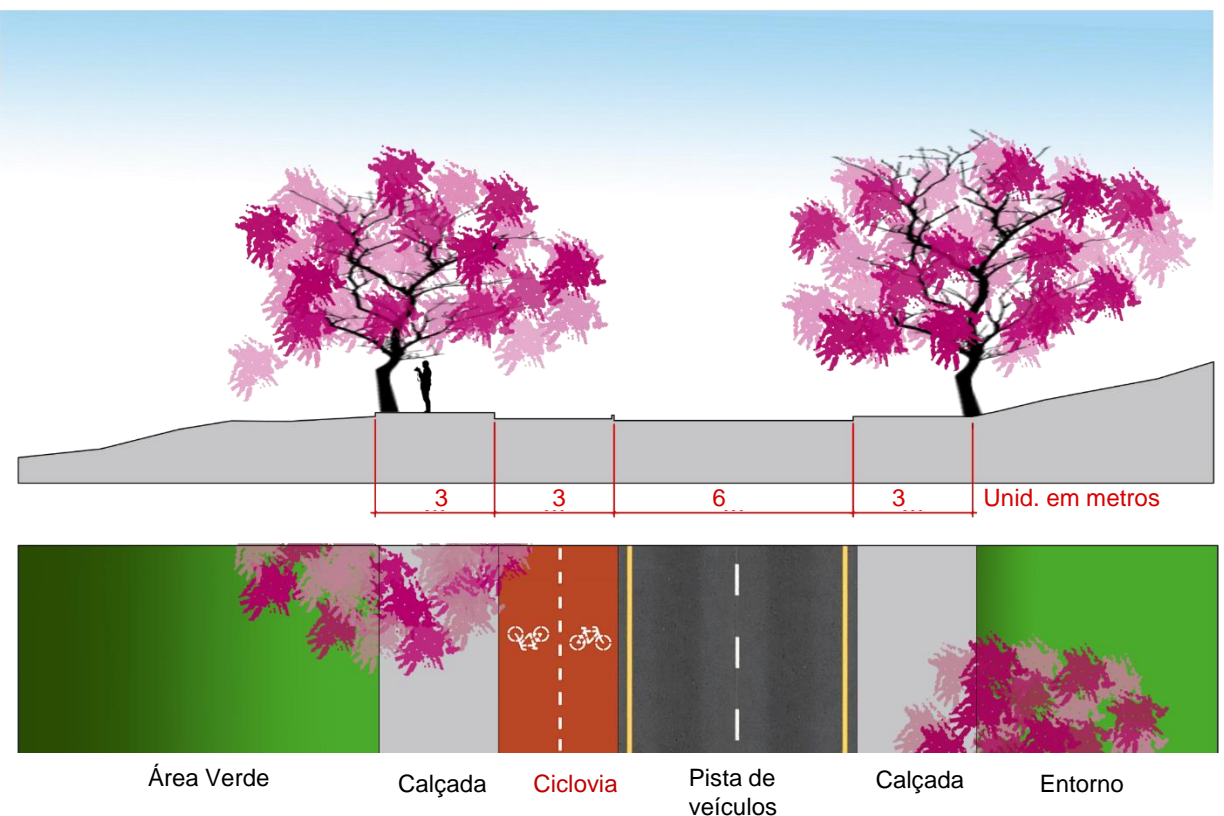


Imagem final
Corte e Planta
do trecho 2 da
via posterior à
Serra do Cristo



TRECHO 3

Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2020.

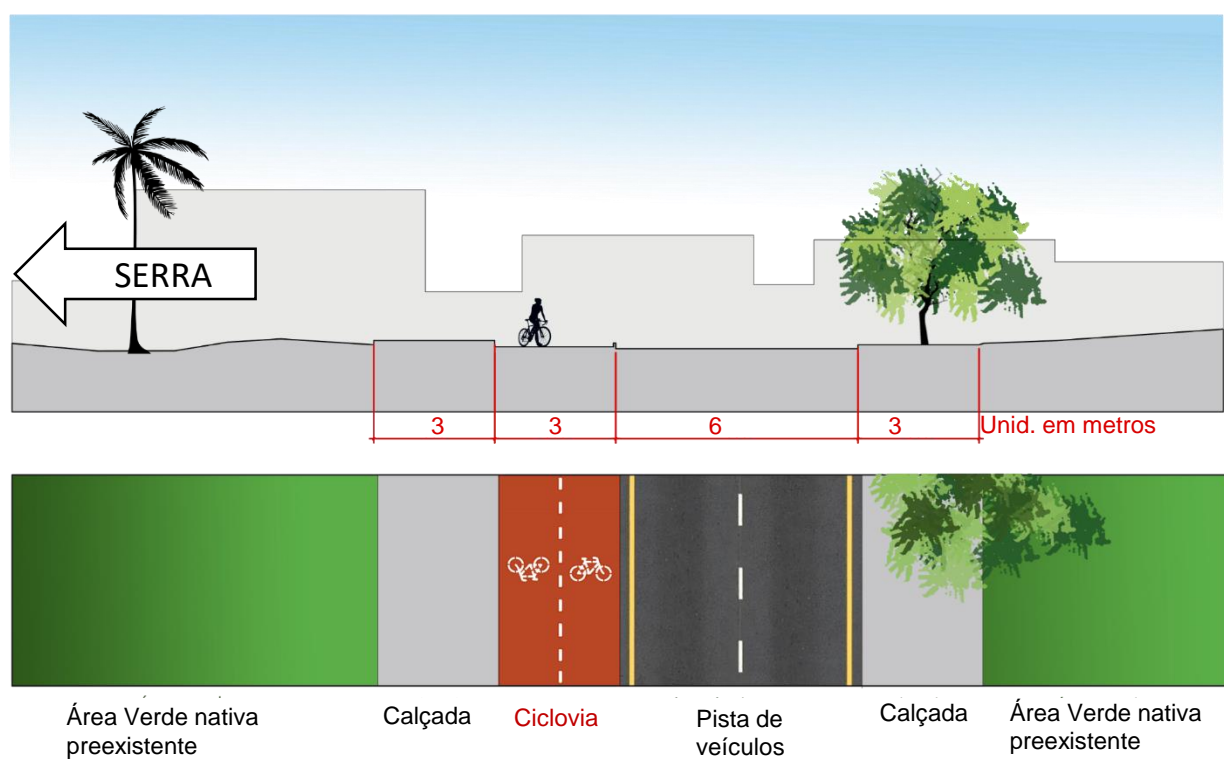


Corte e Planta do trecho 3 da via posterior à Serra do Cristo

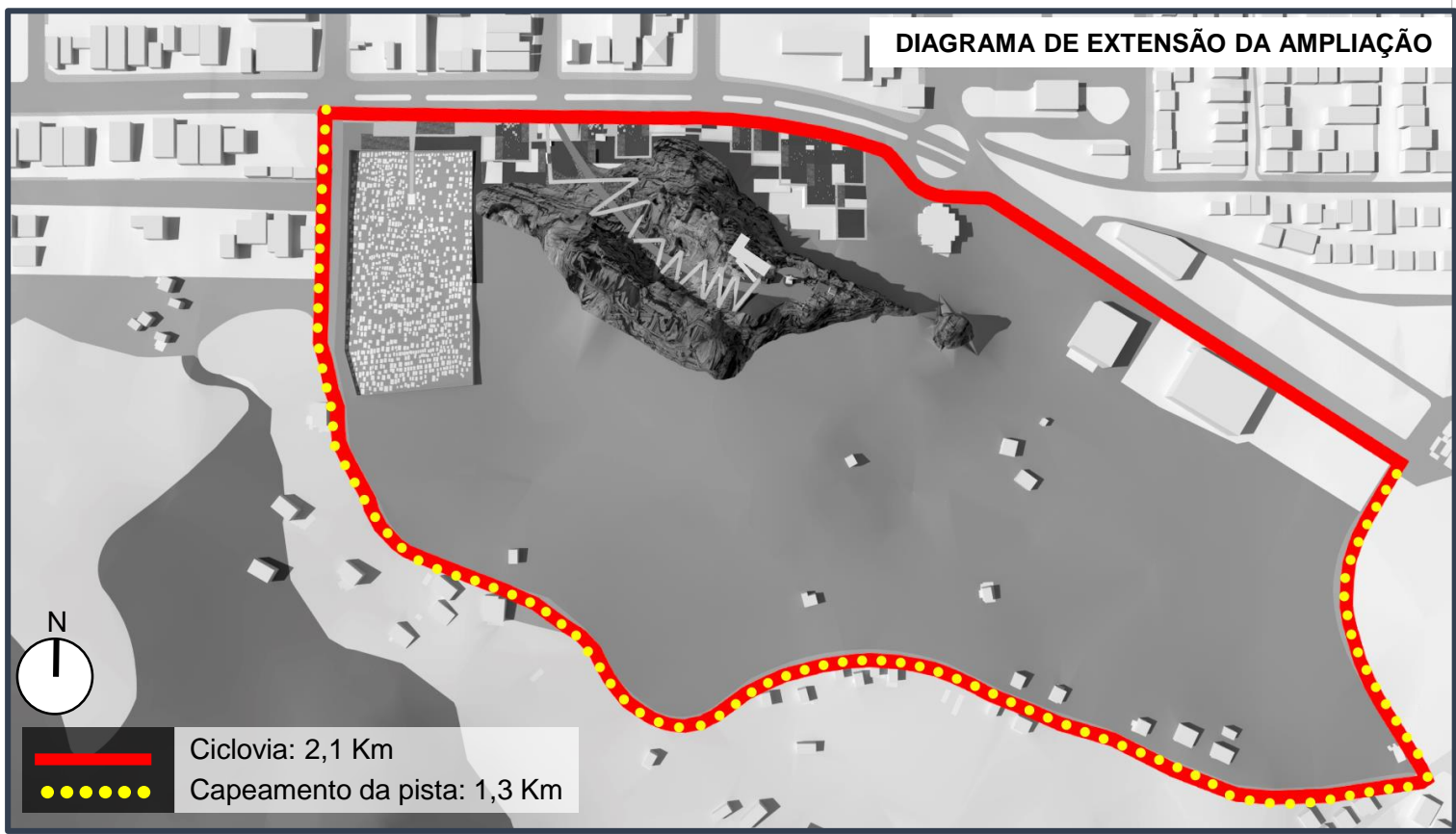
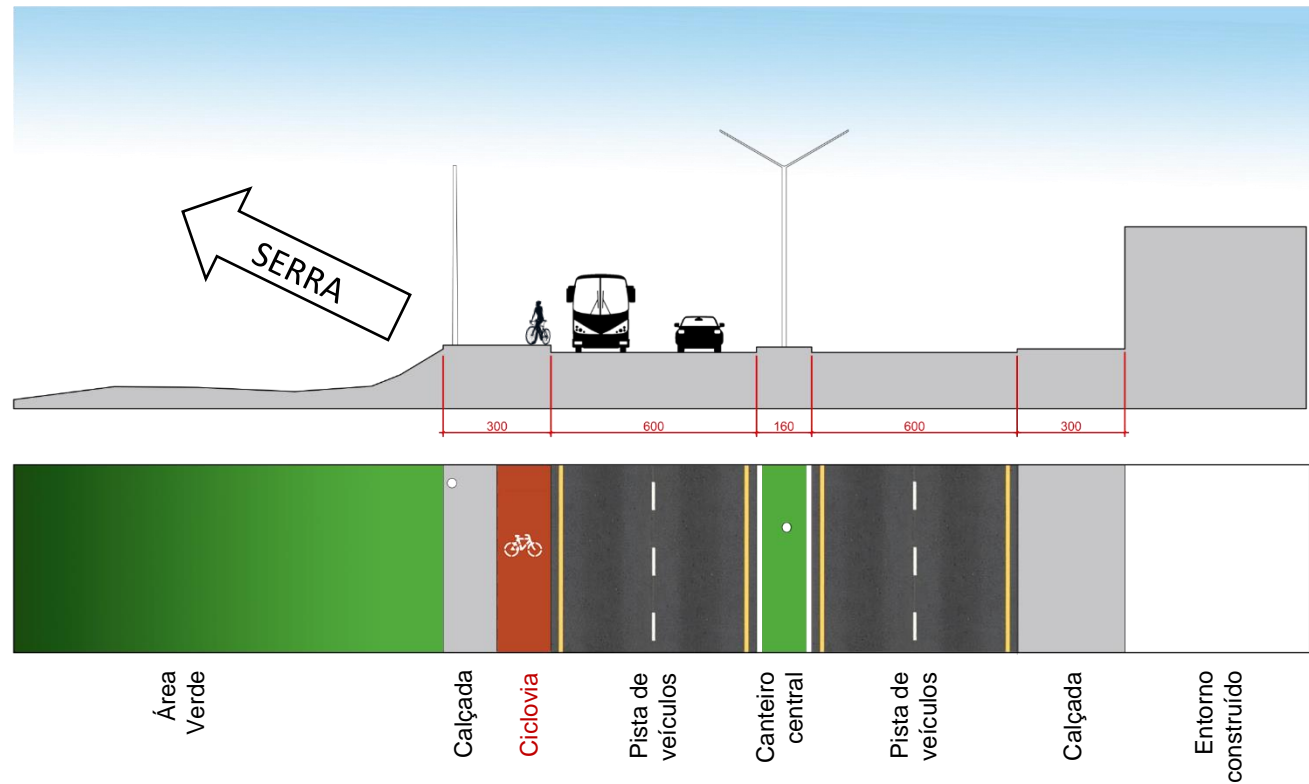


TRECHO 4

Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2020.



Corte e Planta do trecho 4 da via posterior à Serra do Cristo



Fonte: Denivaldo Ferreira Lemes Filho, 2020.

FLORAÇÃO ROSA

Nome: Ipê Roxo Nome científico: <i>Handroanthus Impetiginosus</i> Porte: grande porte, com 20 – 35 m	Nome: Paineira Rosa Nome científico: <i>Ceiba speciosa</i> Porte: grande porte, com 15 – 30 m	Nome: Quaresmeira Nome científico: <i>Tibouchina granulosa</i> Porte: médio porte, com 8 – 12 m

FLORAÇÃO AMARELA

Nome: Ipê Amarelo Nome científico: <i>Handroanthus Albus</i> Porte: grande porte, com 20 – 35 m	Nome: Sibipiruna Nome científico: <i>Caesalpinia pluviosa</i> Porte: grande porte, com 10 – 25 m	Nome: Chuva de ouro Nome científico: <i>Cassia ferruginea</i> Porte: médio porte, com 5 – 8 m

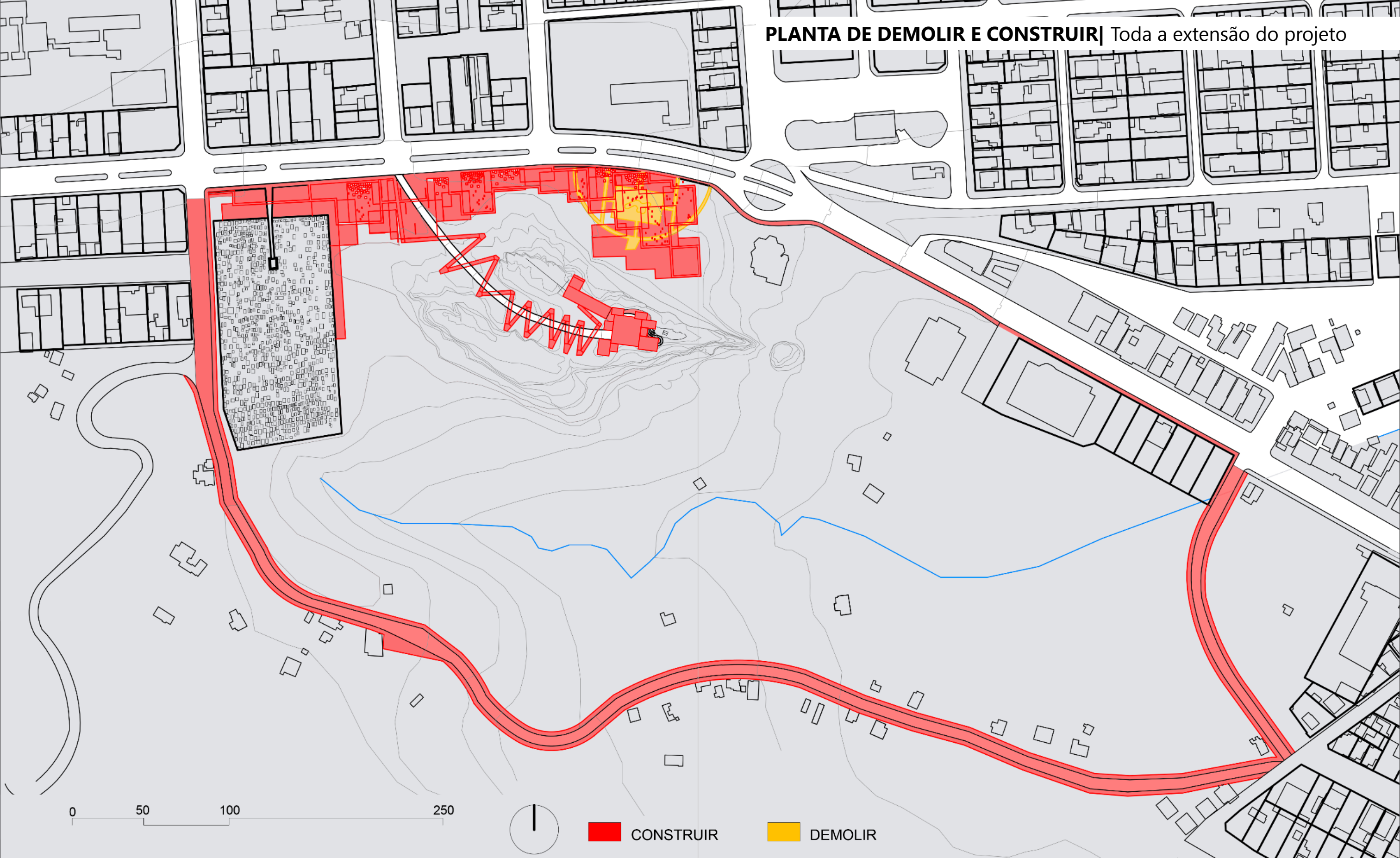
PALMEIRAS

Nome: Guerobeira Nome científico: <i>Syagrus Oleracea</i> Altura: até 20 m Nativa do cerrado

PALMEIRAS

Nome: Buriti Nome científico: <i>Mauritia Flexuosa</i> Altura: até 30 m Nativa do cerrado

PLANTA DE DEMOLIR E CONSTRUIR | Toda a extensão do projeto



CONSTRUIR

DEMOLIR

O PROFANO| Início da passagem: A Praça

Das ruas da cidade, a perspectiva que se tem da Serra é diferente da que se tem em seu cume. Para tanto, aqui evidencia um início de um reforço do que lá se tem: a passagem. Agora, o que será feito é uma elucidação do que é a passagem de um mundo que remeta ao cotidiano, à desordem, até mesmo ao profano, em direção ao sagrado (ápice da Serra do Cristo).

Para tanto, o parque que se estende desde a parte frontal da serra até o acesso do

cemitério, será explorado de modo a apresentar um ambiente que negue, em questões formais, à natureza. Assim, abre espaço para se refletir a cidade com toda sua sobreposição de ortogonalidade, ângulos e linhas retas.

Assim, dispostos um sobre o outro, a praça linear provoca uma ligeira desordem visual sobre o observador, que logo vê uma apropriação humana no local: uma natureza criada.

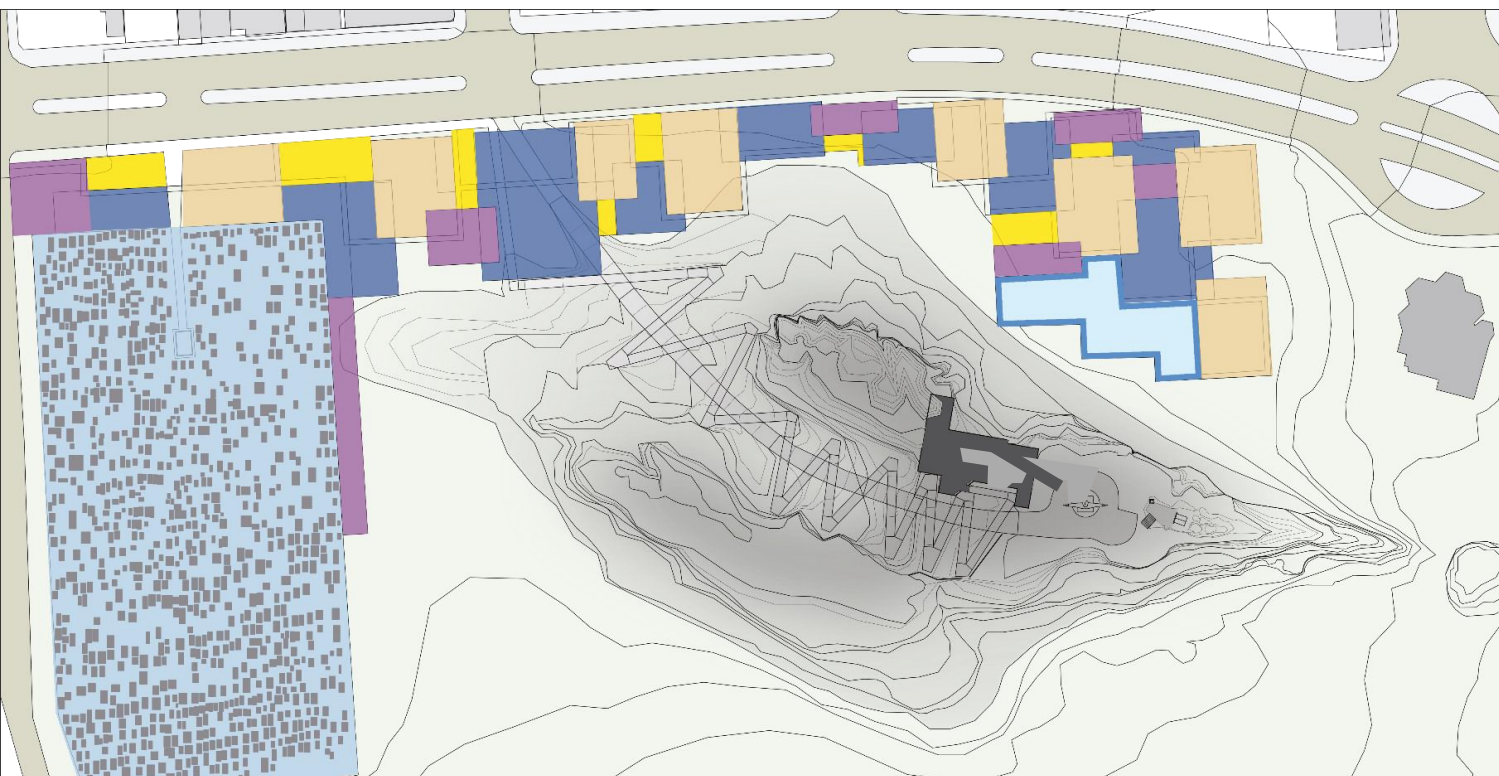


DIAGRAMA DE SOBREPOSIÇÃO DE PLANOS RETANGULARES| Em planta

0 10 50 100



- Espelho d'água
- Retângulos distribuídos com sobreposição
- Cemitério (exemplo da ortogonalidade urbana)

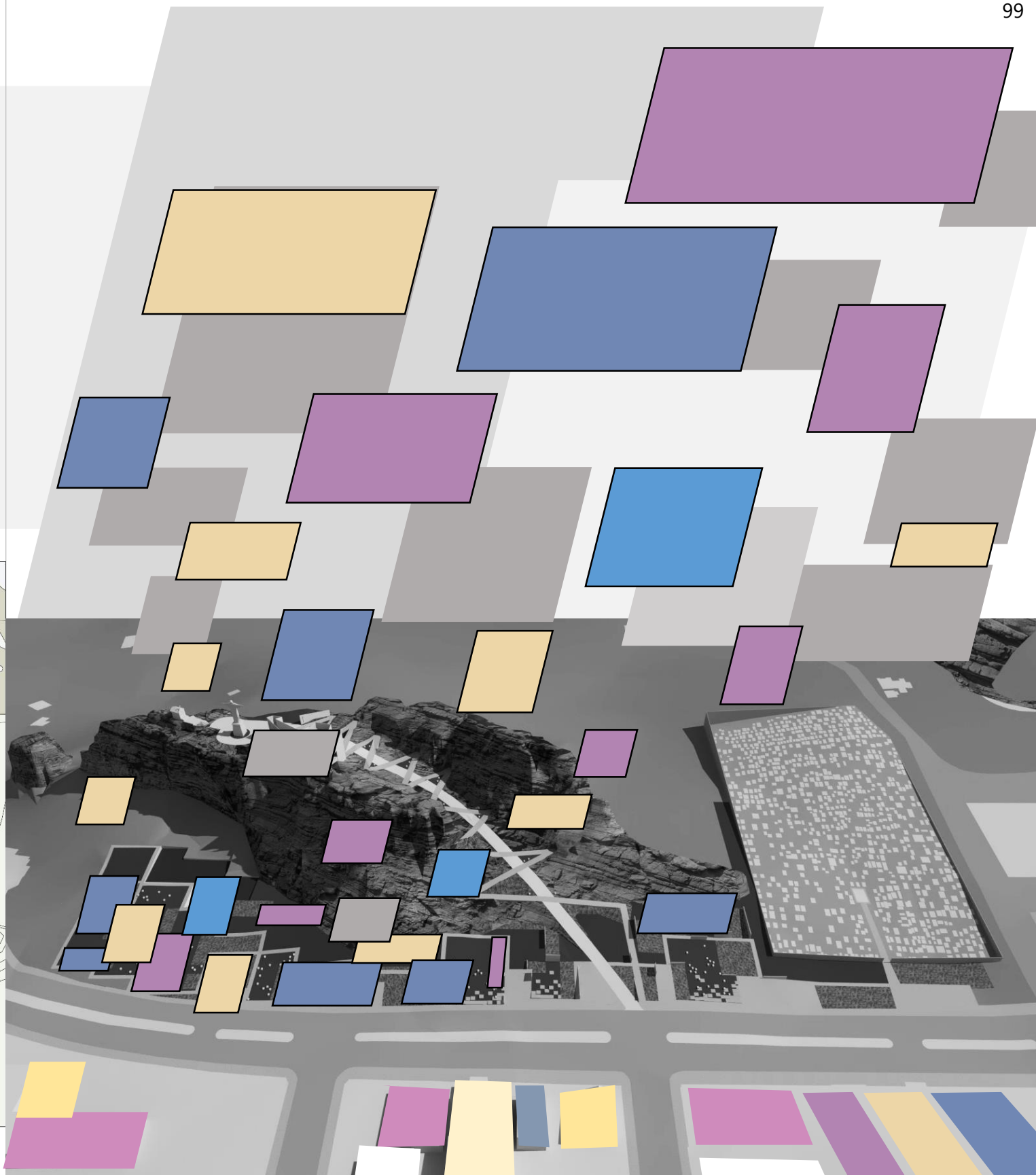


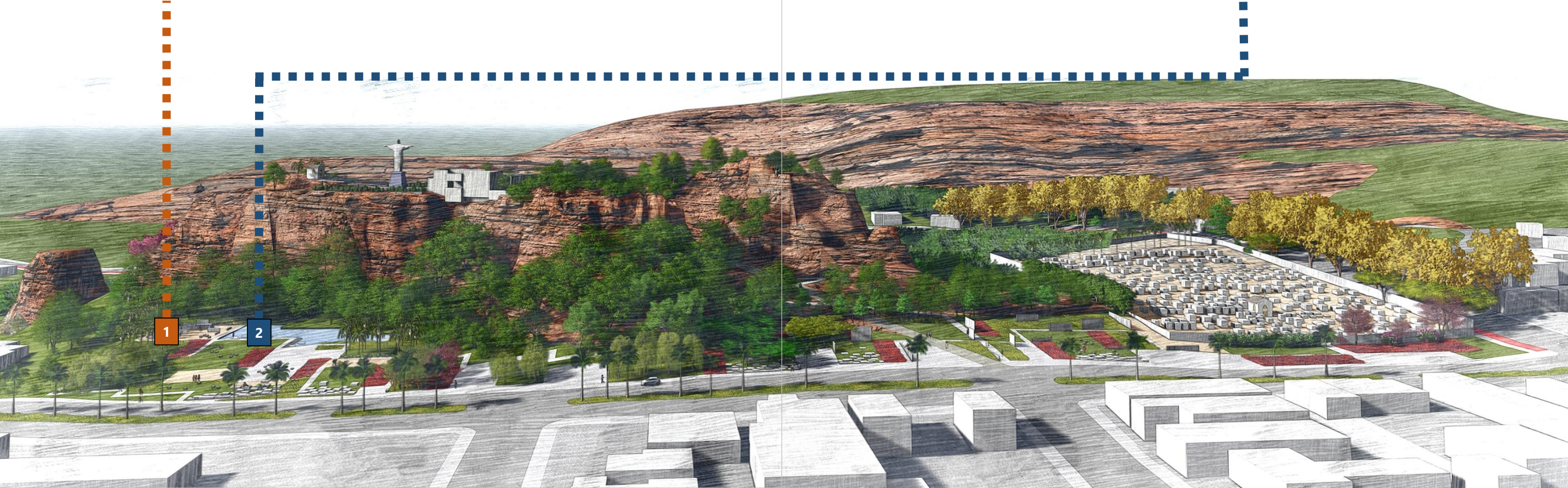
DIAGRAMA DE SOBREPOSIÇÃO DE PLANOS RETANGULARES| Em perspectiva

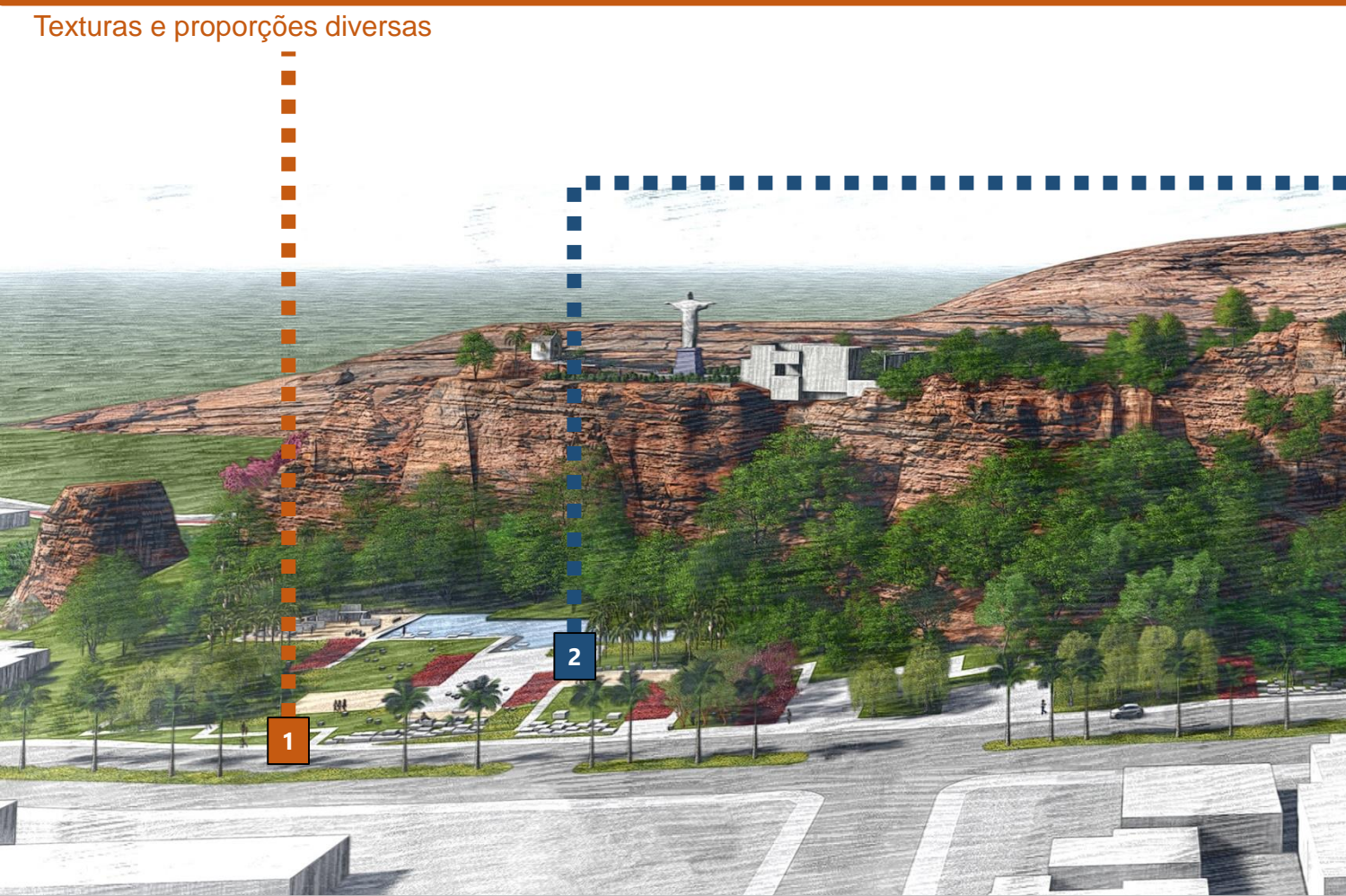


Espaço lúdico formado por planos de proporções diversas, assim como a própria praça



Interação direta com o espelho d'água, que reflete a serra invertida na água



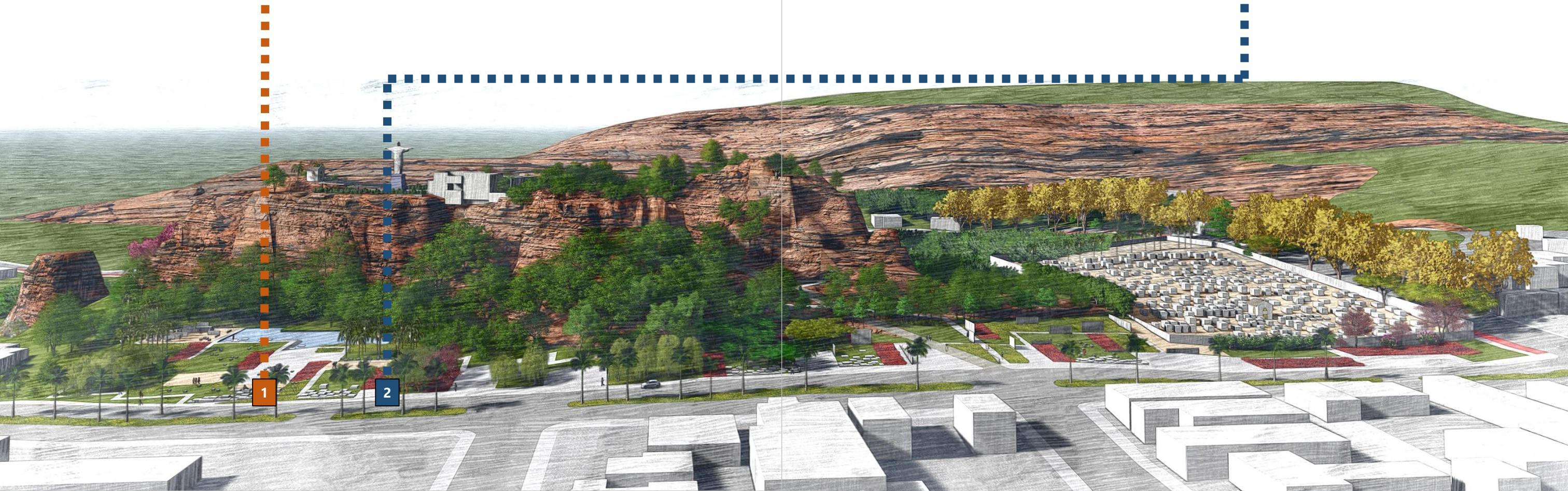


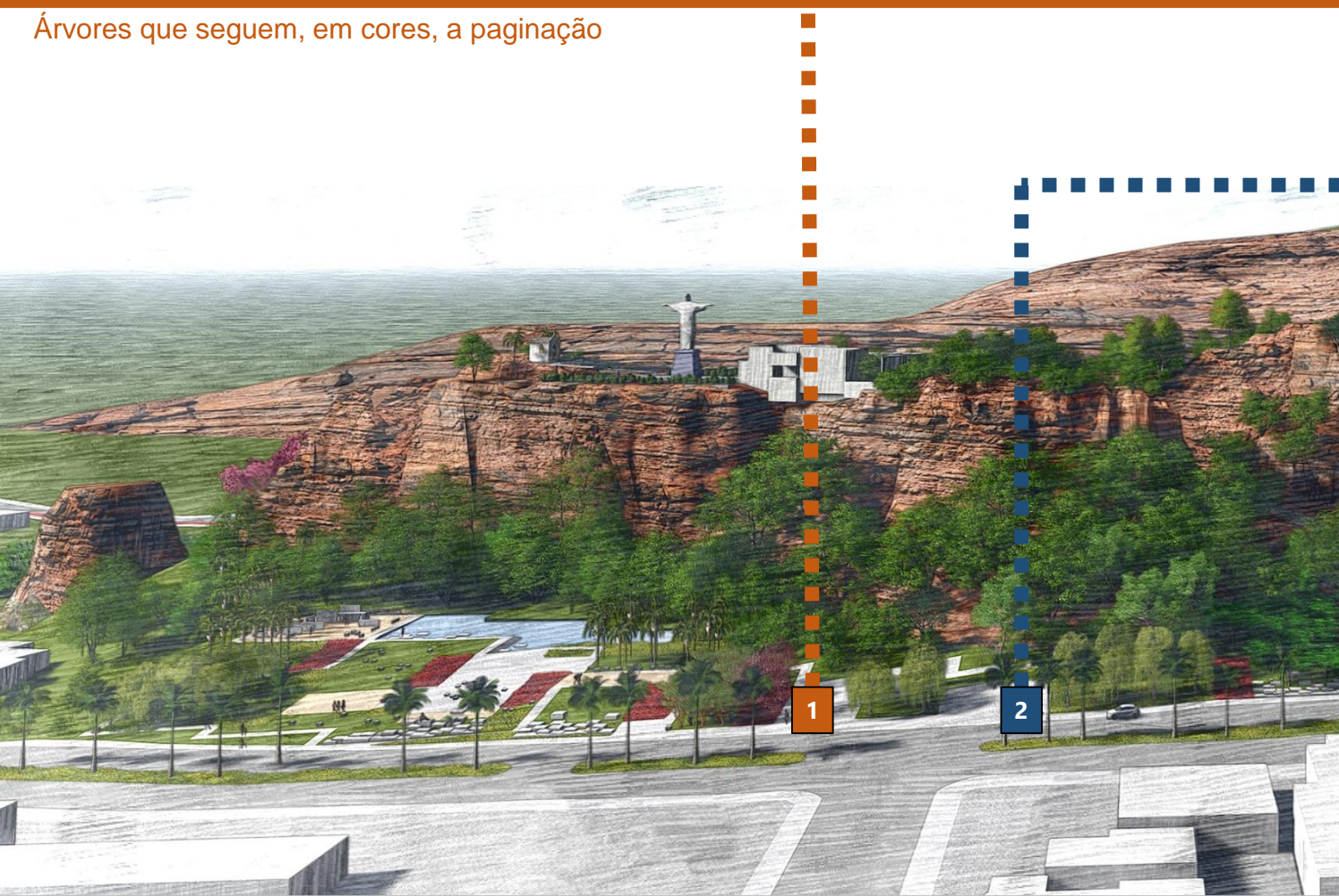
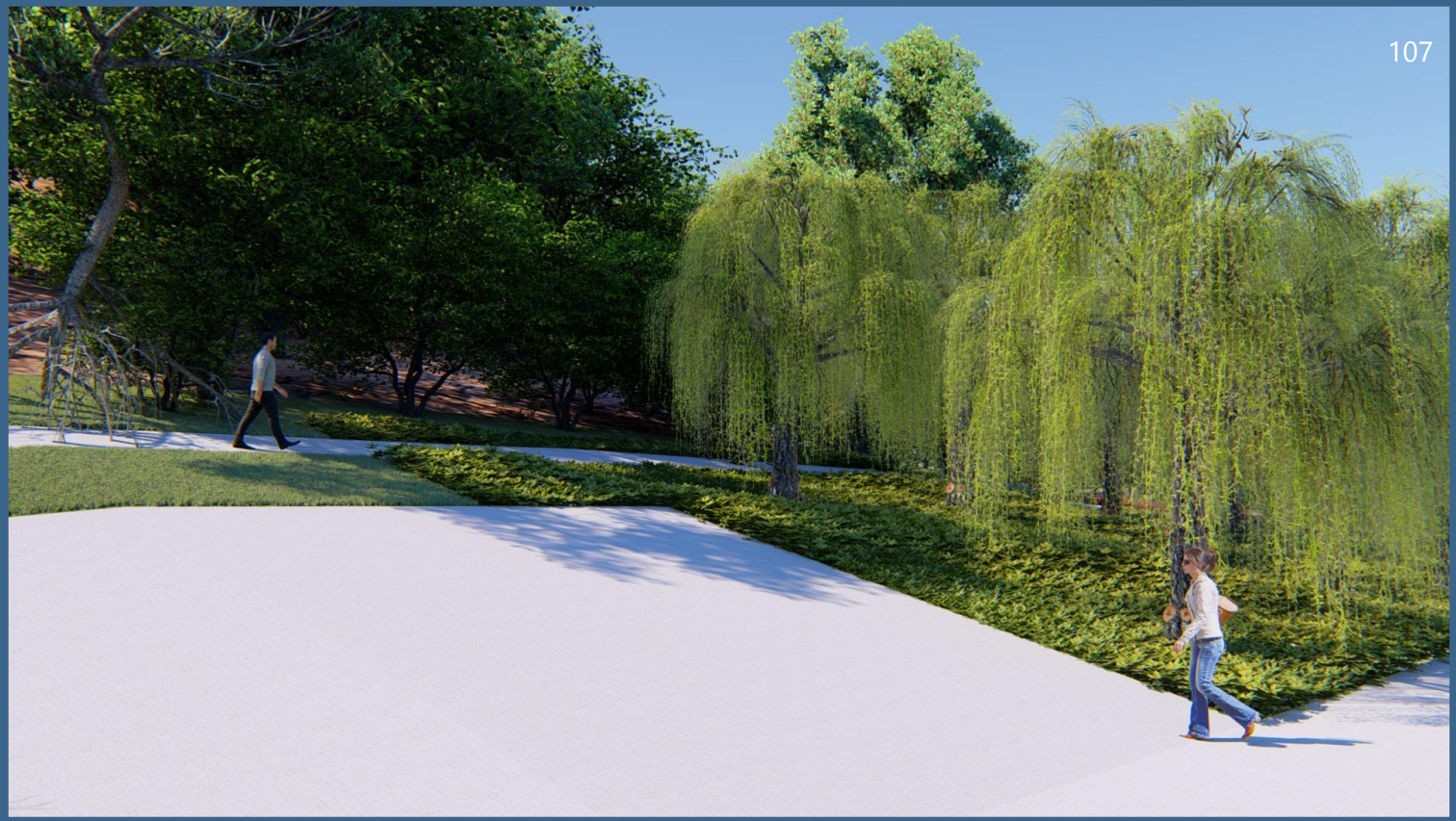


Mobiliários dispostos de maneira livre, para a livre apropriação



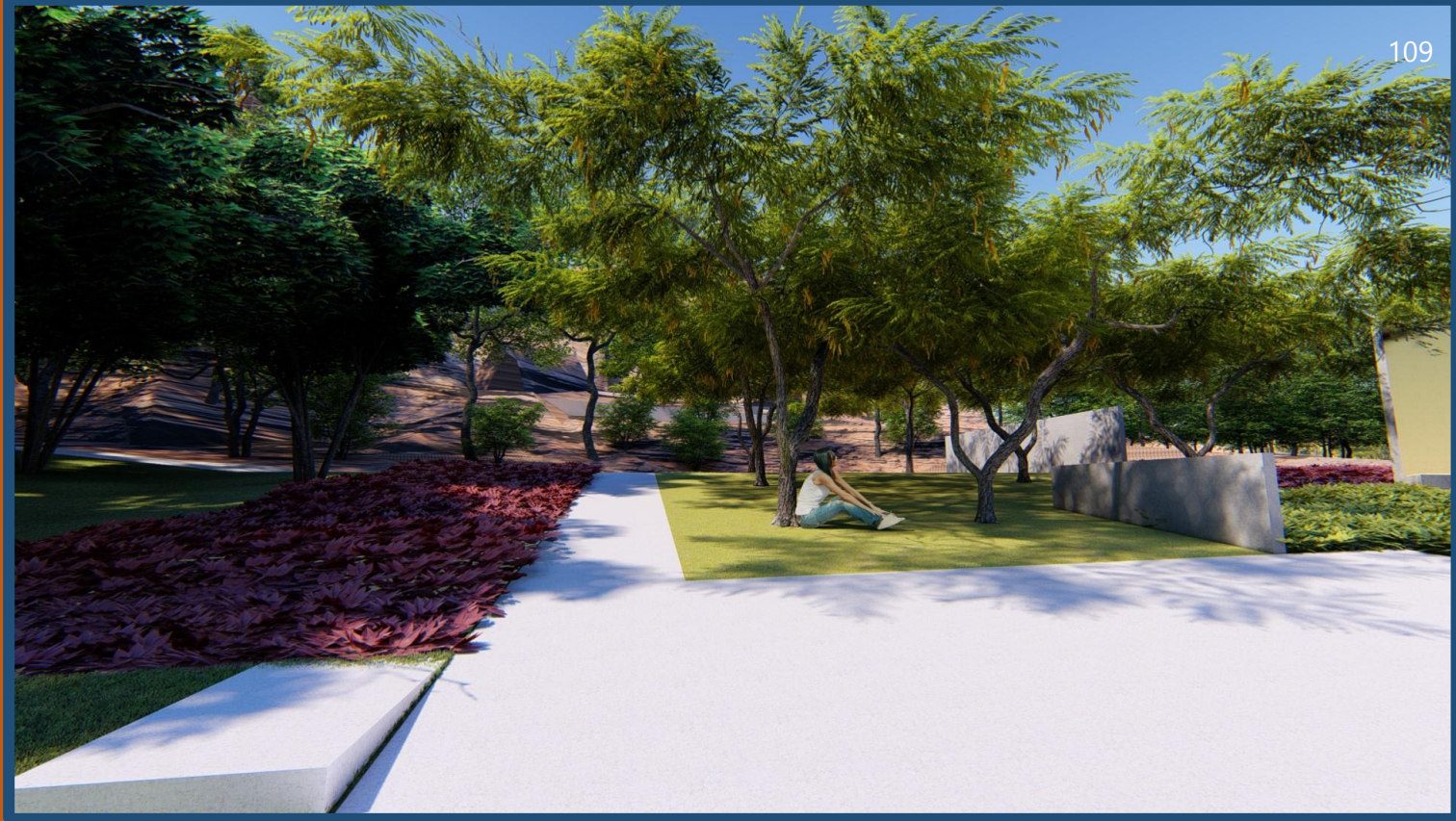
Mobiliários que interagem às árvores frutíferas

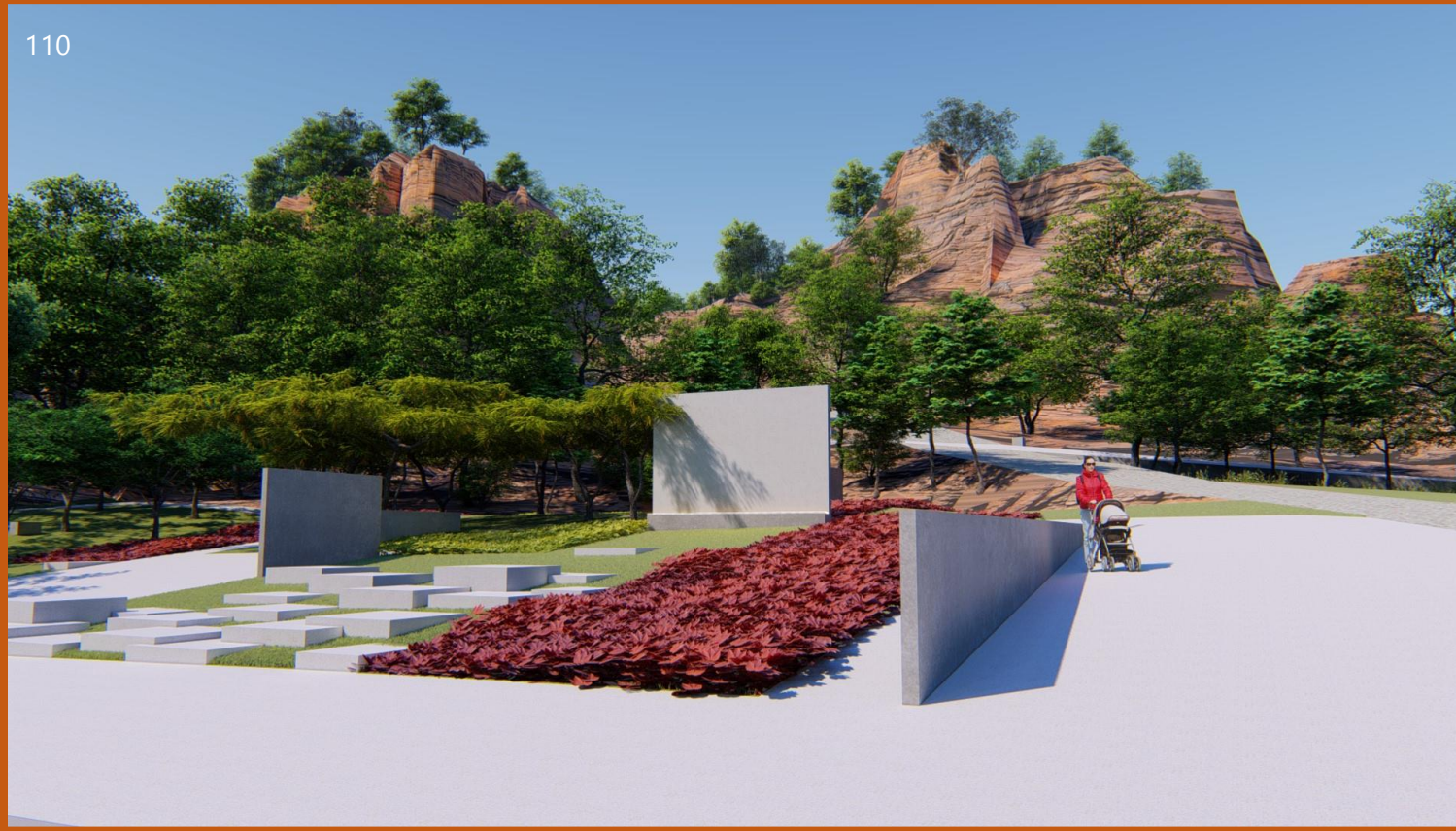




Árvores que seguem, em cores, a paginação

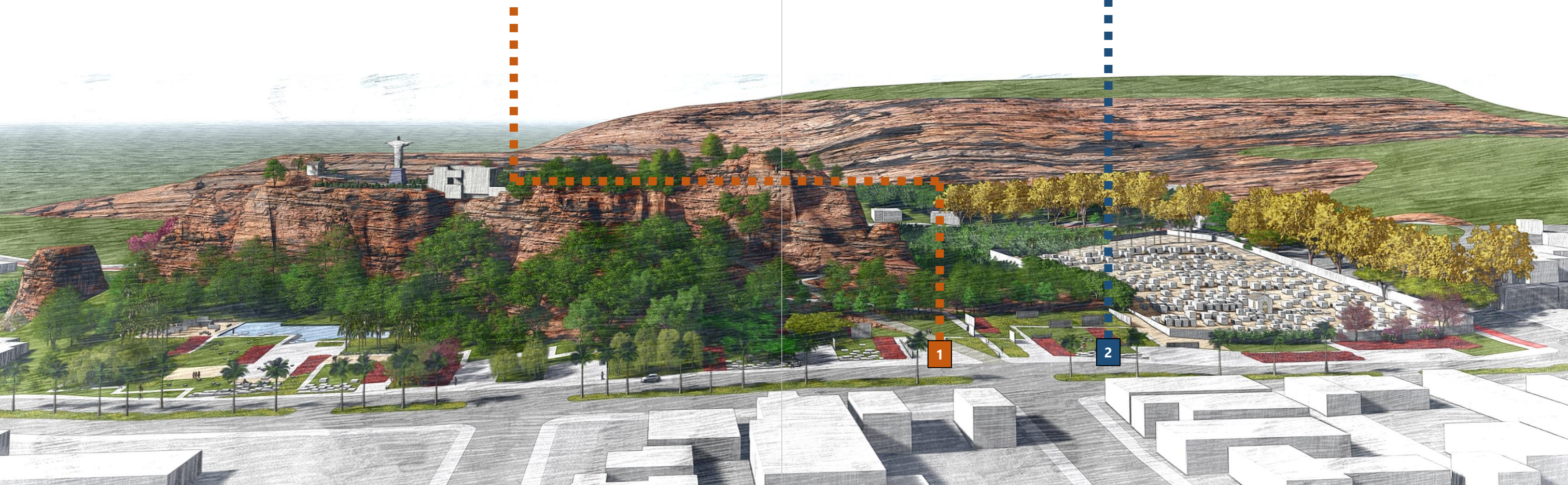
Aroeiras Salsos que dão movimentos com sua textura e leveza das folhas ao vento

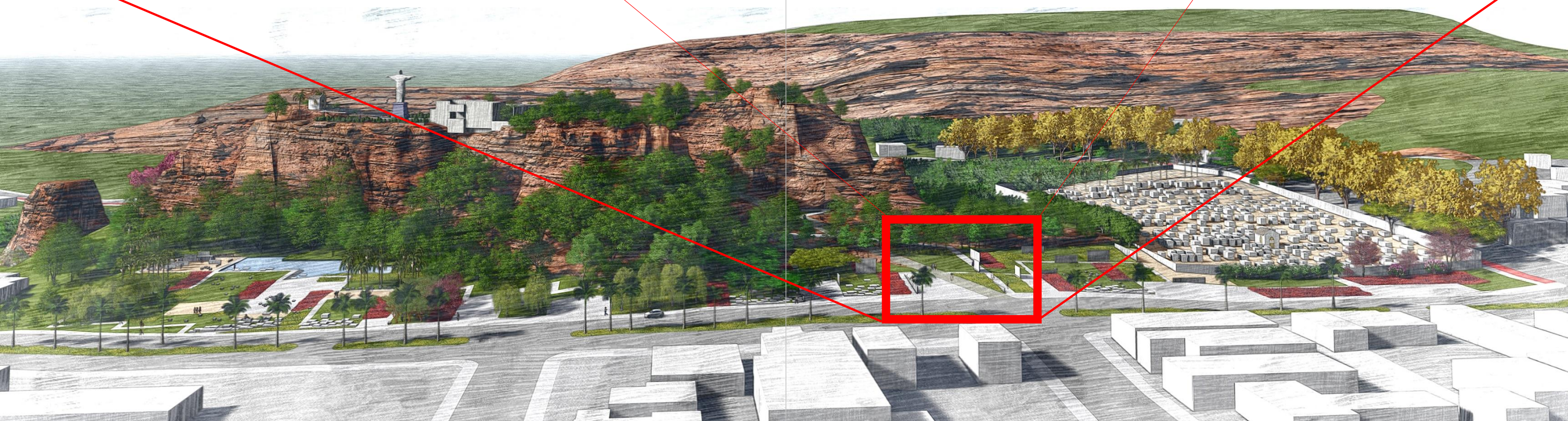
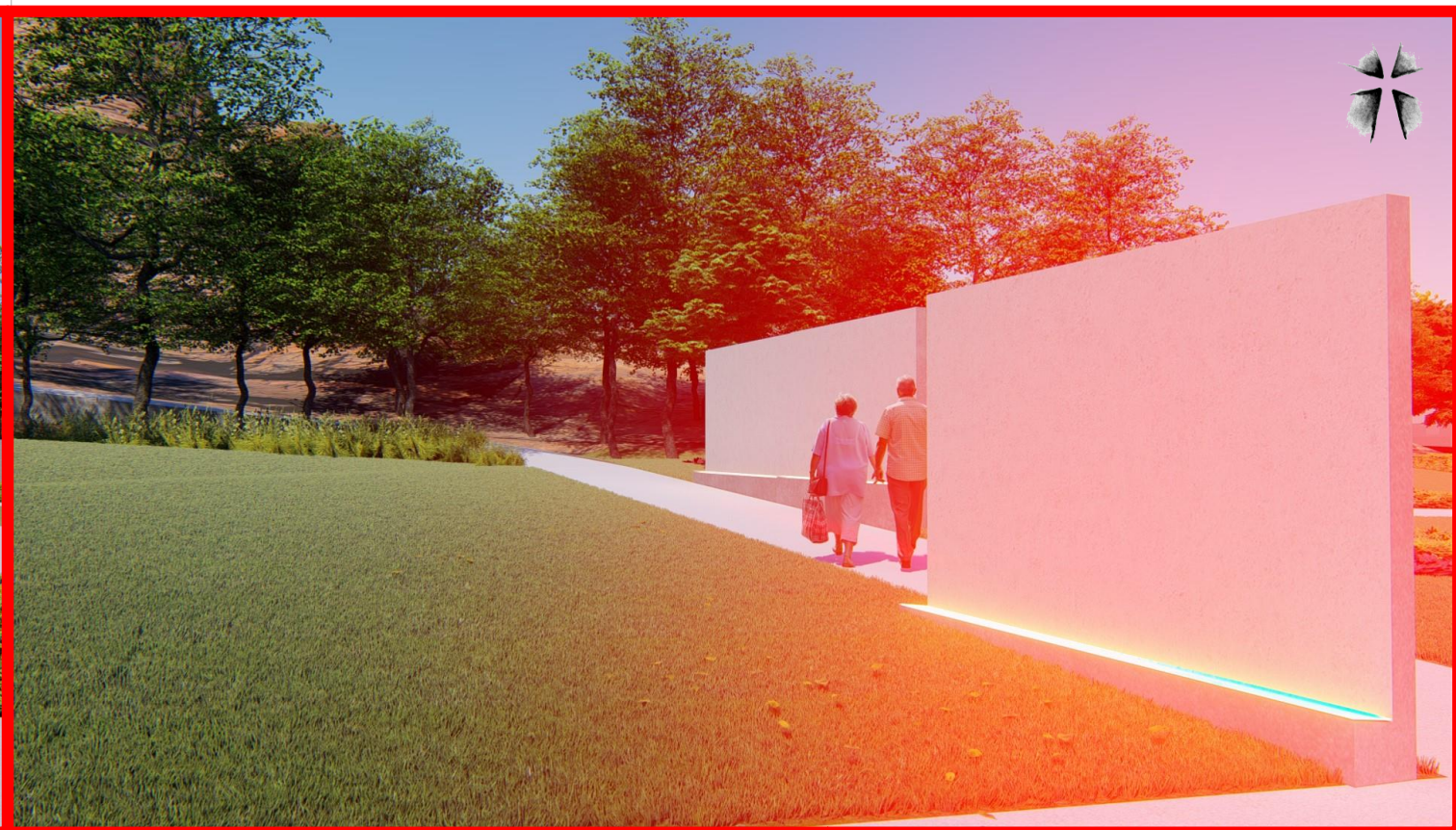




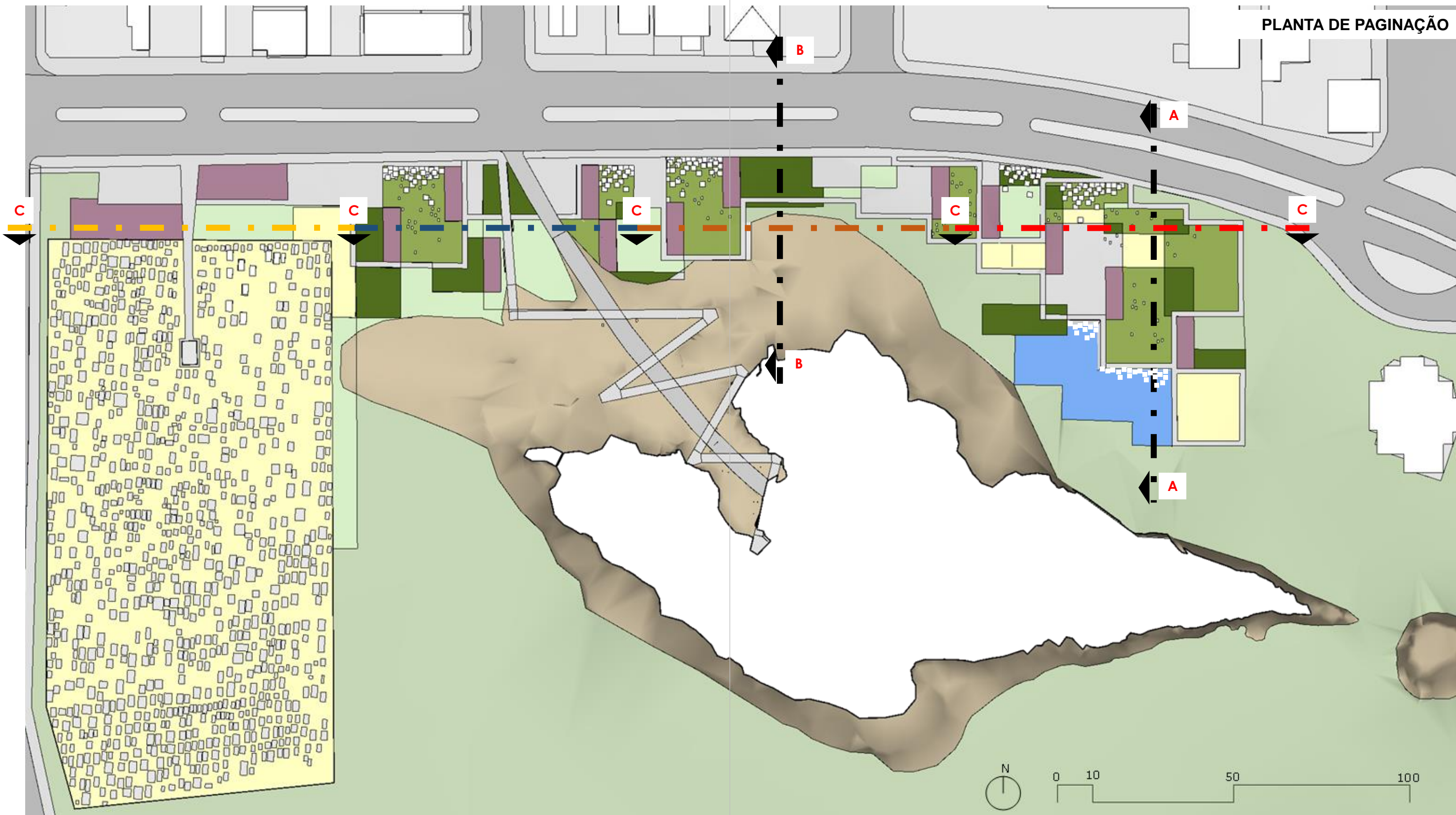
Texturas em formas retangulares que se esfacelam rumo ao ambiente natural


Mobiliários que comunicam com o cemitério que preexiste





PLANTA DE PAGINAÇÃO



- | | | | |
|--|--|--|---|
|  PAVIMENTAÇÃO EM CIMENTO |  ÁGUA |  FORRAÇÃO NÃO PISOTEÁVEL |  FORRAÇÃO NÃO PISOTEÁVEL RUBRA |
|  FORRAÇÃO PISOTEÁVEL |  AREIA |  COBRETURA VEGETAL PREEXISTENTE | |

PAGINAÇÃO E FORRAÇÃO| Praça

FORRAÇÃO NÃO PISO. RUBRA

	
Nome: Grama Periquito	Nome: Iresine
Nome científico: <i>Alternanthera Ficoidea</i>	Nome científico: <i>Iresine herbsiti</i>
Forração não pisoteável	herbácea

FORRAÇÃO PISOTEÁVEL


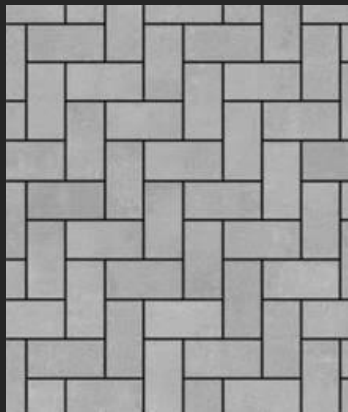

Nome: Grama Esmeralda
Nome científico: <i>Zoysia Japonica</i>
Forração pisoteável

FORRAÇÃO NÃO PISO. VERDE


		
Nome: Grama Amendoim	Nome: Clorofito	Nome: Vedélia
Nome científico: <i>Arachis repens</i>	Nome científico: <i>Iresine herbsiti</i>	Nome científico: <i>Sphagneticola trilobata</i>
Forração não pisoteável	Forração não pisoteável	Forração não pisoteável

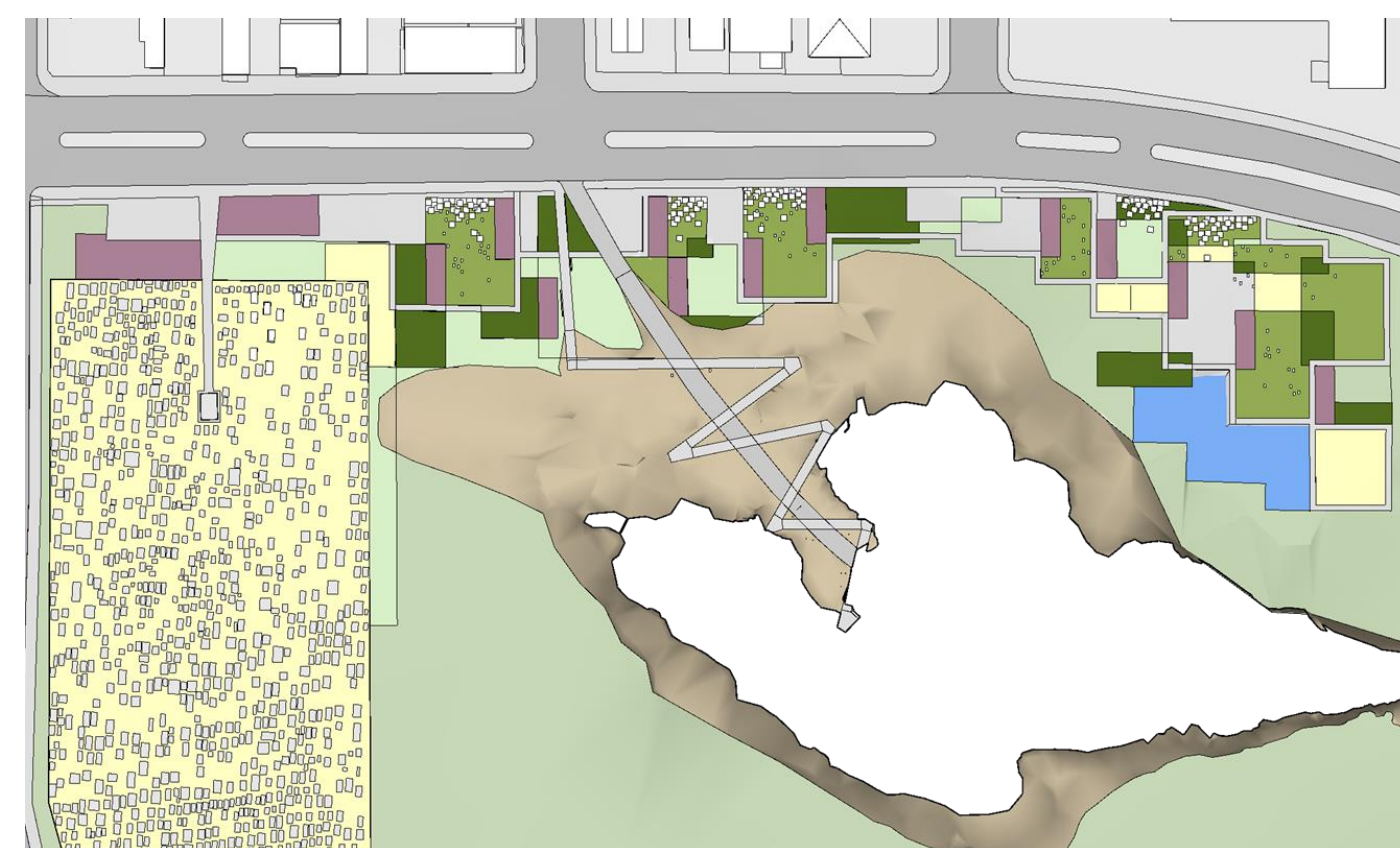
*** TODAS AS PLANTAS SÃO RESISTENTES AO SOL PLENO DA REGIÃO CENTRO-OESTE BRASILEIRA

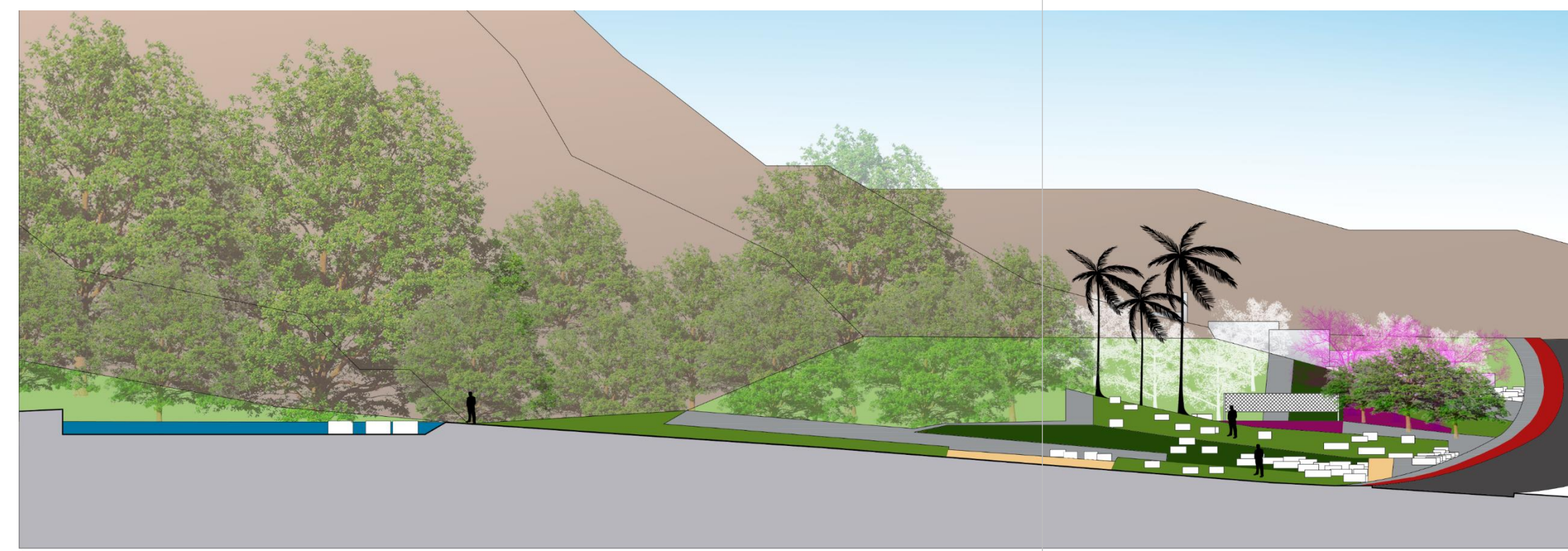
CIMENTO

	
Passeios em calçada de concreto	Grandes áreas com largura superior à 2 m em piso com bloquetes intertravados

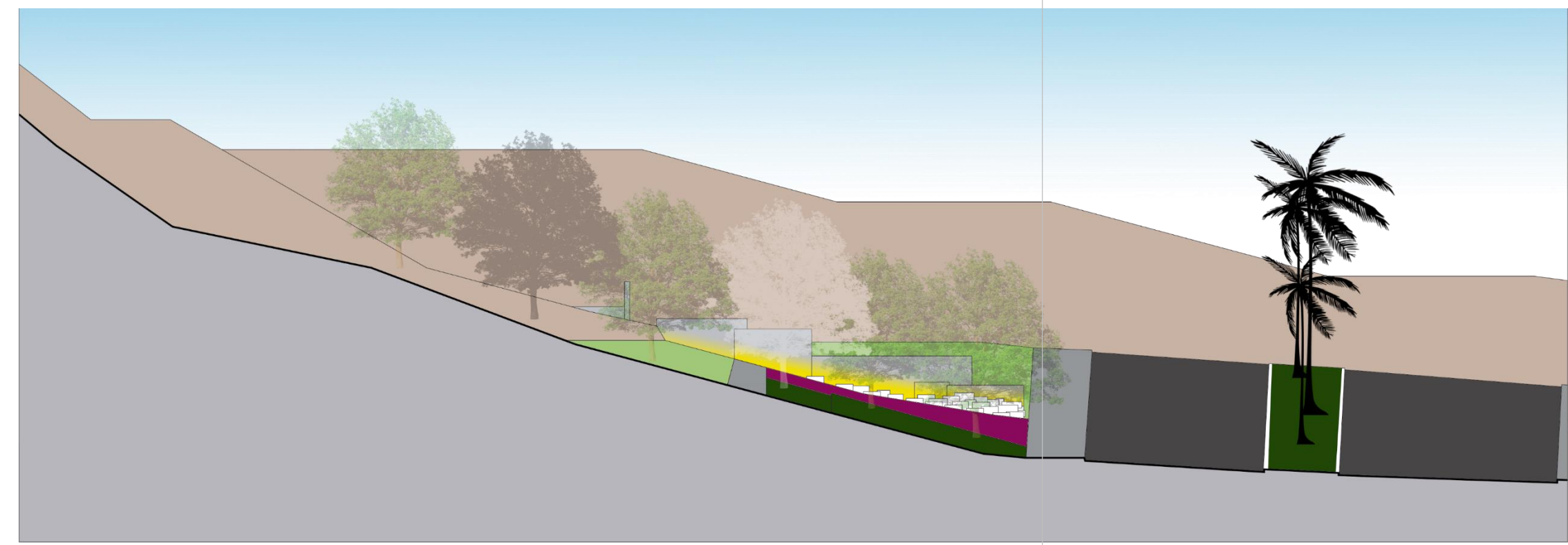
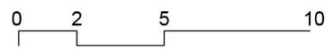
AREIA


Quadra, playground e áreas de praça seca

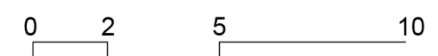


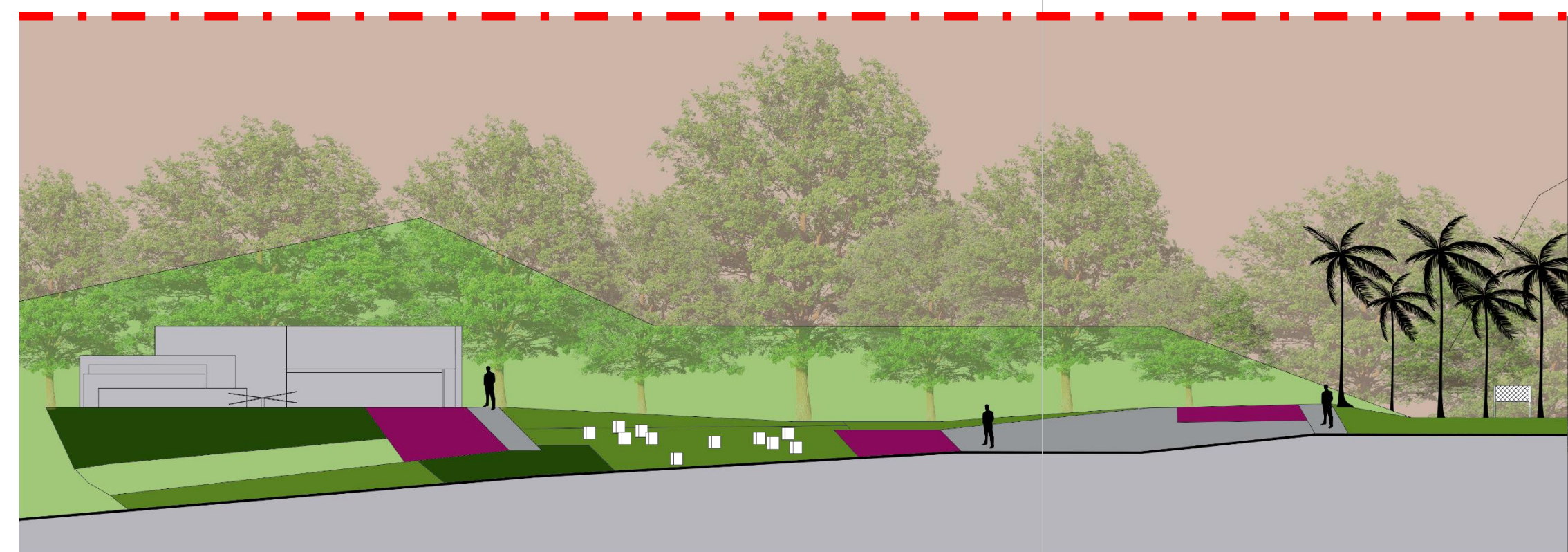


Corte AA



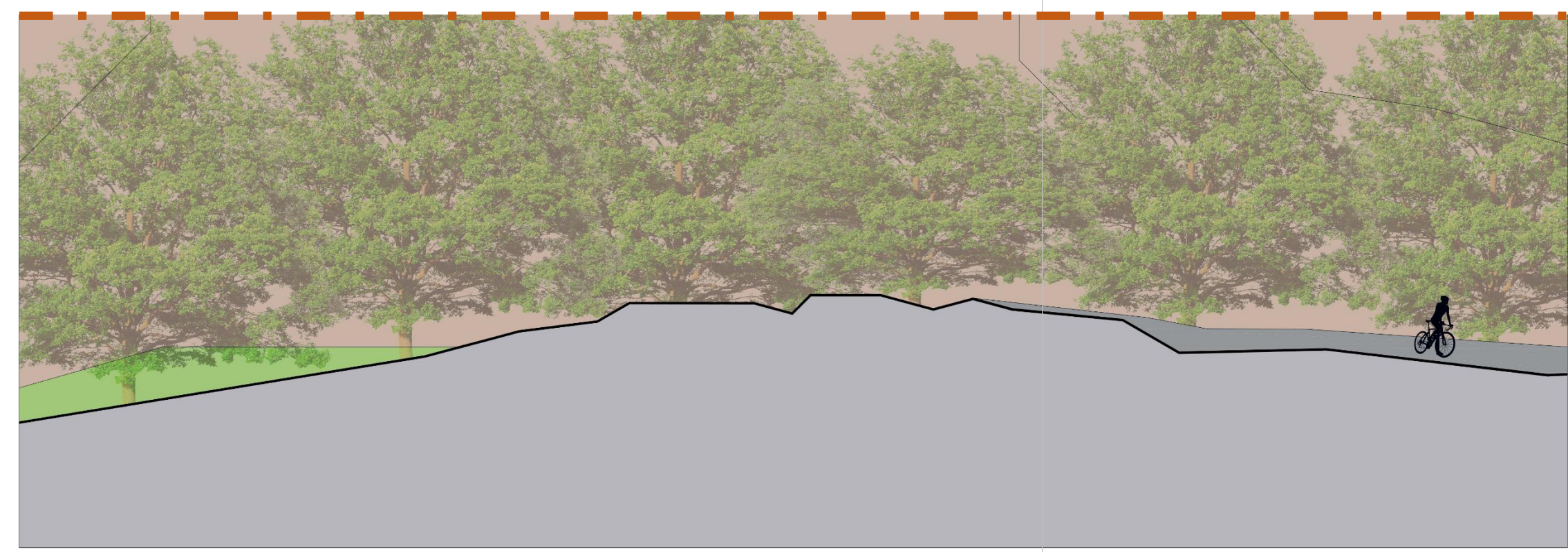
Corte BB





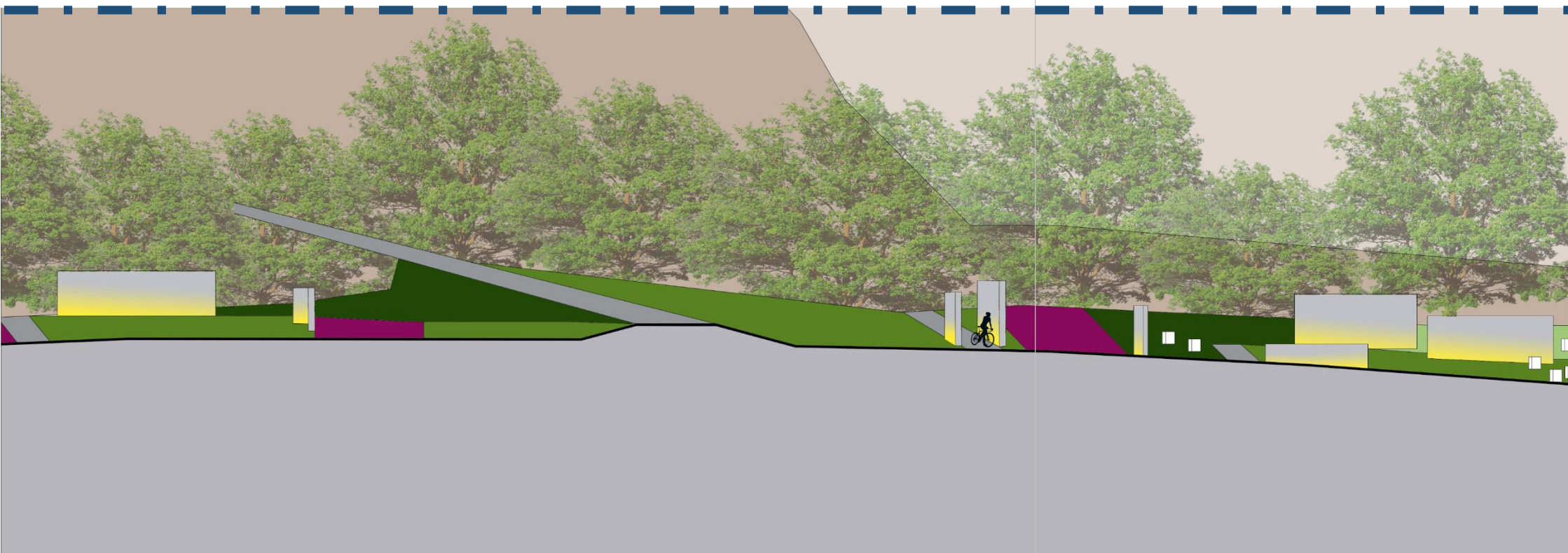
Corte CC – trecho vermelho

0 2 5 10

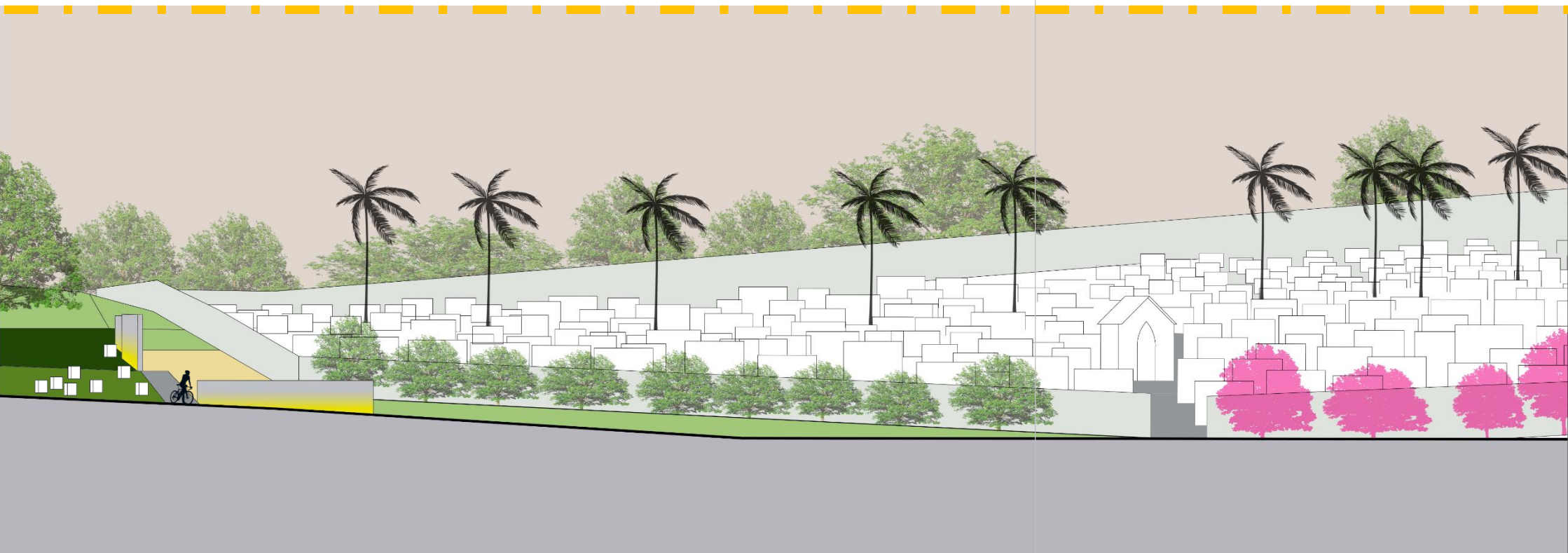
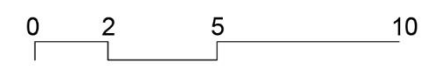


Corte CC – trecho laranja

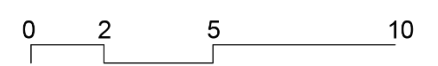
0 2 5 10



Corte CC – trecho azul



Corte CC – trecho amarelo

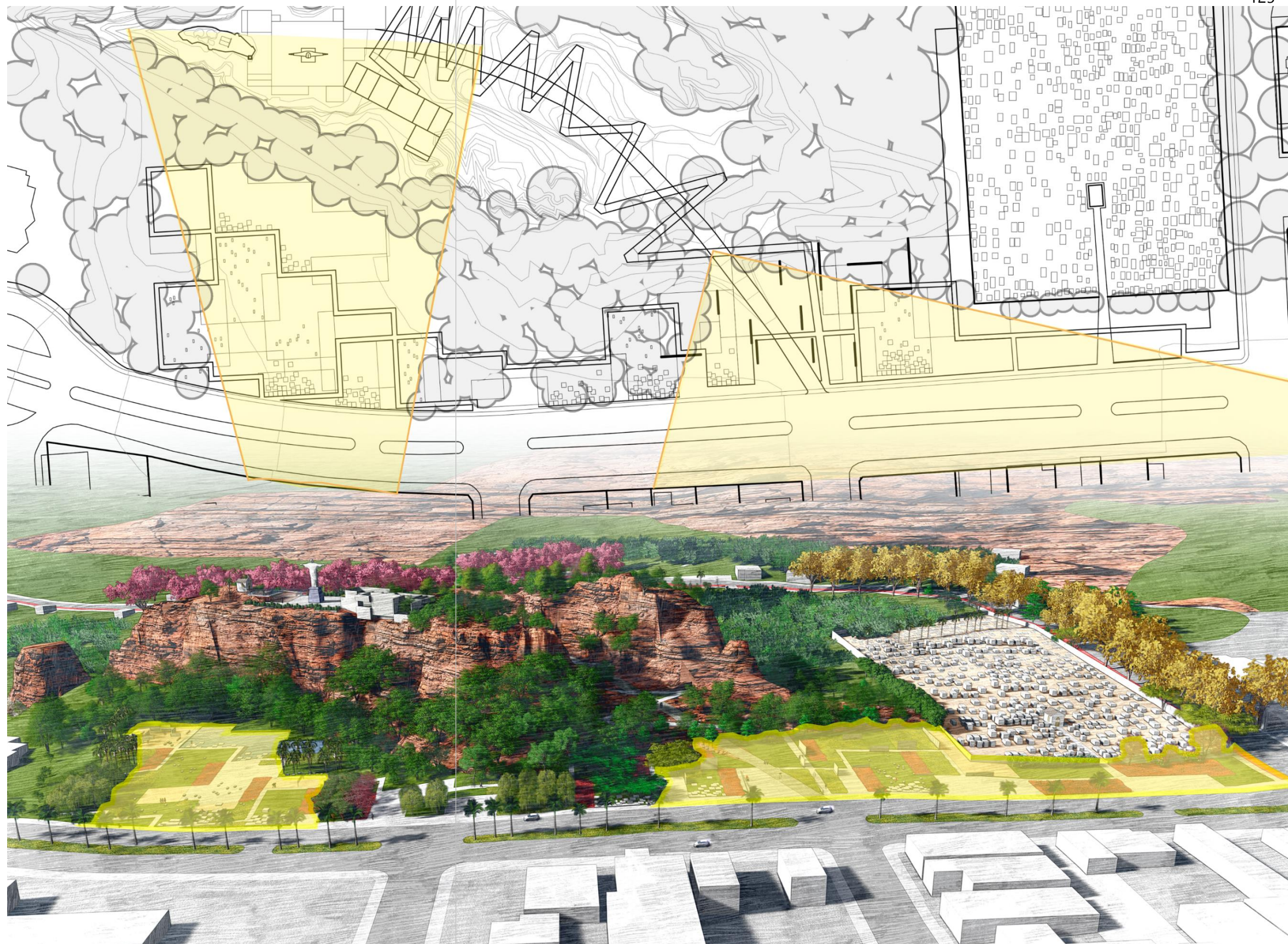


PLANO DE ARBORIZAÇÃO DA PRAÇA

Para a proposta de arborização da nova proposta da praça, foi pensado também visadas de pontos principais: o paredão da Serra do Cristo, e a via de acesso ao pico da formação rochosa.


Assim, estando de carro ou de maneira pedonal, a medida que se caminha pela calçada lindeira à praça, as clareiras marcam o visual amplo entre um ambiente baixo (praça) e o ambiente superior (cume da serra). Também, a oeste a clareira conduz a vista para a via que conduz o visitante ao topo. É ali o início de onde as duas paisagens se comunicam. Dialogam.

Diagrama de plano de massa arbórea para a Praça.



PLANTA COM EXTRATO ARBÓREO



-  ÁRVORES COPA HORIZONTAL
-  ÁRVORES AROMÁTICAS
-  PALMEIRA
-  PEQUENO PORTE
-  ÁRVORES FRUTÍFERAS
-  FLORAÇÃO ROSA
-  MASSA ARBÓREA PREEXISTENTE (nativas)

ÁRVORES COPA HORIZONTAL



Nome: Cajueiro
Nome científico: *Anacardium occidentale L.*

Porte: médio porte, com até 10m de altura



Nome: Jaboticabeira
Nome científico: *Myrciaria cauliflora* ou *Plinia cauliflora*

Porte: médio porte, com até 10m de altura



Nome: Manga Rosa
Nome científico: *Mangifera indica*

Porte: grande médio porte, acima de 12m de altura

FLORAÇÃO ROSA



Nome: Ipê Roxo
Nome científico: *Handroanthus Impetiginosus*

Porte: grande porte, com 20 – 35 m



Nome: Paineira Rosa
Nome científico: *Ceiba speciosa*

Porte: grande porte, com 15 – 30 m



Nome: Quaresmeira
Nome científico: *Tibouchina granulosa*

Porte: médio porte, com 8 – 12 m



Nome: Resedá rosa
Nome científico: *Lagerstroemia indica*

Porte: pequeno porte, com 3 – 7 m

QUADRO DE ÁRVORES | Praça

ÁRVORES COPA HORIZONTAL



Nome: Flamboyant
Nome científico: *Delonix regia*

Porte: grande porte

PALMEIRA



Nome: Guerobeira
Nome científico: *Syagrus Oleracea*

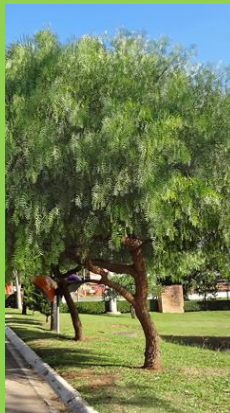
Nativa do cerrado
Altura: 20 m



Nome: Buriti
Nome científico: *Mauritia Flexuosa*

Nativa do cerrado
Altura: 30 m

PEQUENO PORTE



Nome: Aroeira Salso
Nome científico: *Schinus molle*

Altura: médio porte, 3 – 7m

ÁRVORES AROMÁTICAS



Nome: Murta de Cheiro
Nome científico: *Myrtus*

Porte: pequeno porte, com até 5m



Nome: Dama-da-noite
Nome científico: *Cestrum Nocturnum*

Porte: arbustiva de até 3 m



Nome: Jasmim Manga
Nome científico: *Cestrum Nocturnum*

Porte: arbustiva de até 3 m

*** TODAS AS PLANTAS SÃO RESISTENTES AO SOL PLENO DA REGIÃO CENTRO-OESTE BRASILEIRA



ÁRVORES NATIVAS MANTIDAS

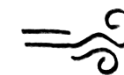
PLANTA DE DEMOLIR E CONSTRUIR | Aproximação da praça e topo da Serra do Cristo

Área Construída: 13 481 m²



CONSTRUIR

DEMOLIR

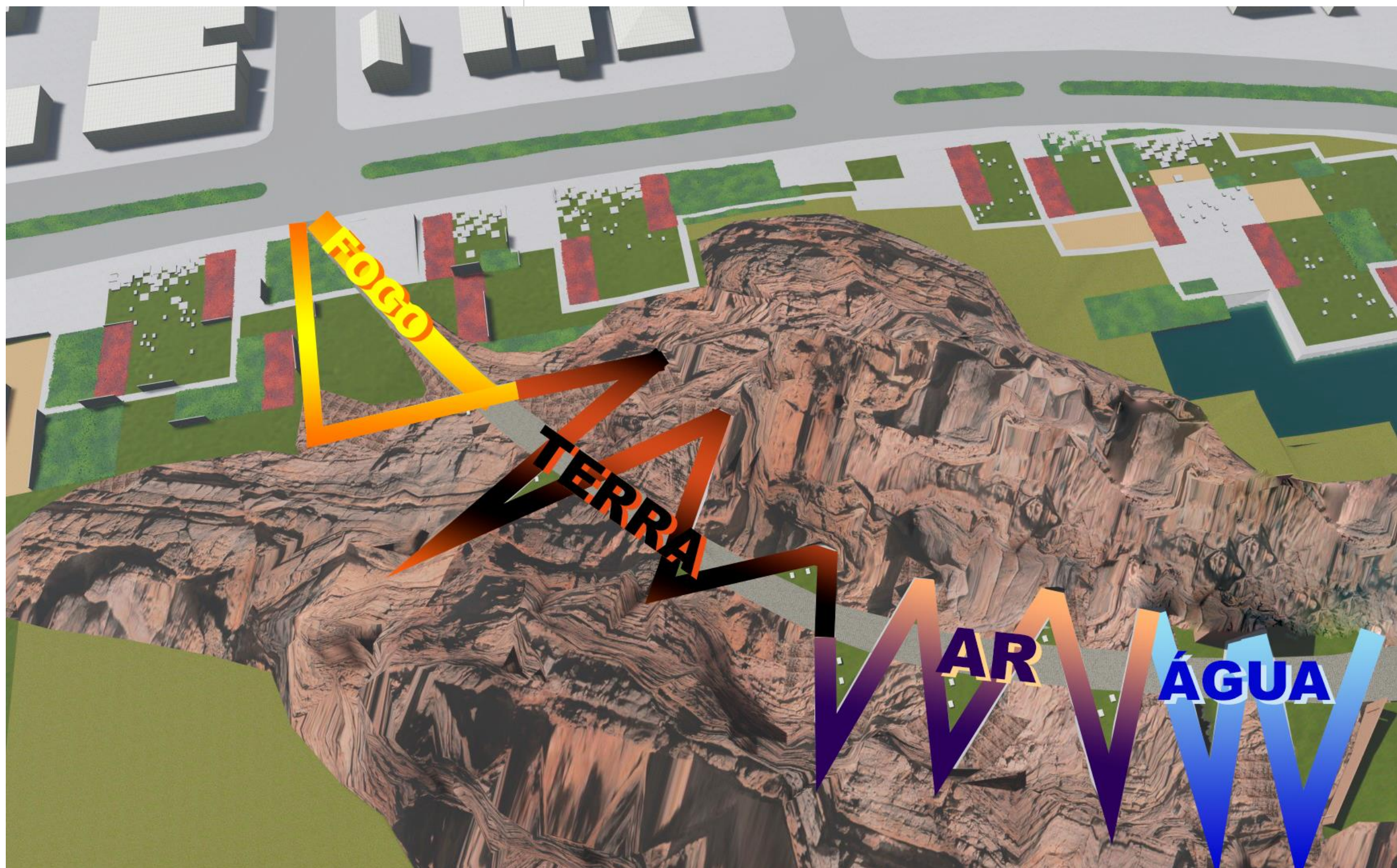


Agora, é chegado o momento de caminhar rumo ao topo da serra. Para tal passeio é explorado os quatro elementos da natureza (fogo, terra, ar e água, respectivamente).

Em primeiro lugar, foi necessário fazer uma adequação da via preexistente em paralelepípedos. Uma intervenção, cuja inclinação respeite à acessibilidade (menor ou igual à 8,33%).

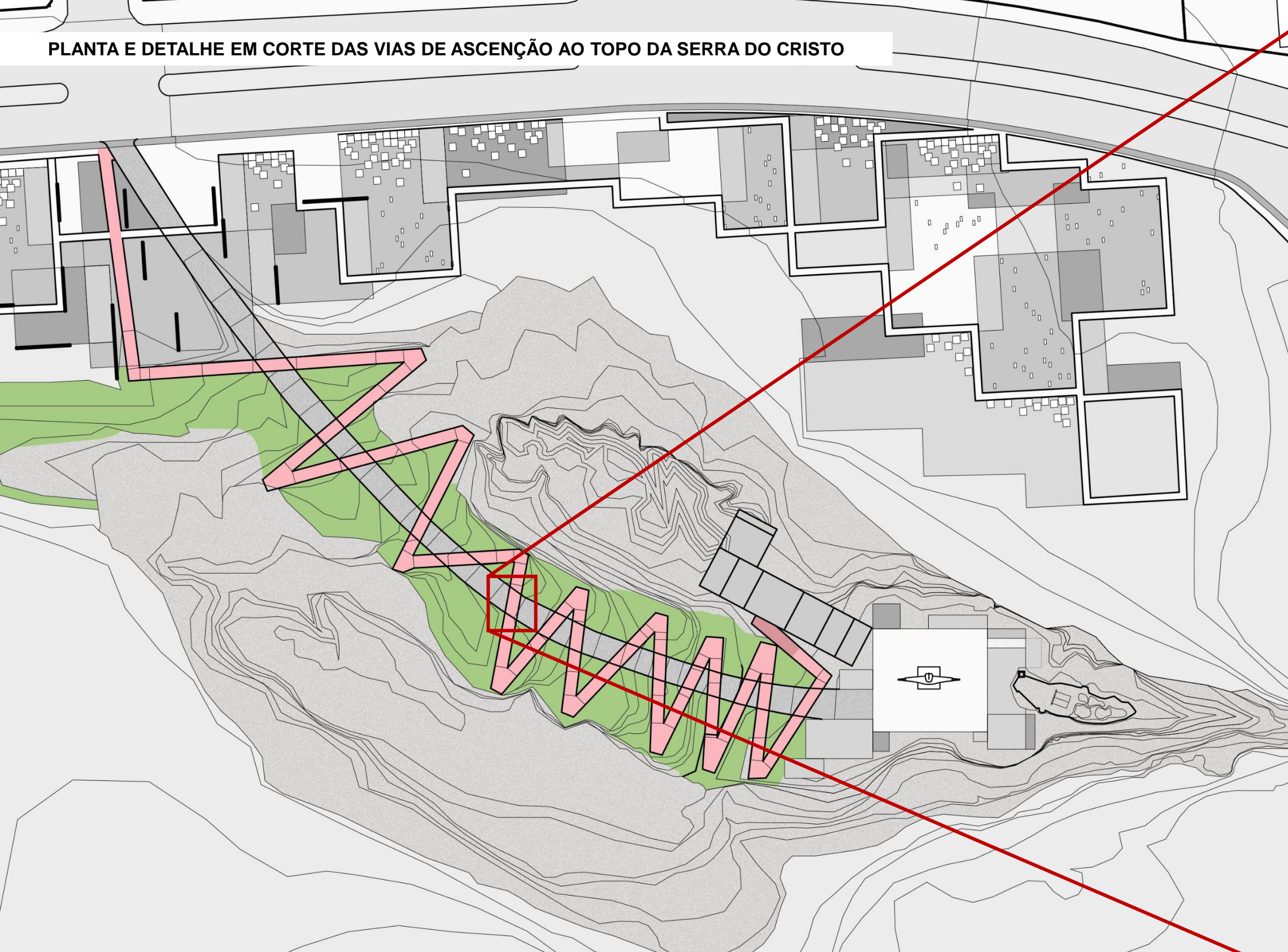
Desse modo, o percurso torna-se uma alternativa à via de pedras já existente, mas que por muitas vezes encontram-se em mesmo nível cada vez que elas se cruzam.

Assim será desde o começo no percurso até o final e as vias (nova e antiga) são divididas em faixas que exploram os elementos da natureza e despertam uma sinestesia ao visitante como modo de manifestar o conceito proposto ao projeto.

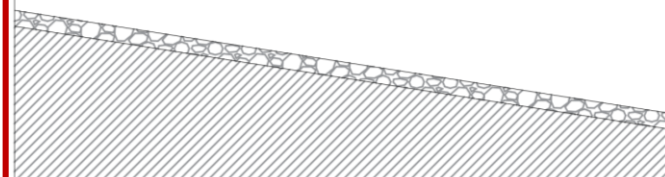


Via preexistente: 188 m Via de intervenção: 665 m

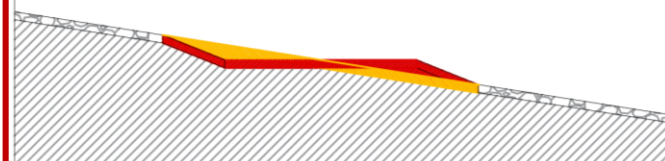
PLANTA E DETALHE EM CORTE DAS VIAS DE ASCENÇÃO AO TOPO DA SERRA DO CRISTO



DETALHE: Via antes da Inserção da via secundária

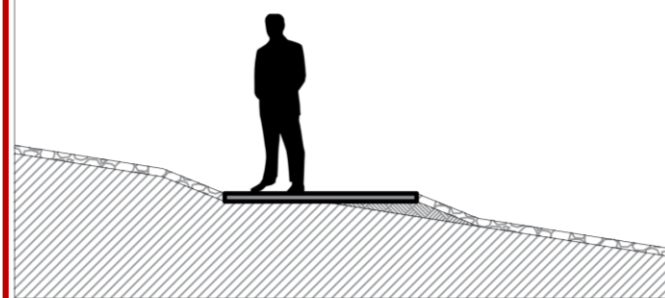


DETALHE: Modificação nos trechos de encontro entre as vias preexistente e a nova proposta



Demolir Construir

DETALHE: resultado da intersecção entre as vias



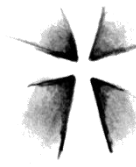
Paralelepípedo Concreto

0 10 50 100



0 0.3 1 3

1. O FOGO| Ascensão em mistérios



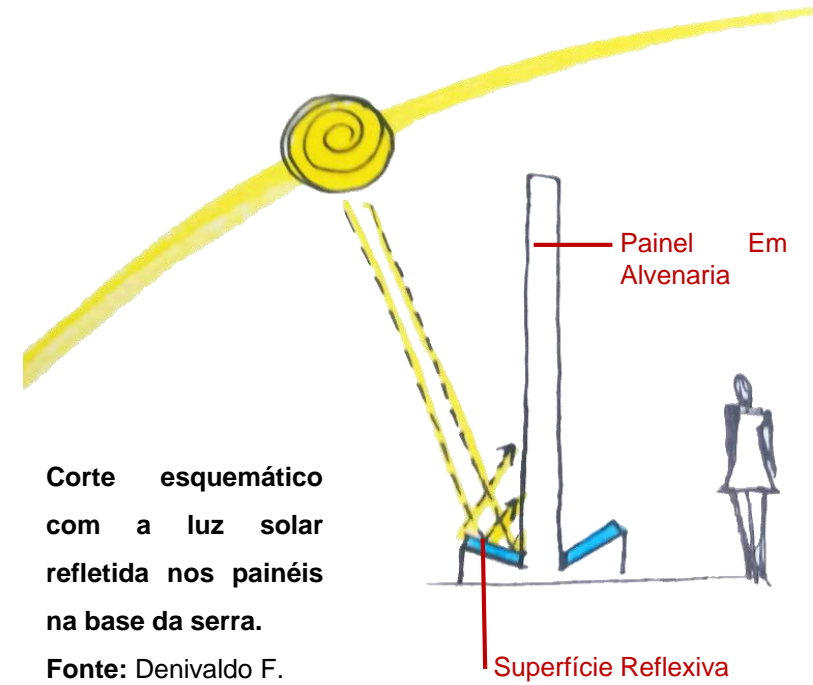
O fogo há muito é tratado como um elemento purificador. No cerrado, por exemplo, muitas das vezes em que o raio cai em plantas secas, o fogo domina a paisagem, e meses depois, graças as raízes profundas, o cerrado ressurge com suas árvores características de tal bioma, revelando o renascimento. Aqui, colaborando para a subida da serra em

meio aos elementos naturais, o fogo se manifesta através da luz. Durante o dia com a luz do sol ao rebater em uma pequena superfície reflexiva e em seguida refletida em painéis dispostos no início da via de ascensão, e quando noite, manifesta-se com a luz artificial. A visão e o calor na área próxima aguçam os sentidos humanos neste momento



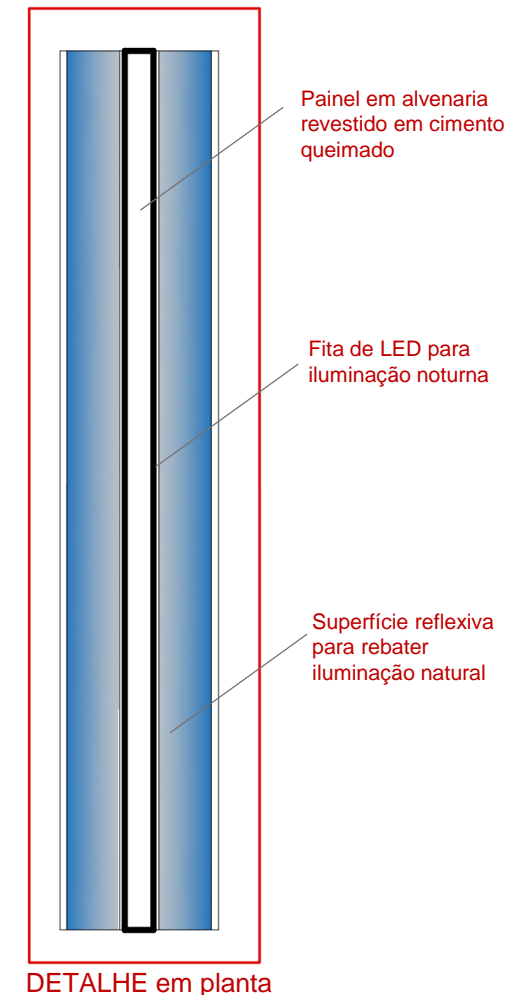
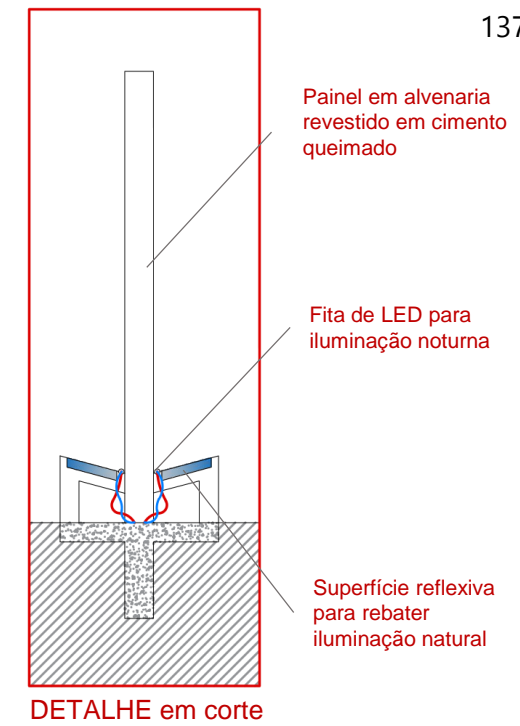
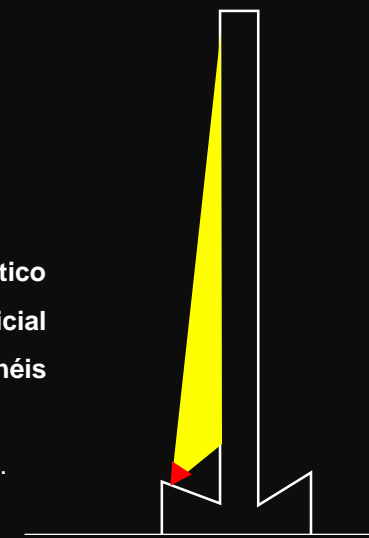
Luz solar refletida nos painéis na base da serra.
Fonte: Denivaldo F.

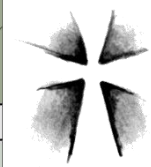
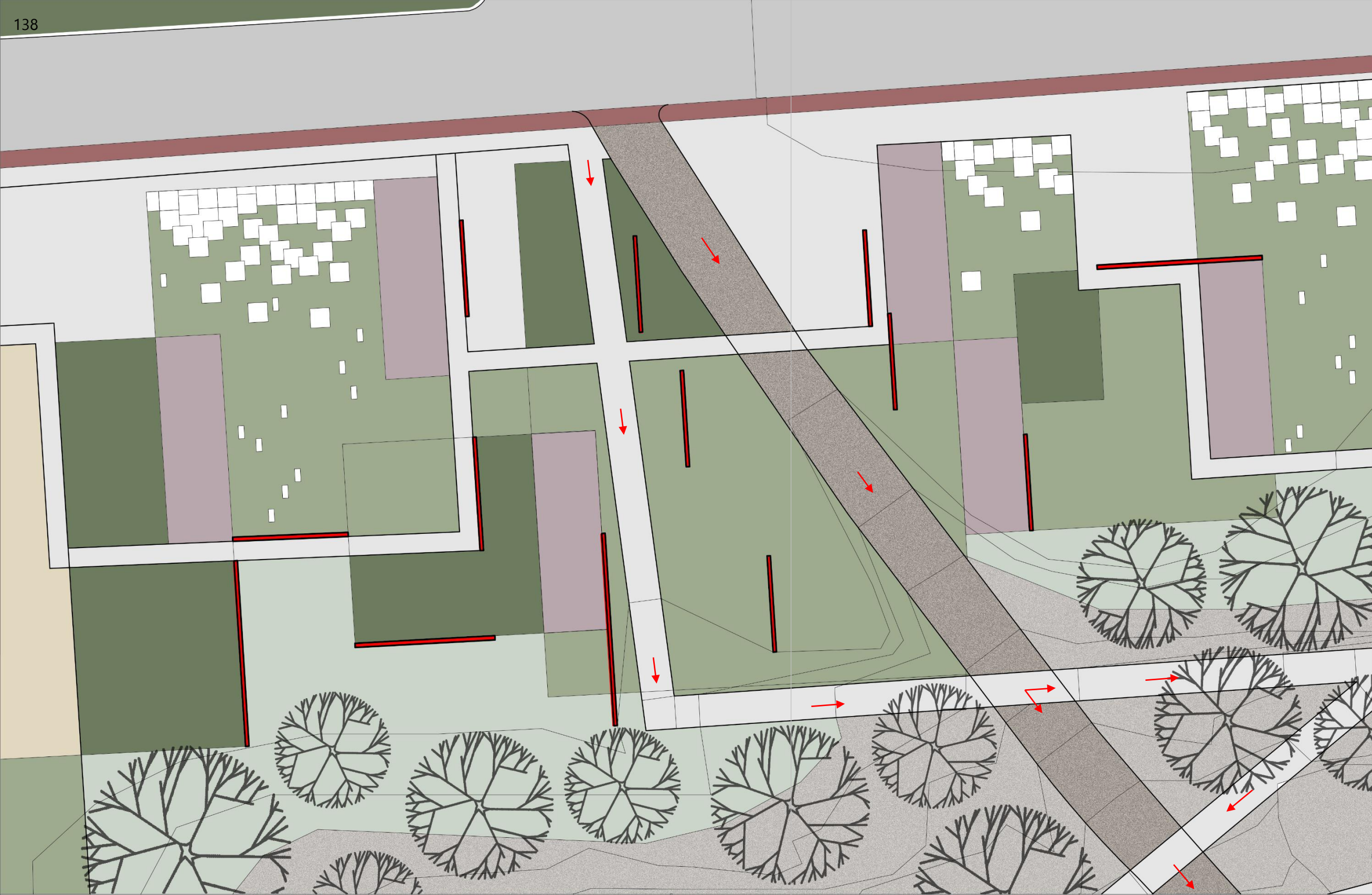
DIA



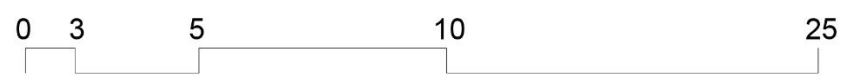
NOITE


Corte esquemático com a luz artificial refletida nos painéis na base da serra.
Fonte: Denivaldo F.





PLANTA APROXIMADA DO TRECHO 1 | O fogo



 Localização do painéis no trecho inicial da via de ascensão

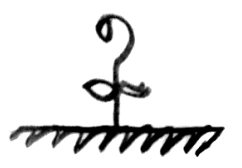
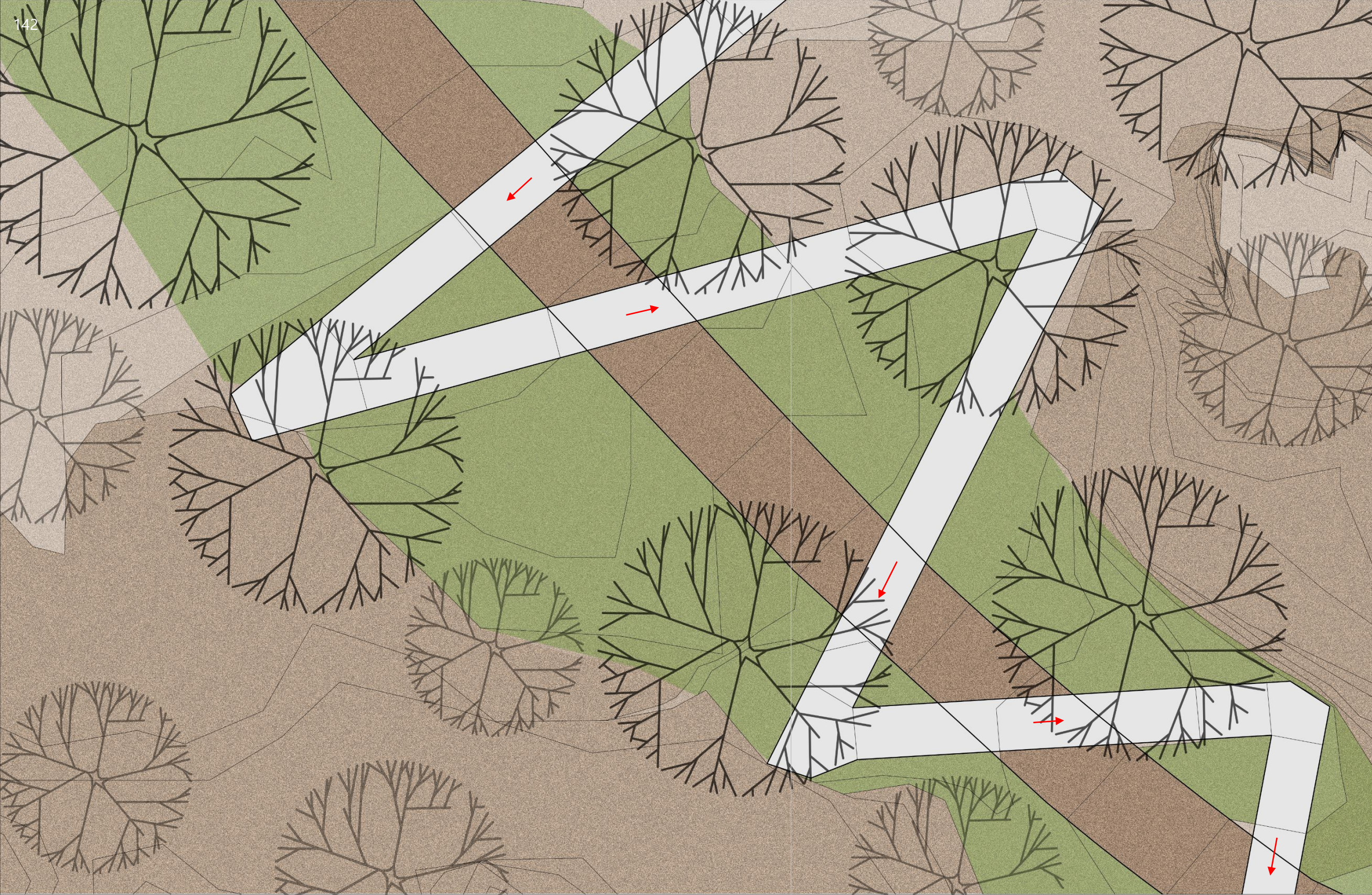
2. A TERRA | Ascensão em mistérios

Após atravessar o local investido com o elemento **fogo**, o elemento a ser explorado, agora, conversa direto com o que o percurso já permitia: a **terra**, pois o caminho leva à uma mudança de cenário correspondente ao caminho que cortam as parede de pedra.

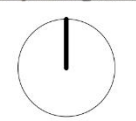
Esse contato com as rochas areníticas permitem uma aproximação do solo em uma perspectiva tão aproximada à altura dos olhos, de modo que das ruas da cidade e, até mesmo, da praça, não eram possíveis com o caminhas. Agora, com o caminho alternativo em ziguezague permeiam as pedras dá para se observar de perto como elas alimentam e se unem às raízes das arvores que ali se encontram.

É possível até um contato direto com a textura das rochas ao tocá-las, além de sentir o frescor que o ambiente natural mais fechado permite.





PLANTA APROXIMADA DO TRECHO 2| A terra



3. O AR | Ascensão em mistérios



Seguindo o percurso, mais um elemento da natureza soma à um percurso sensorial: o ar. Agora, aproveitando o corredor de pedras da serra, o vento é um elemento que muito se manifesta devido a parede de pedras.

Desse modo, o projeto neste momento faz o uso do vento para produção sonora, tal qual a escultura sonora conhecida como Windorgel (Vlissingen, na Holanda).

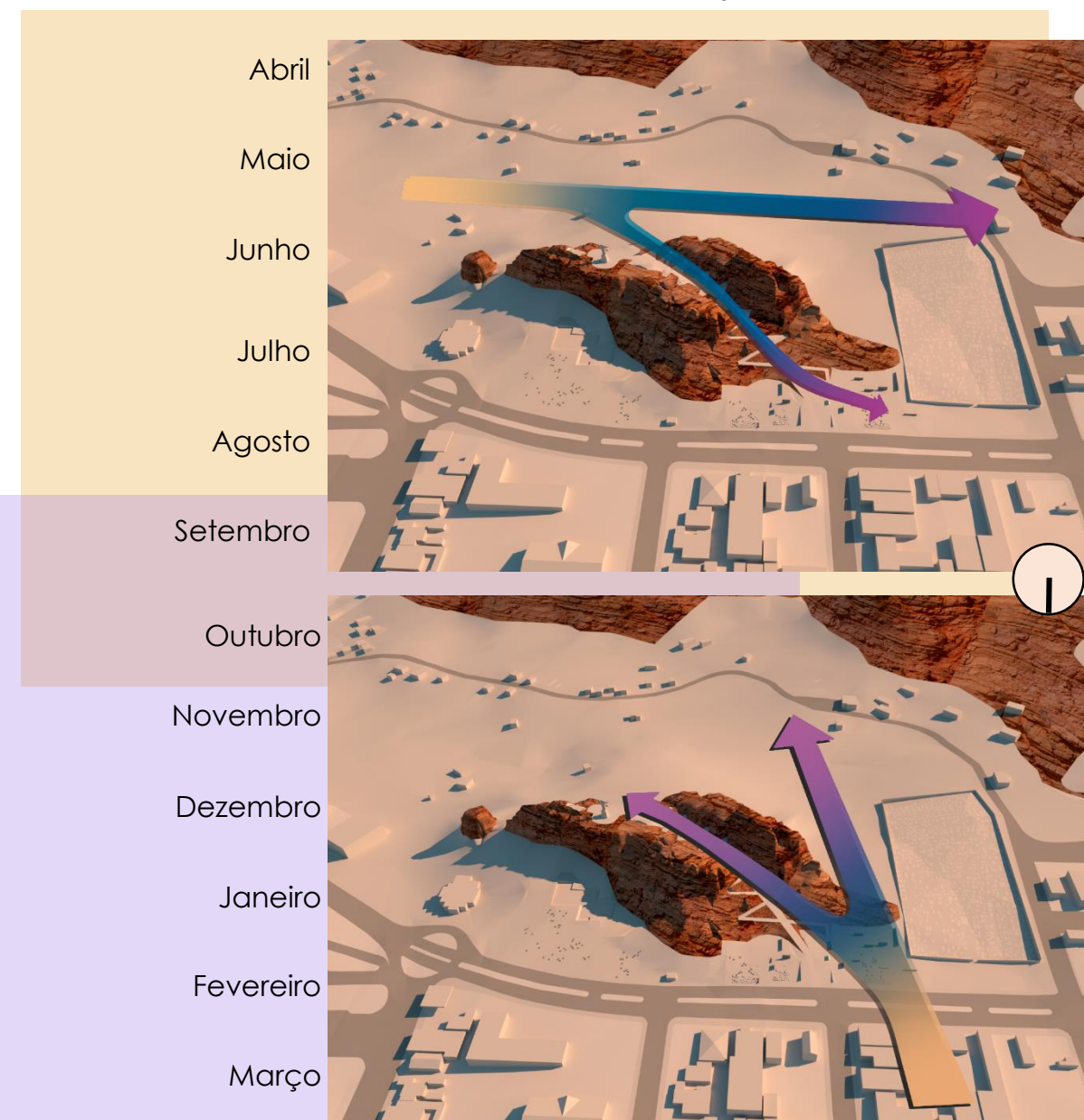
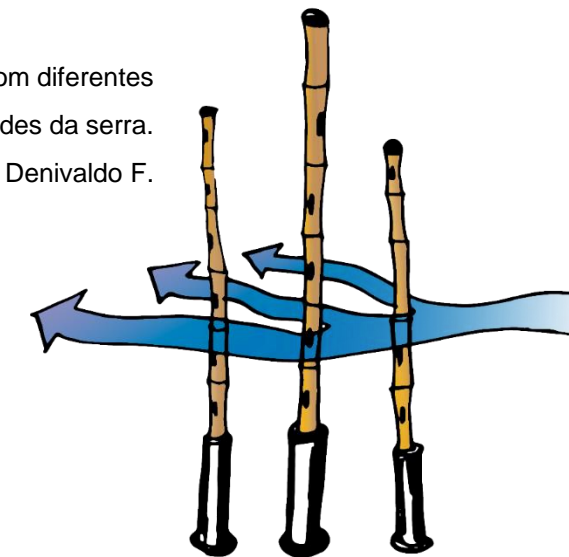
A presença de tubos de bambu, dispostos na periferia do caminho alternativo serpenteado, produzem sons a medida que o vento, ainda que em diversas velocidades, bate em orifícios abertos nesses tubos de bambu.

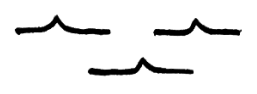
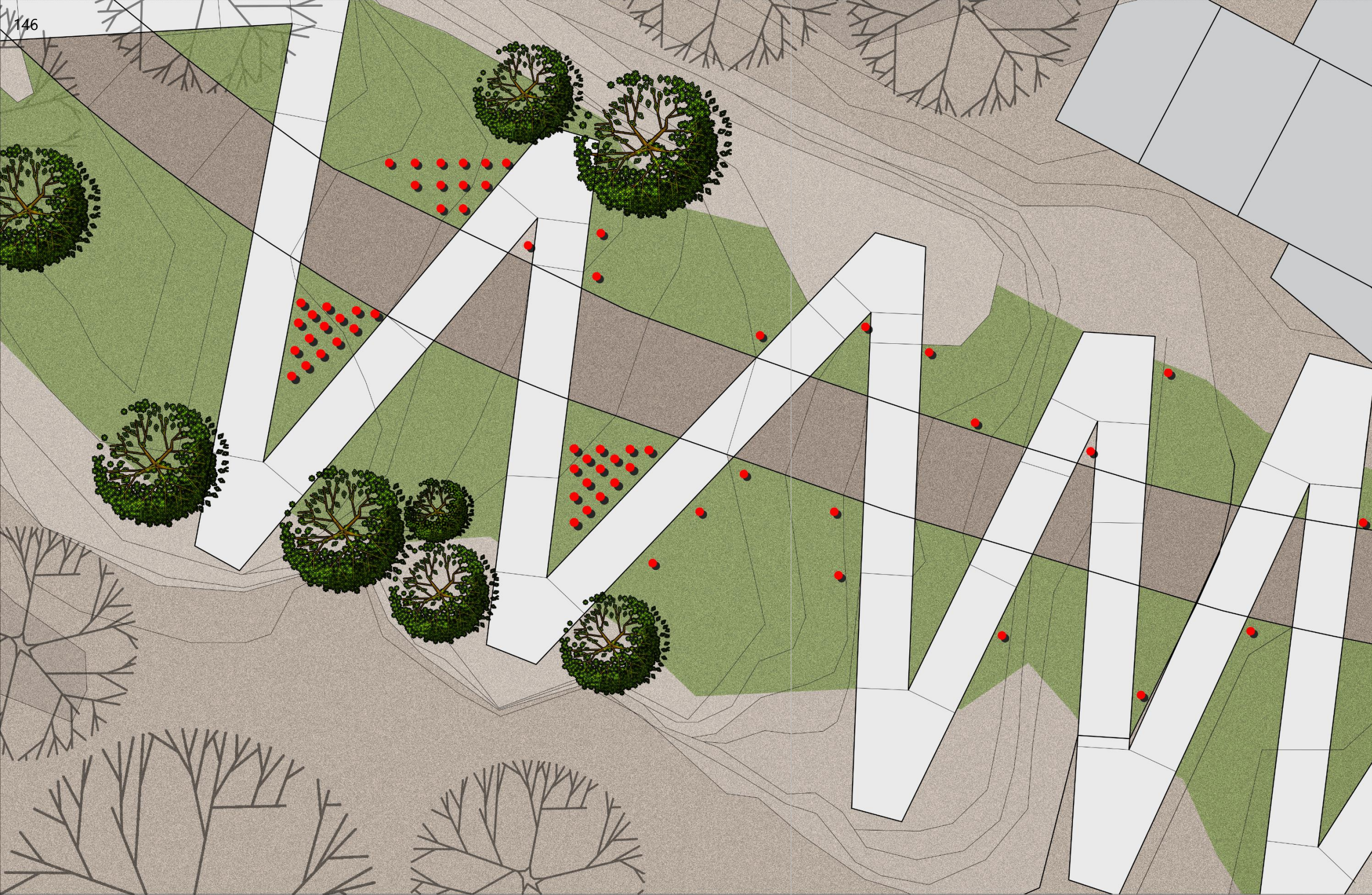
Não somente a produção sonora, a presença de plantas que liberam odores, fazem um acréscimo sensorial, de modo que o ar, manifesta-se neste momento da subida.



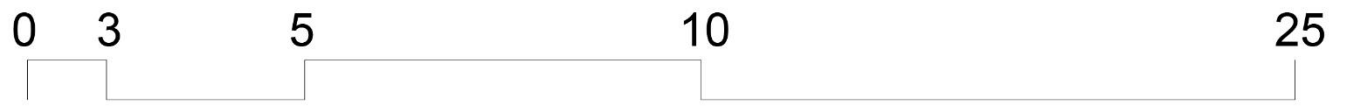
Croqui de hastes de bambu, que emitem sons com diferentes intensidades de ventos canalizados pelas próprias paredes da serra.


Fonte: Denivaldo F.






PLANTA APROXIMADA DO TRECHO 2| A terra



 Murta (planta que emite odor)

 Localização dos bambus

4. A ÁGUA | Ascensão em mistérios



O elemento explorado ao final do percurso rumo ao topo da serra é a água. Tal elemento, neste momento da caminhada, tem a missão de referir-se uma purificação, manifestado como um preparo final para o cume da Serra do Cristo, para o sagrado.

Desse modo, a arquitetura e o elemento água são tratados de modo interativos entre si, compondo um contraste entre o leve e o pesado. O fluido e o rígido.

Imagem final da proposta da Capela (projeto arquitetônico) que usa da água como o elemento de preparo final da narrativa em ascensão à Serra.

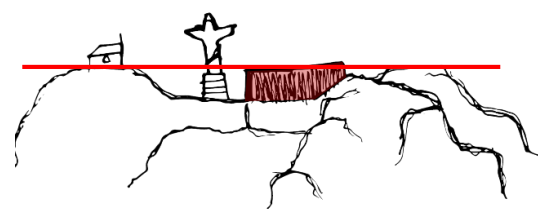
Fonte: Denivaldo F.



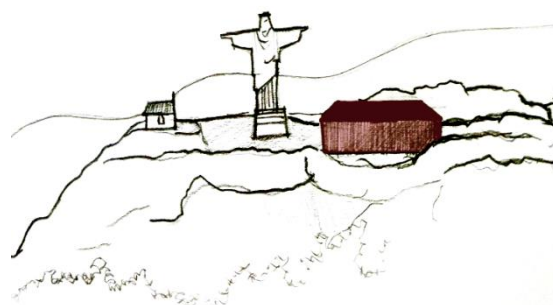
O SAGRADO | Capela Reverencial

A proposta da Capela Reverencial parte do princípio de respeito: respeito à preexistência criada pelo homem, ao longo da história do município de Paraúna, no local; e respeito às belezas naturais do lugar.

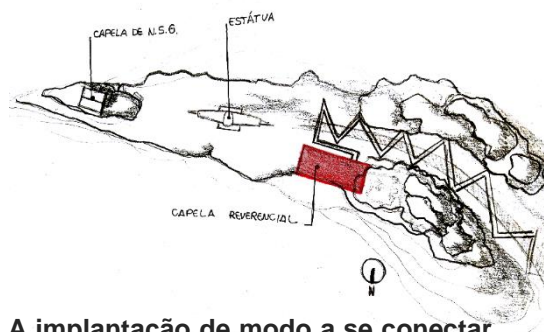
Para o primeiro, foram utilizadas dois princípios: o de respeito à altura da Capela de Nossa Senhora da Guia (fig. xx), associado à forma que parte de um volume composto por linhas e ângulos retos, de modo a provocar um contraste com a própria rocha da serra, com fins de evidenciar o contraste, para valorizar tanto o elemento natural, quanto o próprio edifício – o contraste proposto entre as formas natural e pensada, valorizam ambas as partes.



O respeito quanto a altura
Fonte: Denivaldo F.



O contraste volumétrico entre a serra e a Capela Reverencial
Fonte: Denivaldo F.



A implantação de modo a se conectar diretamente à rocha
Fonte: Denivaldo F.



Imagem panorâmica da Capela Reverencial em seu contexto de implantação

Fonte: Denivaldo F.



Um edifício que **contrasta** quanto à forma e materialidade, quando comparada com a própria serra (o seu contexto de implantação).

... e será abraçado pela natureza ao longo do tempo que se decorrer.



É um volume imponente. Um despertar de curiosidade, que não revela o seu interior antes de adentrá-lo.



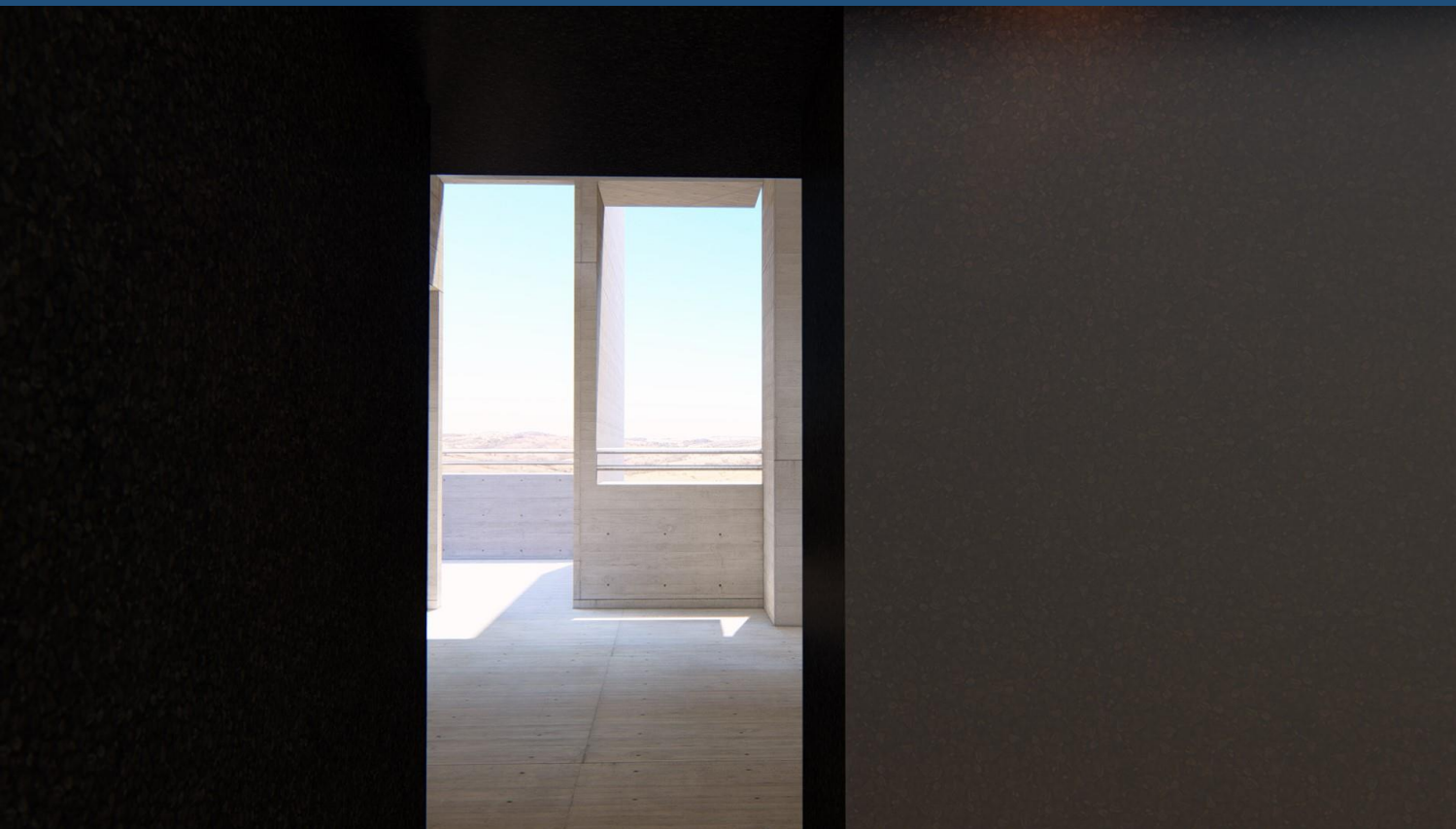
Decidido a entrar no edifício, uma passarela em concreto conduz o visitante a adentrar o edifício por um acesso que busca refletir sobre um preparo final antes de adentrar a capela proposta.

O acompanhante é o pequeno veio d'água com inclinação de 2% (sentido entrando à capela), onde a partir do momento em que começa a adentrar o túnel escuro e de pé direito de 2,5 metros, o som da água seja prelevado (para proteção, neste momento o veio possui uma grade que pode ser pisada) dando seguimento ao pequeno circuito de entrada.





O início do corredor de entrada



O fim do corredor de entrada



A surpresa desejada. O corredor escuro abre espaço à um interior relativamente amplo e com aberturas generosas

O espaço é amplo e livre de mobiliários fixos, de modo que explorar o local de maneira livre seja priorizado. Para tanto, a medida que se percorre o interior da edificação, as aberturas revelam-se como verdadeiras molduras: para a própria serra, à oeste; para estátua e a Capela de Nossa Senhora da Guia, a leste; para Serra da Arnica, à nordeste.

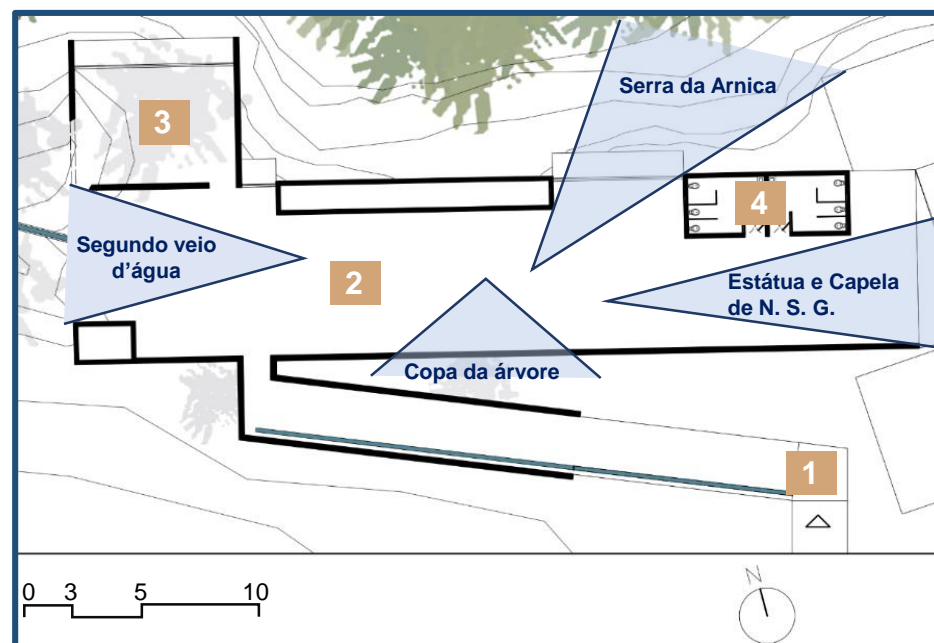


DIAGRAMA DE VISADAS PARA ABERTURAS ESTRATÉGICAS

- | | |
|----------|--------------------------------|
| 1 Acesso | 3 Área de introspecção à parte |
| 2 Nave | 4 Banheiros |



Aberturas emolduram a Serra da Arnica, estátua do Cristo e a capela N.S.G. da própria Serra do Cristo

Fonte: Denivaldo F.

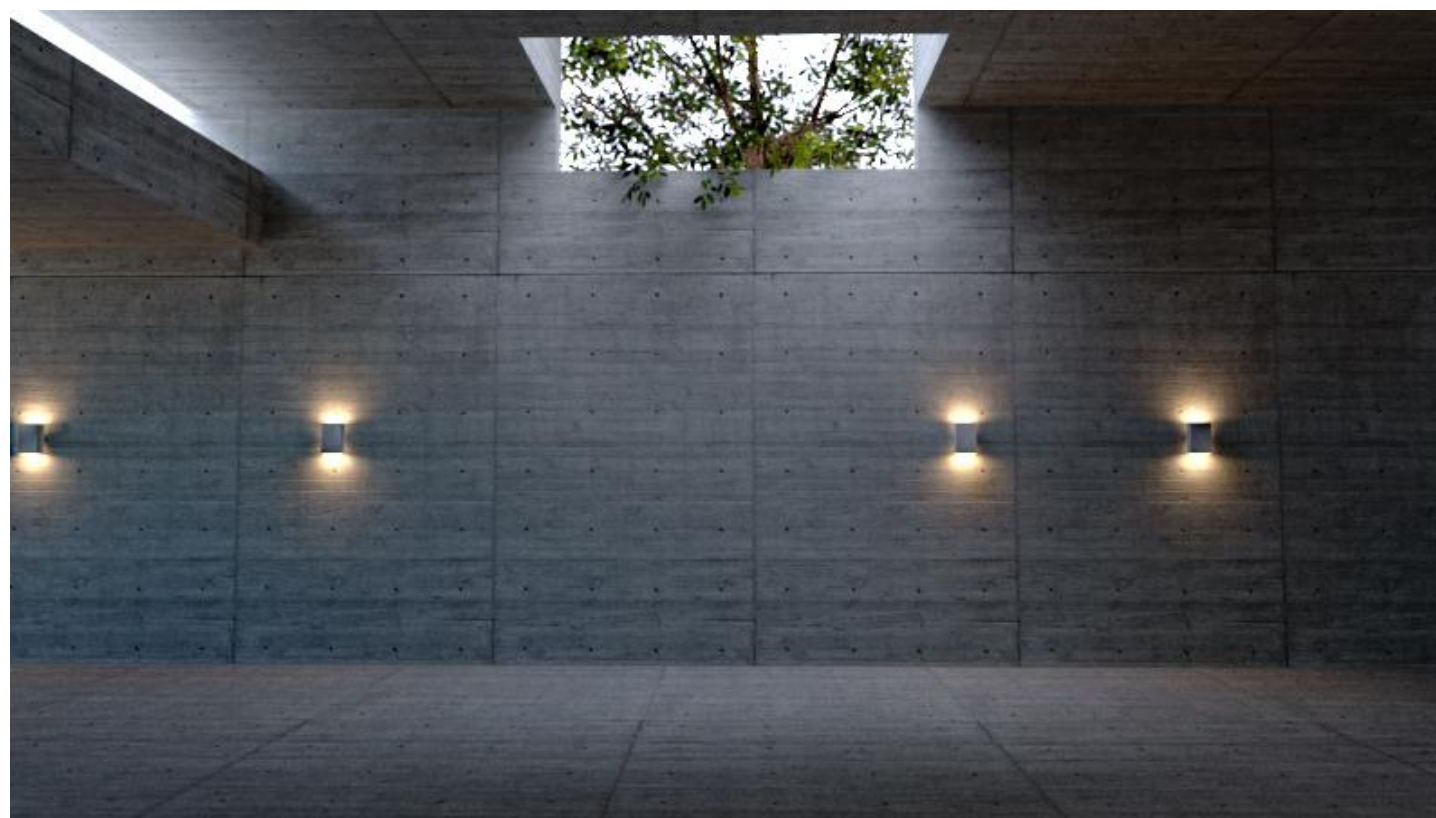


Imagem final da abertura que emoldura a própria natureza que abraça a Capela Reverencial

Fonte: Denivaldo F.



Conexão entre o edifício e a rocha da própria Serra do Cristo

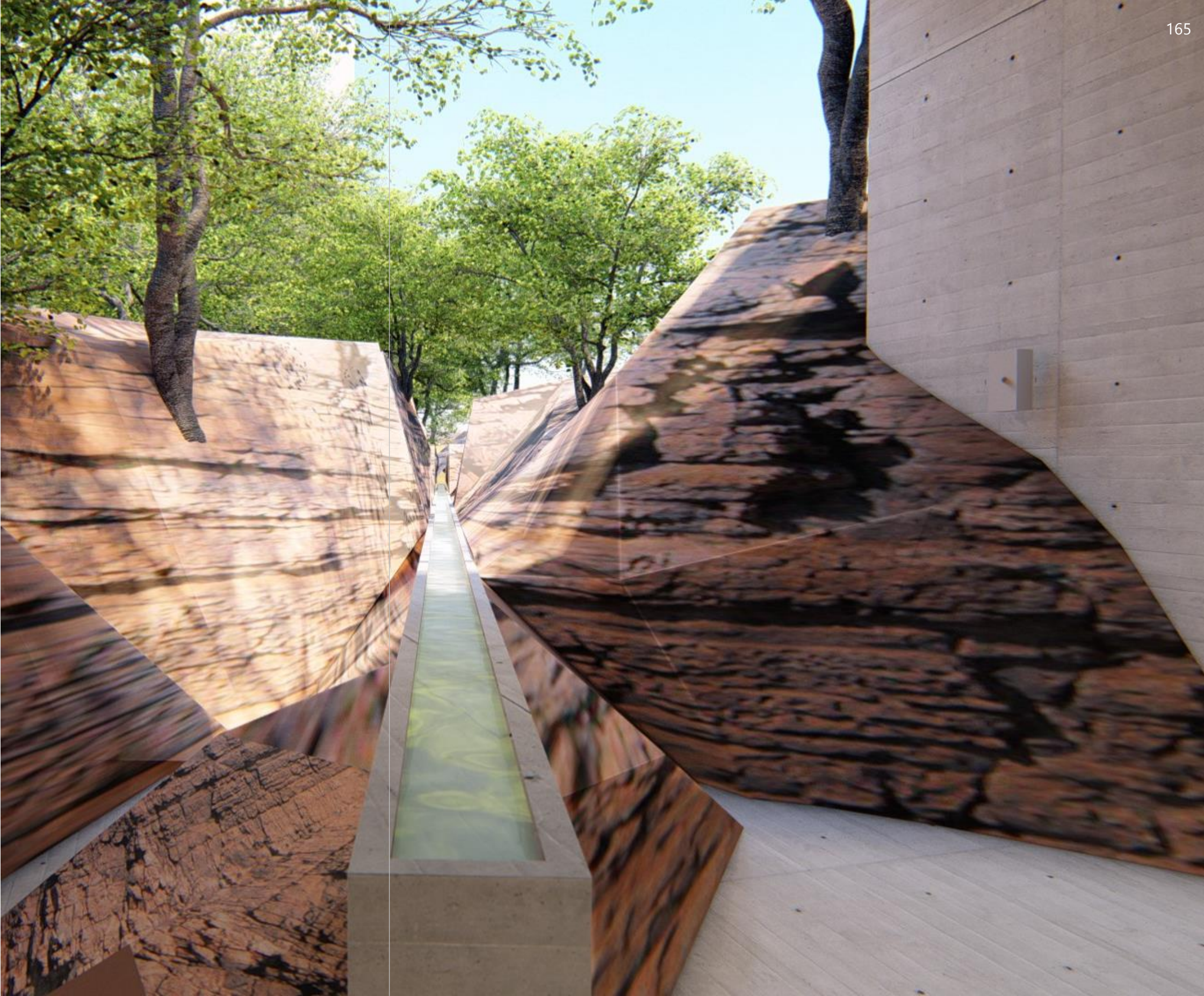
Fonte: Denivaldo F.

O VEIO D'ÁGUA QUE CONDUZ ÀS PEDRAS

O segundo veio d'água marca um contraste entre natureza por, também, configurar-se em linha reta em meio às volumetrias fragmentadas da rocha. Assim, começa no interior da Capela Reverencial e estende-se à oeste, em meio a natureza não tocada da Serra do Cristo.

Diante disto, é um veio que pretende despertar um inquietações: por quê ele está ali? O que ele representa? Qual o seu significado? De modo que todas as interpretações sejam bem vindas: pia batismal e/ou uma metáfora que conduz o observador a uma interação sutil com a natureza, são exemplos de possibilidade de interpretação que o veio d'água permite. Um elemento que reforça a pluralidade de usuários.

A Capela Reverencial parte da premissa de abrir a Serra do Cristo para as mais diversas religiões. É uma capela ecumênica. De modo que a apropriação de toda a área do projeto, receba a diversidade.



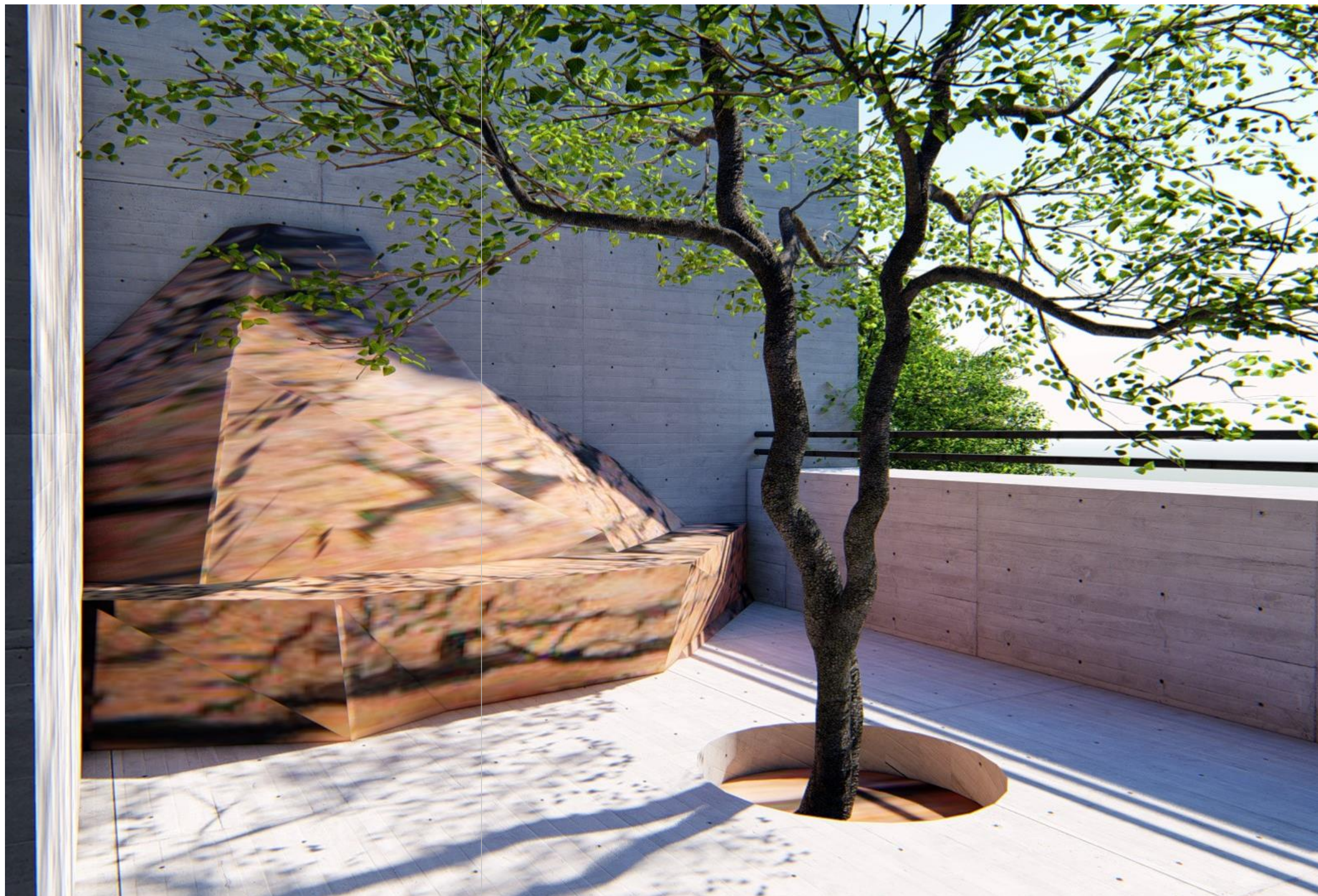
ÁREA DE INTROSPECÇÃO À PARTE



A área de introspecção à parte é uma área em que a capela funde-se à própria formação rochosa e esculpir a rocha de modo a formar um mobiliário de sentar foi uma solução interessante de apropriação no local.

A centro, a presença da árvore nativa do cerrado configura uma sensação de apropriação bilateral entre a intervenção e a natureza.

Por fim, a vista se abre para a própria cidade que, com a presença do guarda corpo robusto e pesado, dão segurança ao visitante do local.

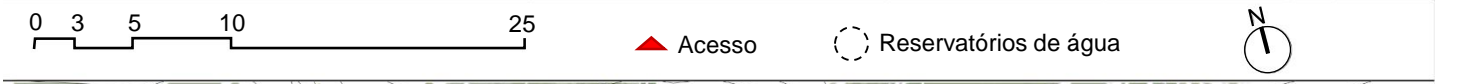
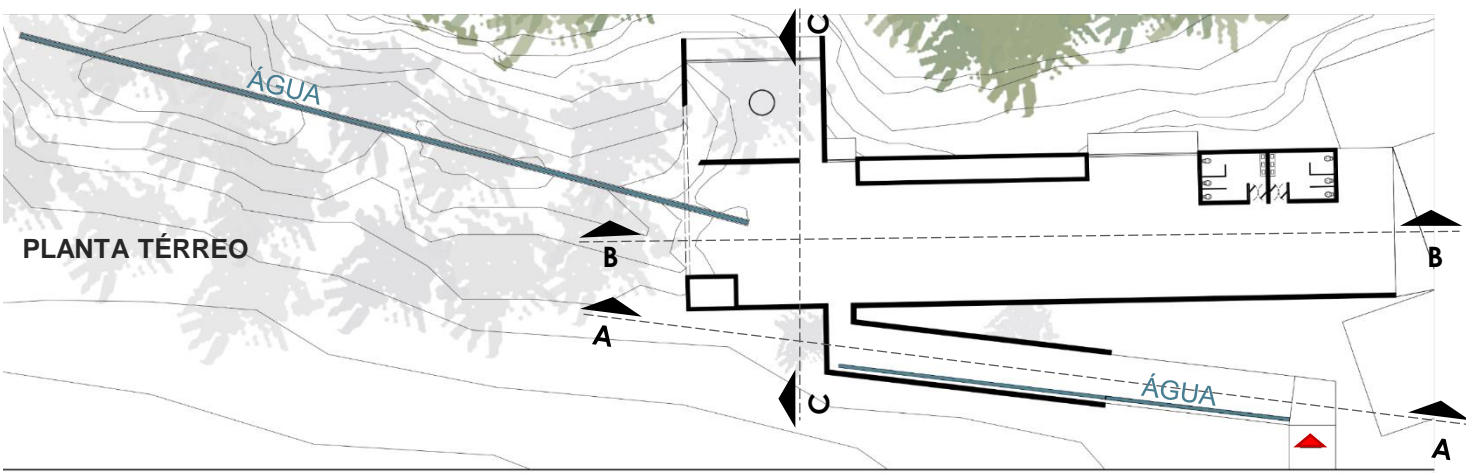


DADOS TÉCNICOS:

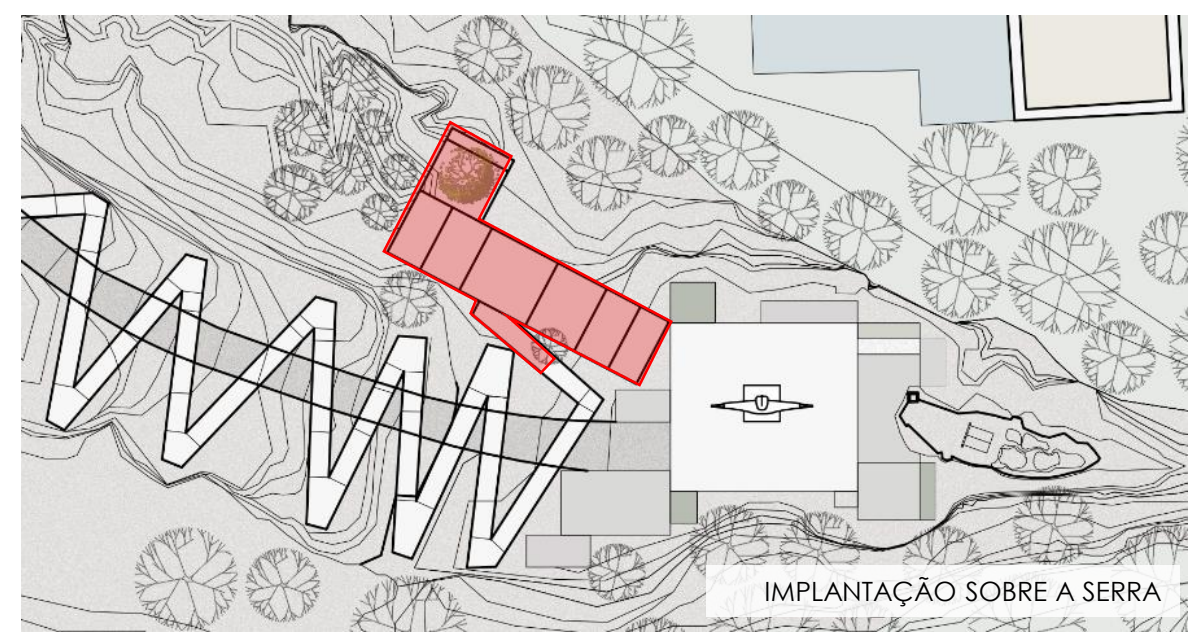
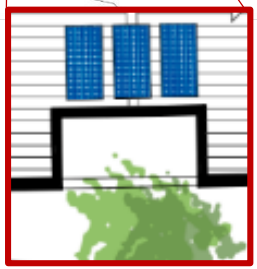
Nome: Capela Reverencial

Área: 345 m²

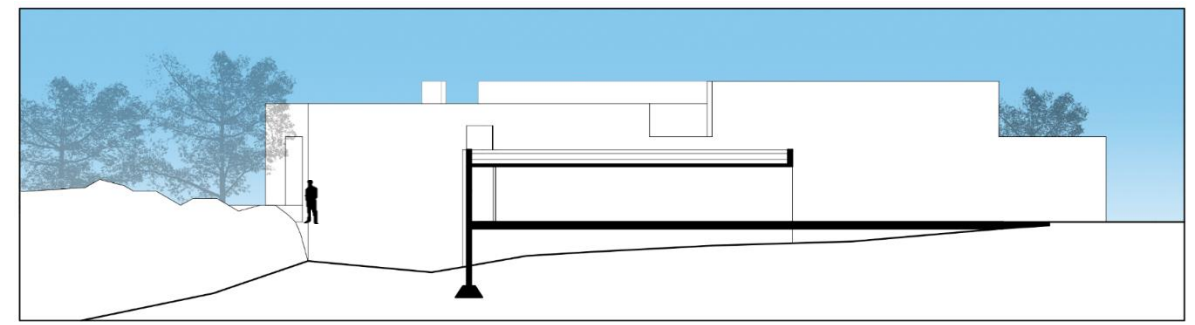
Materialidade: Concreto armado



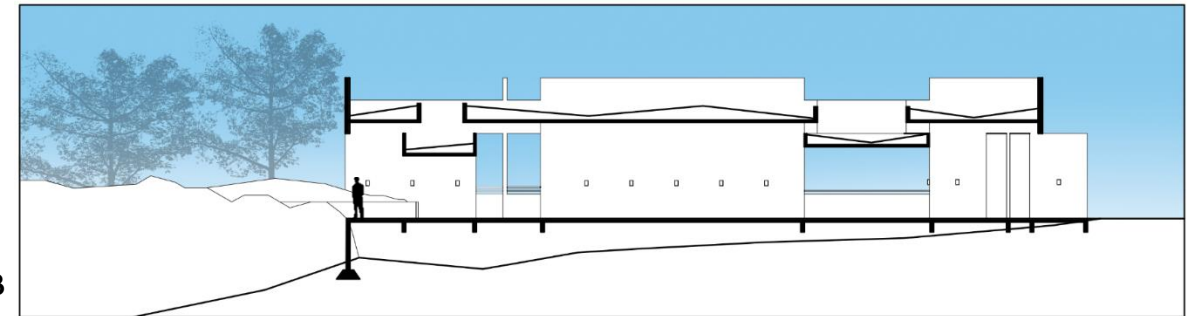
Painéis solares para bomba que eleva a água da base da serra até a capela



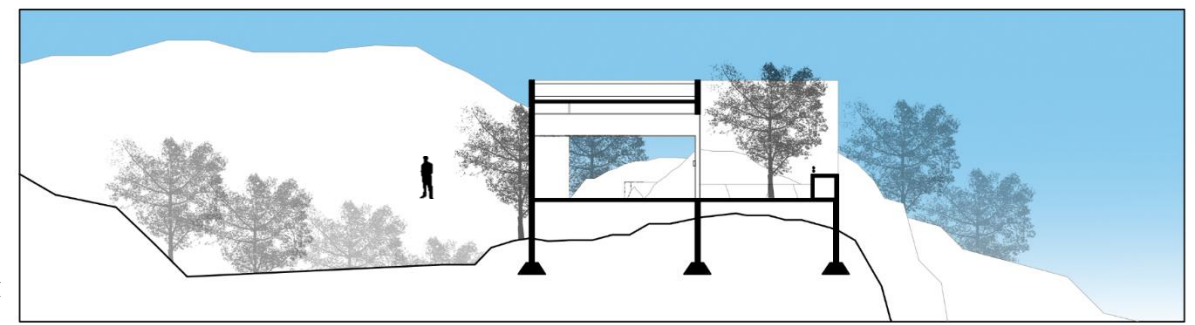
CORTE AA



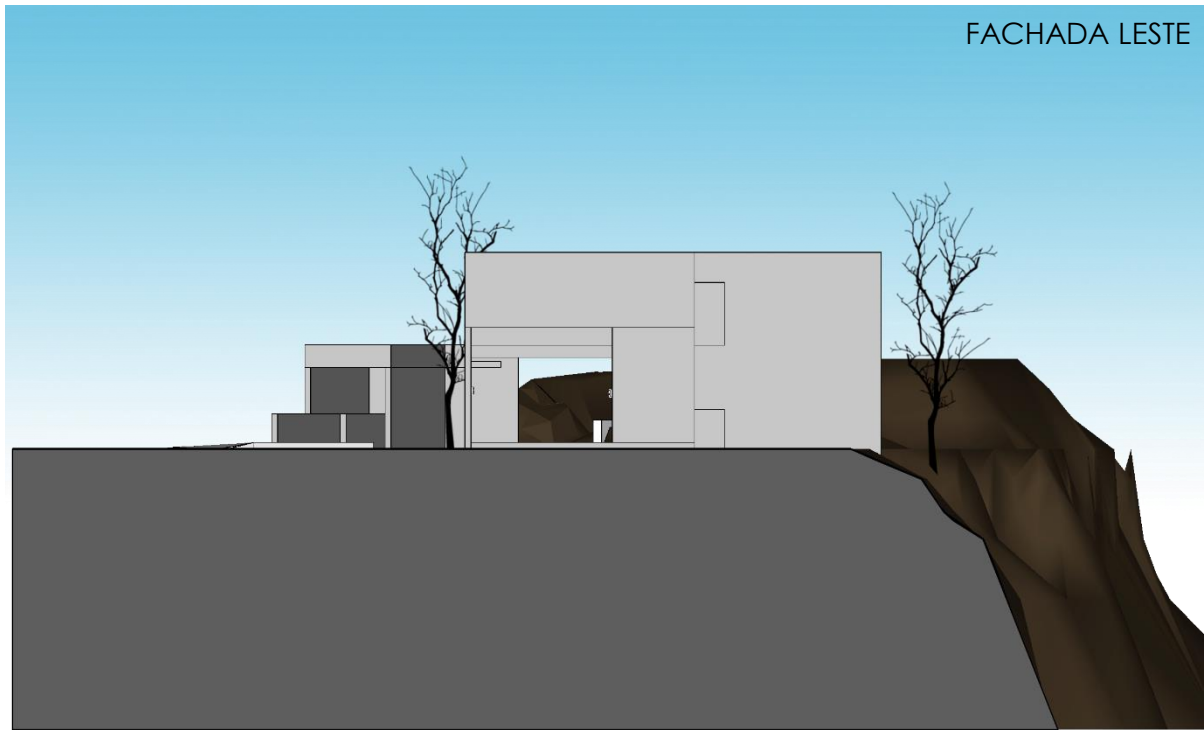
CORTE BB



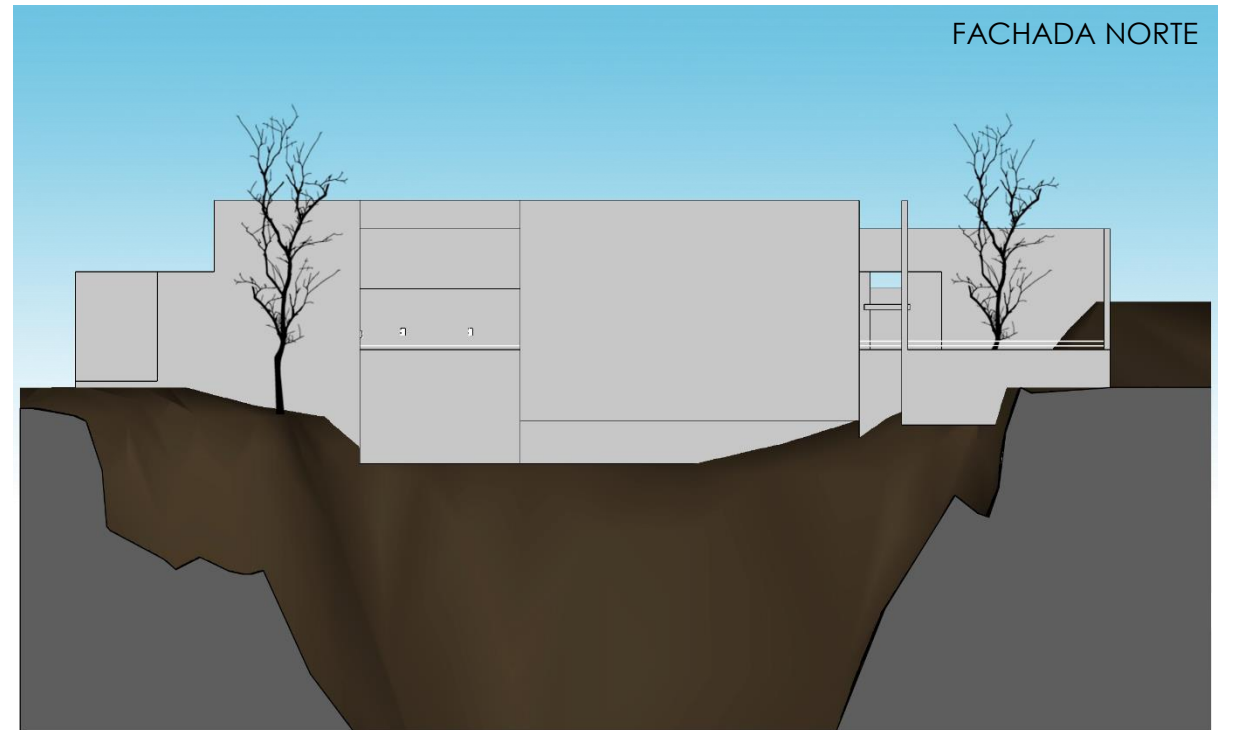
CORTE CC



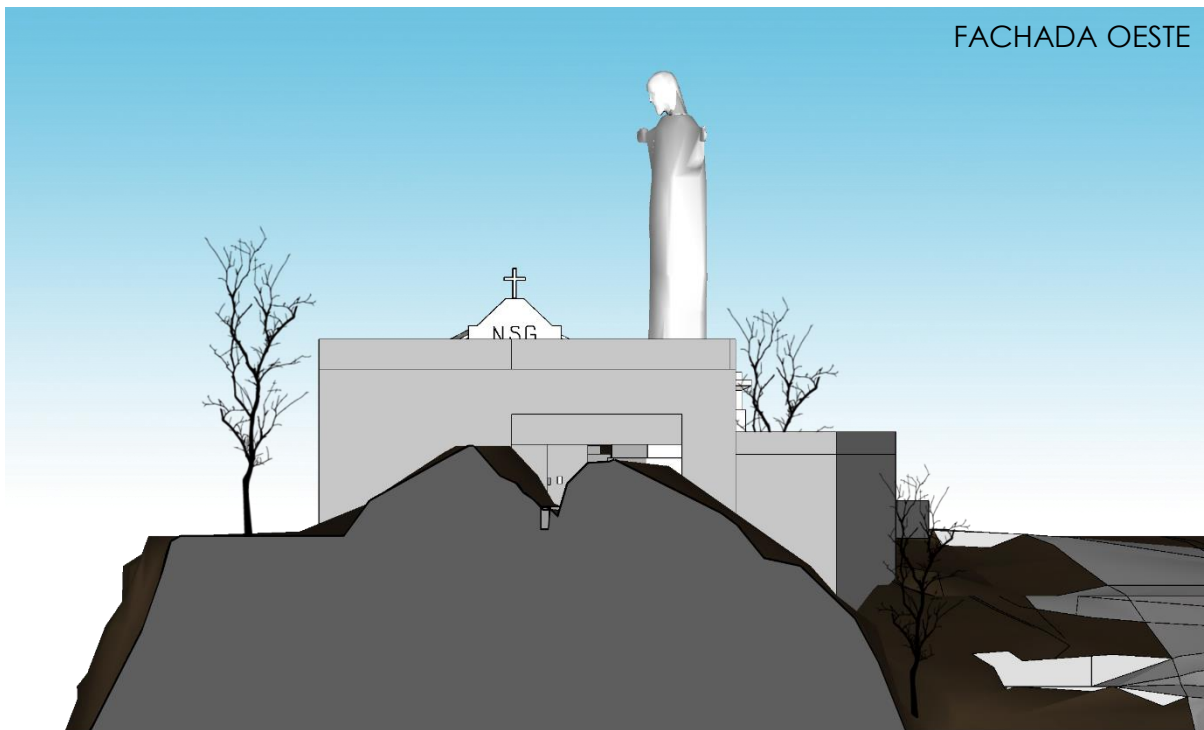
FACHADA LESTE



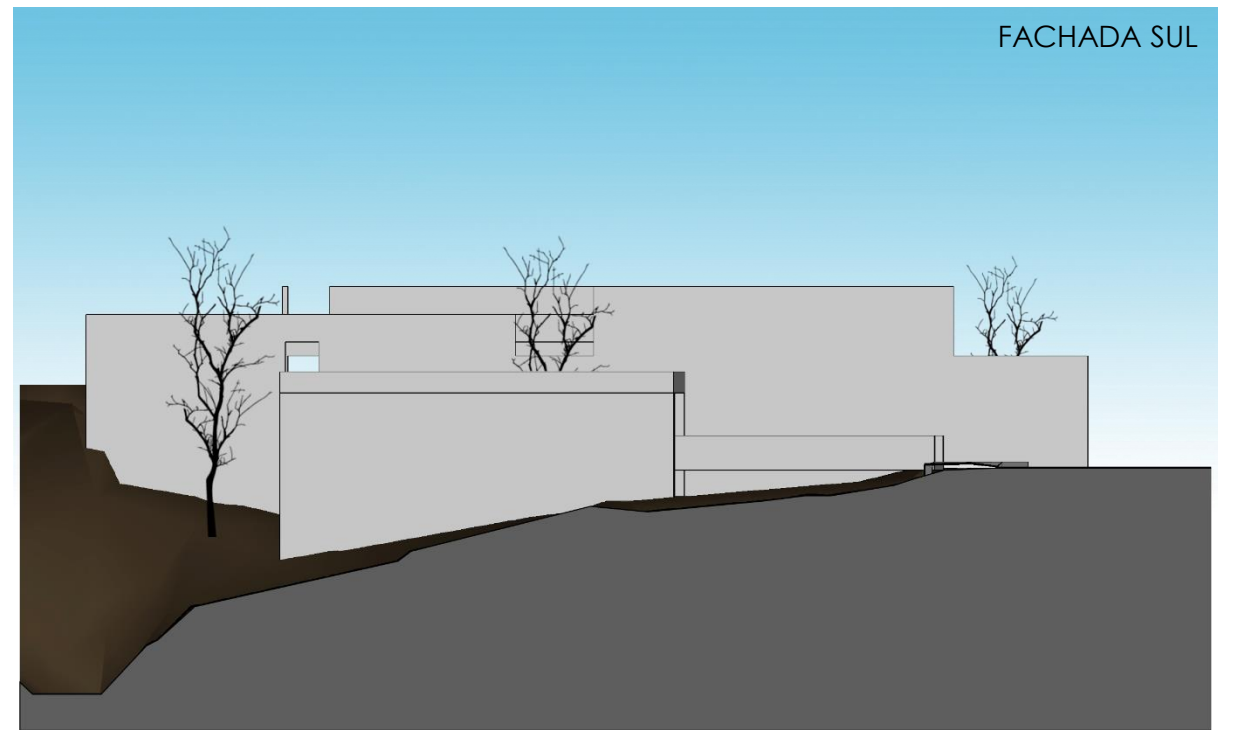
FACHADA NORTE



FACHADA OESTE



FACHADA SUL





O SAGRADO | Reconfiguração do espaço sagrado







A finalização do que se tem de intervenção no local, é o topo da Serra (toda a área livre na base as estátua e da capela já existente), onde ocorrem as Novenas de Nossa Senhora da Guia. Como o evento acontece desde 1944, decorridos 76 anos, muitas exigências de conforto e uso, foram tornando-se cada vez mais essenciais para abrigar os usuários que ali frequentam.

Assim, para pensar o paisagismo, foi essencial responder à duas questões: como ajudar a manifesta o sagrado na área superior, mas ao mesmo tempo manter uma comunicação visual com todo o projeto?

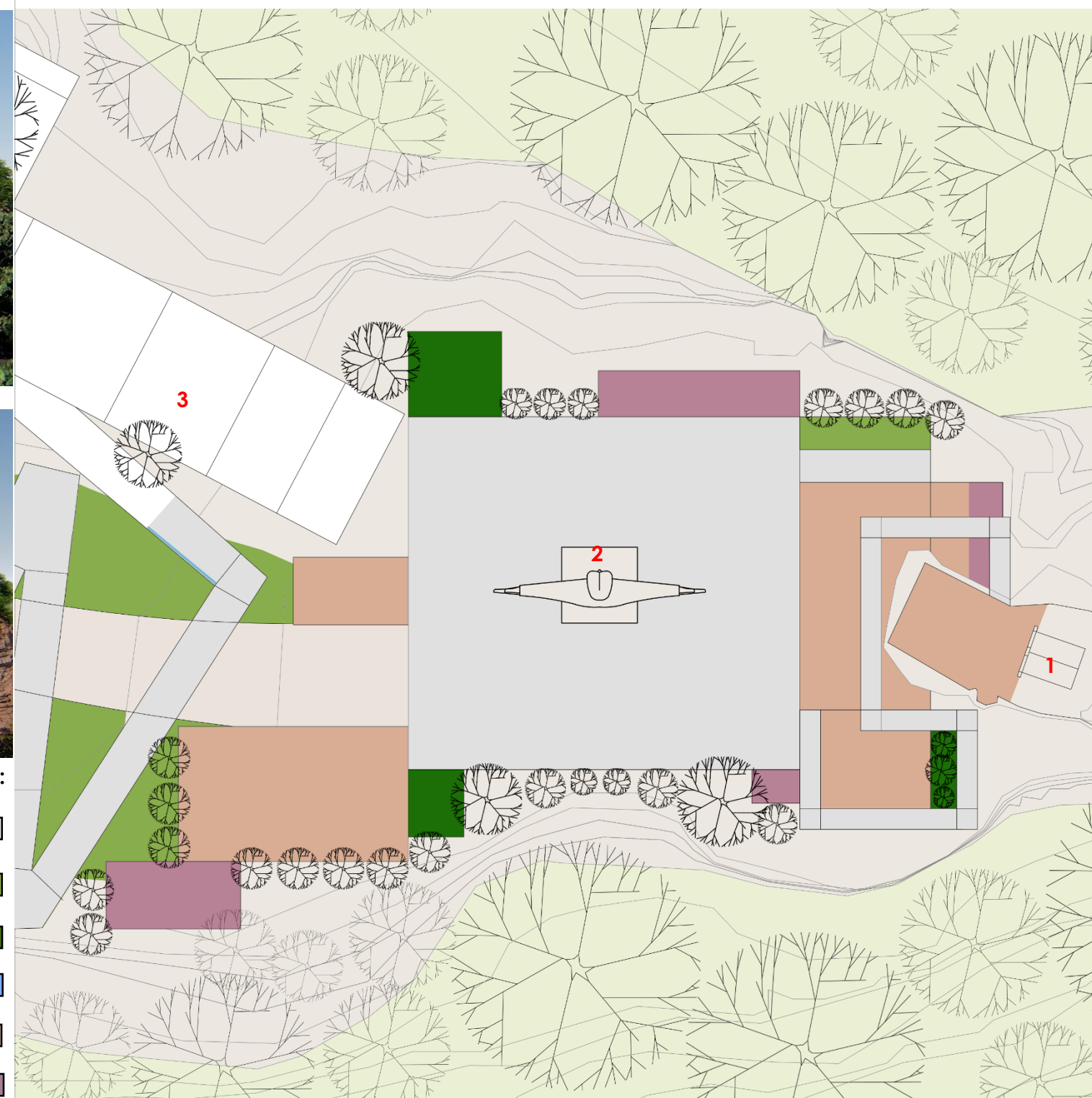
Assim, os planos retangulares também compuseram a proposta, mas não foram sobrepostos de modo a criar uma confusão visual, mas foram dispostos de modo tangencial, apropriando da área livre sobre a serra, e pensando em deixar a ampla área seca para receber o volume de pessoas que mantém as tradições de uso religioso no local.



LEGENDA:

- Pavimentação Em Cimento 
- Forração Pisoteável 
- Forração Não Pisoteável 
- Água 
- Pavimentação Em Pedra Portuguesa 
- Forração Não Pisoteável Rubra 

Área Construída: 1005 m²



0 3 5 10

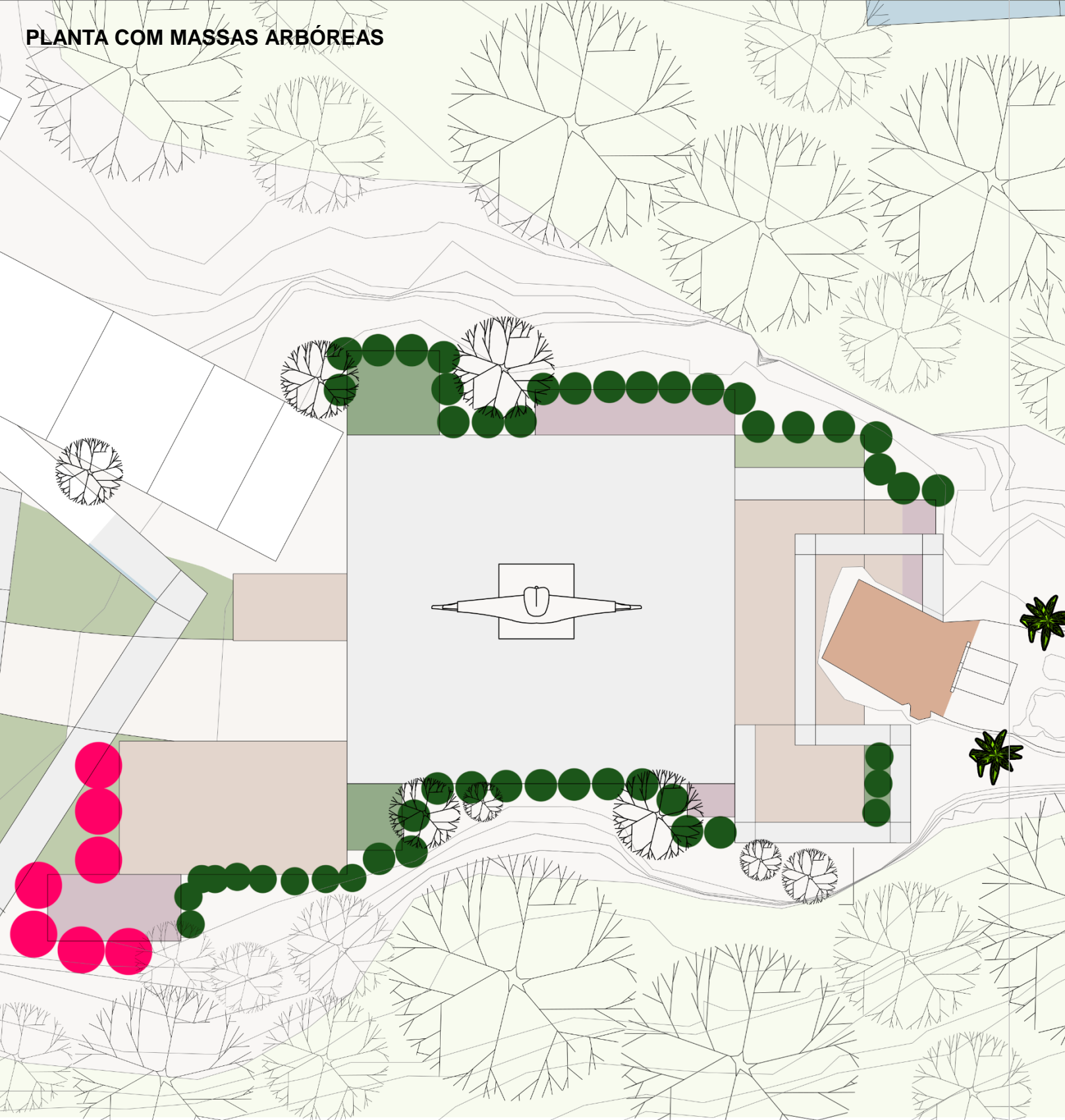


1 Capela de Nossa Senhora da Guia

2 Estátua do Cristo

3 Capela Reverencial

PLANTA COM MASSAS ARBÓREAS



● Arbustiva

● Floração rosa

🌴 Palmeira

0 3 5 10



FLORAÇÃO ROSA



Nome: Quaresmeira
Nome científico:
Tibouchina granulosa

Porte: médio porte,
com 8 – 12 m



Nome: Resedá rosa
Nome científico:
Lagerstroemia indica

Porte: pequeno porte,
com 3 – 7 m

PALMEIRA



Nome: Guerobeira
Nome científico:
Syagrus Oleracea

Altura: 20 m

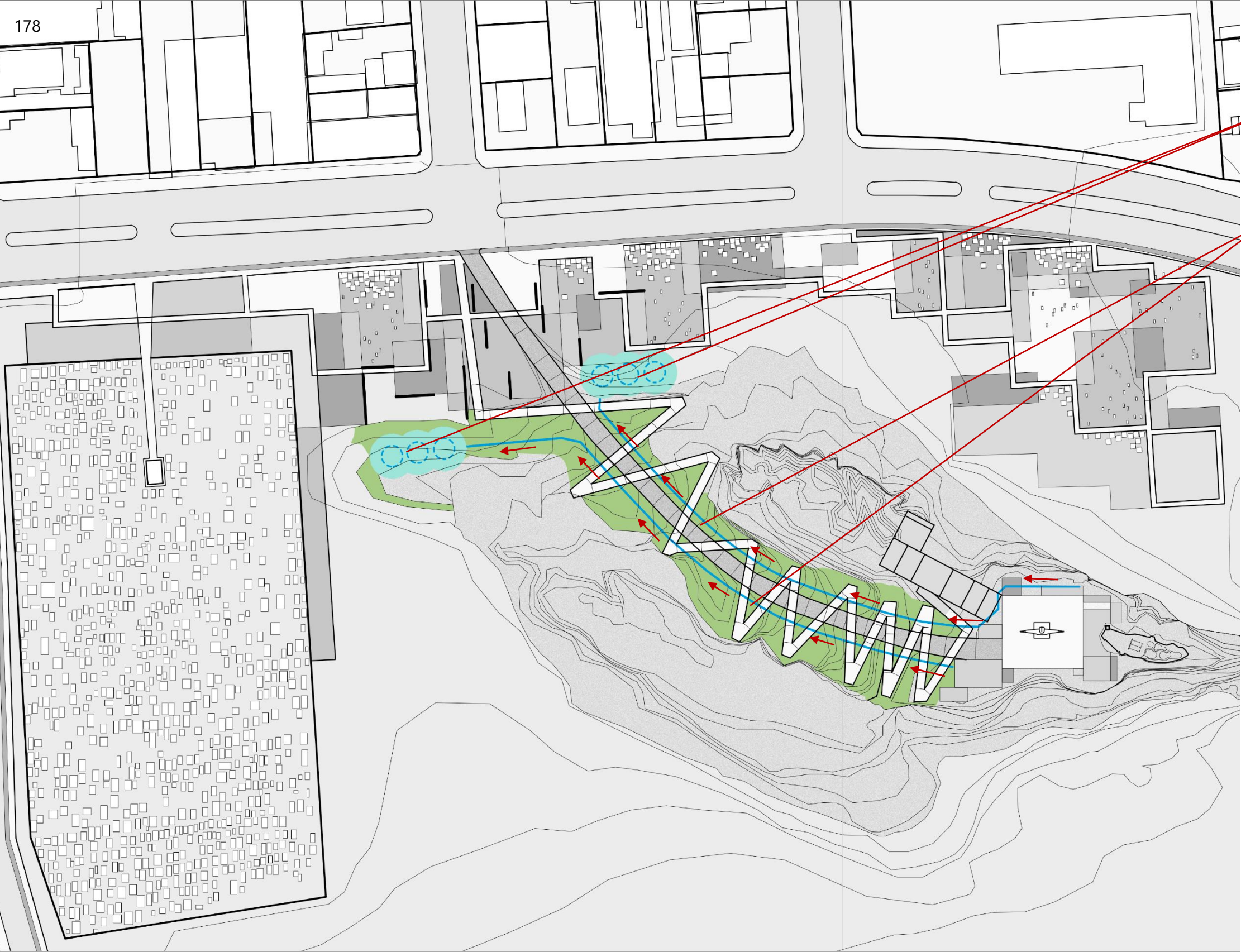
ARBUSTIVA



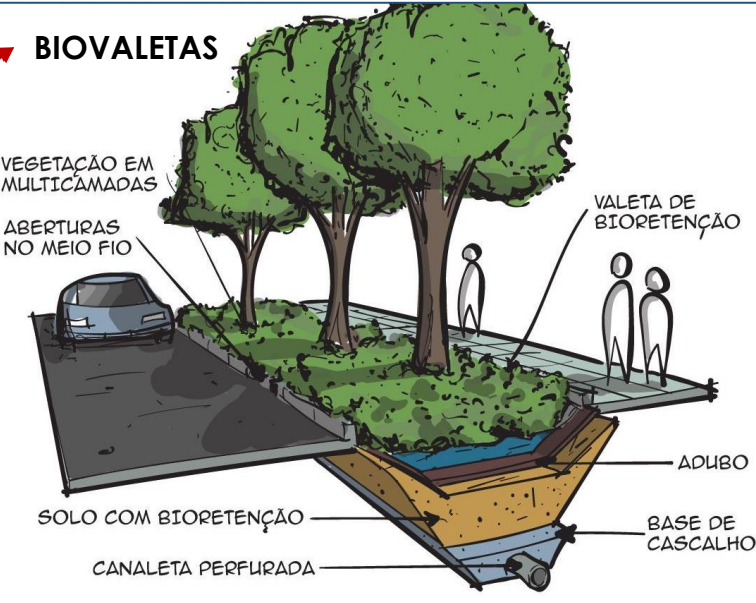
Nome: Coroa-de-Cristo
Nome científico:
Tibouchina granulosa
Porte: arbustiva, com
0,6 – 0,9 m

NATIVAS PREEXISTENTES





RESERVATÓRIOS DE ÁGUAS PLUVIAIS PARA REUSO.



Esquema em croqui de biovaleta
 Fonte: https://br.pinterest.com/pin/303500462391798626/?nic_v2=1a3JpUiJ, S.d.

SISTEMA DE CAPTAÇÃO DE ÁGUAS PLUVIAIS

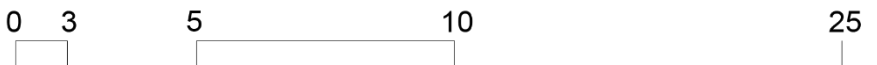
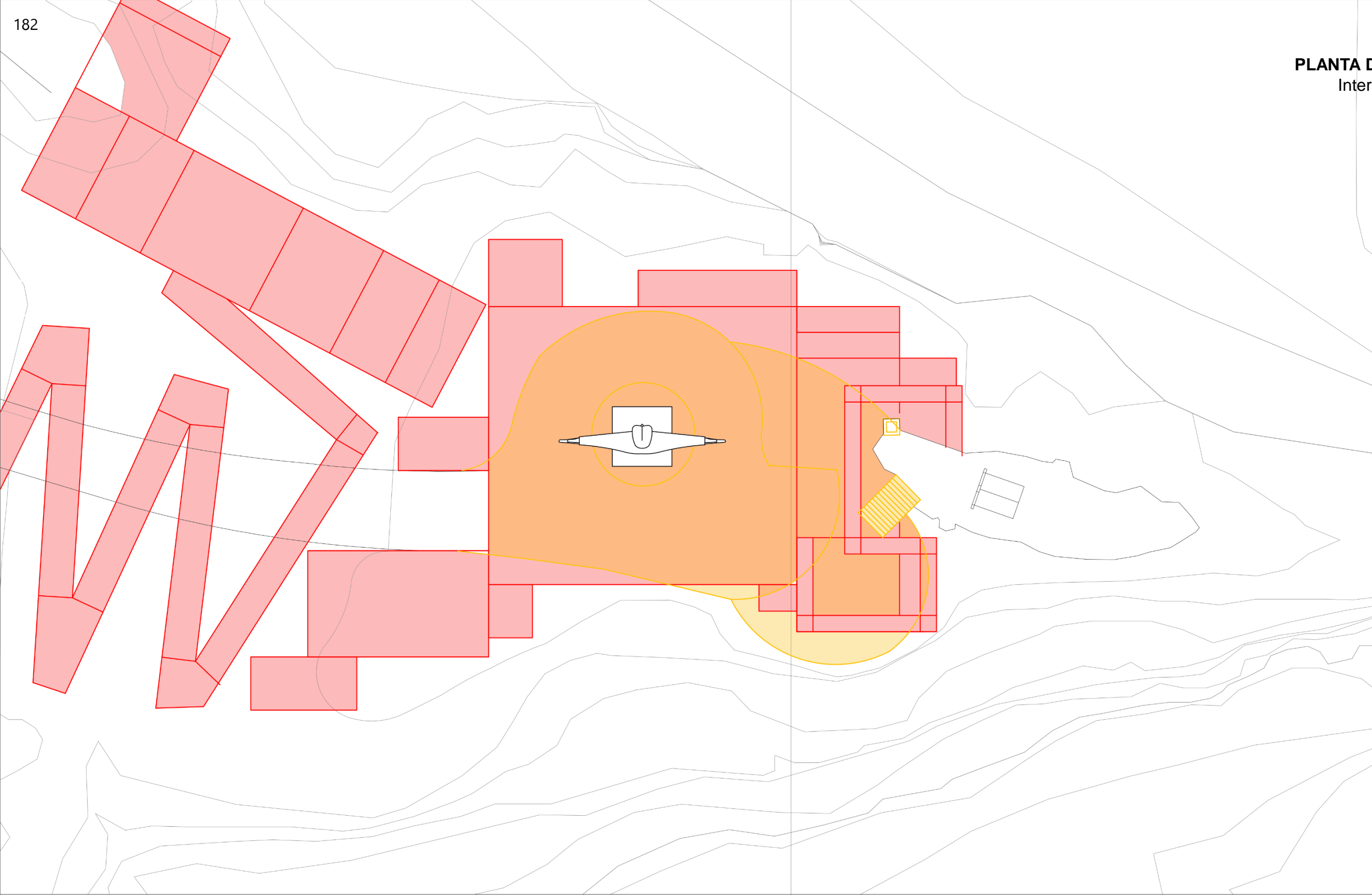


Entardecer em dia e Novena à Nossa Senhora da Guia 1.2



Entardecer em dia e Novena à Nossa Senhora da Guia 2.2

PLANTA DEMOLIR E CONSTRUIR
Intervenção no cume da Serra



 Construir

 Demolir

 Reconstruir



[...] em cada área de abrangência de uma determinada fé, as experiências religiosas estão diretamente relacionadas à natureza e à maneira pela qual os ritos religiosos as exploram [...]. ROSENDHAL, 2002.

ARENITO SAGRADO

UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO ENTRE PAISAGENS DIALÉTICAS



REFERÊNCIAS

ABBUD, Benedito. **Criando Paisagens: guia de trabalho em estudos paisagísticos**. 1ª edição. São Paulo: Editora Senac sp, 2006.

A COBRA fumou. Direção: Vinícius Reis. Rio de Janeiro. BSB cinema, 2002. 1 DVD (94 min).

ANÁLISE. **Dicionário Etimológico**, s.d. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/analise/>>. Acesso em: 04 set. 2019.

CARSALADE, Flávio de Lemos. **A pedra e o tempo: arquitetura como patrimônio cultural**; tradução para inglês Marcel de Lima Santos – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENCICLOPÉDIA dos municípios Goianos. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1958. 36 V.

FERREIRA, Bruno Martins. **Geodiversidade no município de Paraúna/Goiás**. Tese (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2017.

GREGOTTI, Vittorio. **Território da Arquitetura**. 3ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

IBGE. **Paraúna – Goiás**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/parauna/panorama>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

PREFEITURA DE PARAÚNA. **História da Cidade: história da cidade de Paraúna - Goiás - Brasil**. Disponível em: <<https://www.parauna.go.gov.br/pagina/150-historia-da-cidade>>. Acesso em: 23 set 2019.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. 2ª edição. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

RYKWERT, Joseph. **Lugares da memória: memoir**. 1ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2015.

SANCHEZ. **Paraúna, encruzilhada de enigmas**. In: Enigmas de Paraúna: A face oculta da natureza. 1ª edição. Editora Imery, 1986.T

TOVÁR, Alódio. **Enigmas de Paraúna: A face oculta da natureza**. 1ª edição. Goiânia: Editora Imery, 1986.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e o lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2013.

URBANIDADES. **Kevin Lynch e a imagem da cidade**. Disponível em: <<https://urbanidades.arq.br/2008/03/14/kevin-lynch-e-a-imagem-da-cidade/>>, acesso em: 01 out. 2019.

ARENITO SAGRADO

UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO ENTRE PAISAGENS DIALÉTICAS